



LUIZ
ALFREDO
GARCIA-ROZA

VENTO
SUDOESTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

Vento Sudoeste

Série Delegado Espinosa # 3

Companhia das Letras

1999

Sinopse

No Rio de Janeiro, o vento sudoeste anuncia mudança. Não se trata apenas da mudança óbvia, do tempo. Para os moradores locais, ele tem a natureza de sinal. Pode ser sinal de chuva ou de ressaca nas praias, pode ser sinal para o pescador permanecer em terra, pode ser sinal de que mudará o humor dos garçons ou de que Maria vai brigar com João. E também pode ser sinal de morte violenta.

Soprava um Sudoeste quando o delegado Espinosa saiu para se encontrar com o homem que lhe fez o estranho pedido: investigar um assassinato que ainda não tinha sido cometido e cujo assassino seria ele próprio. Mais estranho ainda: o homem ignorava o motivo do crime, como seria cometido e quem seria a vítima.

Orelha

Atormentado pela previsão perturbadora feita por um adivinho em sua festa de aniversário, Gabriel busca a proteção e os conselhos do delegado Espinosa, titular da 12ª DP, em Copacabana. O rapaz está convencido de que cometerá um assassinato. O que à primeira vista soa como alucinação, logo passa a ser encarado como fato: há um assassino a postos, falta a consumação do crime.

Mas como alguém pode ter certeza de que vai matar outra pessoa sem conhecer a identidade da vítima nem a razão e a data do crime? Por que o virtual assassino teria interesse em avisar justamente a um delegado? E que motivo teria o policial para levar a sério um caso que mais parece assunto de psiquiatra? Pouco a pouco, Espinosa vai se enredando numa trama assombrada por conflitos psicológicos e assassinos em potencial.

À medida que o tempo muda e ao sabor do vento sudoeste – prenúncio de perturbações de todo tipo -, o que de início se apresentava como delírio persecutório acaba assumindo feições brutais. Duas mortes violentas têm como único ponto de união o rapaz ingênuo e solitário que procurou Espinosa dias antes para uma conversa informal.

Numa cinzenta Copacabana, com o mar encarneirado e o céu coberto por nuvens esfarrapadas, encurralado entre o delírio de um rapaz visivelmente obsessivo e paranoico e a realidade de duas mortes – e muitas vezes imerso numa desconcertante mescla dos dois -, Espinosa procura definir as fronteiras que separam conflitos psicológicos, mudanças climáticas e crimes. Enquanto isso, ao embrenhar-se na solução de seu enigma pessoal, Gabriel se perde num abismo interior que desconhece.

Luiz Alfredo Garcia-Roza nasceu em 1936, no Rio de Janeiro, cidade onde vive até hoje. Formado em filosofia e psicologia, foi professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e

coordenador de um programa de pós-graduação em teoria psicanalítica. Escreveu oito livros sobre psicanálise e filosofia. *O silêncio da chuva*, sua estreia na literatura, recebeu os prêmios Nestlé e Jabuti de 1996. Seu segundo romance, *Achados e perdidos* (1998), também foi lançado pela Companhia das Letras.

PARTE I

1

Às quatro da tarde, o pequeno restaurante de bairro estava vazio. O único garçom, em uma mesa ao fundo, dividia-se entre uma pilha de pratos à sua frente e o aparelho de televisão num dos ângulos da sala. Olhos fixos na tela, pegava o prato, borrifava álcool, enxugava, e formava outra pilha ao lado da primeira. Executava o serviço sem pressa, de acordo com o ritmo do filme. Terminada a tarefa, dividiu os pratos em duas pilhas rigorosamente iguais, momento em que teve que desviar os olhos da tela. Passou então aos talheres. Retirava-os de uma bacia de plástico situada à sua esquerda, borrifava álcool, e após enxugá-los meticulosamente, jogava-os dentro de uma caixa à sua direita. Essa tarefa era mais difícil de conciliar com a televisão porque a caixa era dividida em compartimentos para facas, garfos e colheres, e era quase impossível acertar no compartimento adequado sem olhar.

O ruído repetido e monótono dos talheres sendo jogados na caixa só fez aumentar a irritação de Espinosa, além de tornar difícil a concentração na conversa.

- Não faço biscates.
- Sei que não faz, delegado.
- Mas é o que está me propondo.
- Preciso de ajuda.
- Por que não procurou um investigador particular?
- Não conheço nenhum. Sei que existem, vejo os anúncios nos jornais, me parecem mais interessados em flagrantes de adultério.

- E o que espera que eu investigue?
- Um assassinato.
- Assassinato?
- É.
- Quem é o morto?
- Ainda não sei.
- Você não o conhece?
- Não, ele ainda não morreu.
- Ainda não morreu?
- É que não tem morto, ninguém foi assassinado... ainda.

A perplexidade de Espinosa não podia ser maior. A cada minuto que passava, sentia crescer o arrependimento por ter concordado com o encontro.

– Você me aporrinhou durante uma semana para isso? Quer que eu investigue o assassinato de uma pessoa que você não sabe quem é, e que nem sequer morreu? Está brincando comigo?

– De jeito nenhum, delegado, pelo amor de Deus, sei que parece estranho...

- Parece estranho?
- Desculpe.
- E você é capaz de me dizer quando, e por que, esse assassinato será cometido?
- N... Não... Sinto muito.
- Claro que também não sabe quem será o assassino.
- Sei.
- Eu.
- Você pretende cometer um assassinato?
- Não com essa clareza.
- Clareza? Meu filho, a única coisa que não existe em sua fala é clareza.

– O senhor tem razão, talvez seja melhor eu tentar explicar melhor as coisas, embora mesmo para mim elas não estejam muito claras.

– Se não for um incômodo muito grande, é claro.

– Compreendo sua irritação, delegado.

– Então, por favor, tente ser um pouco mais explícito.

– Um vidente previu que eu cometeria um assassinato antes do meu próximo aniversário. Faltam menos de dois meses.

– Um vidente?

– Quer dizer, não desses que usam turbantes...

– Sei.

– No meu último aniversário, eu e alguns colegas de trabalho estávamos comemorando numa roda de bar quando um dos presentes, que eu não conhecia, me ofereceu de aniversário algumas previsões sobre o meu futuro. Sou inteiramente cético quanto a essas coisas, mas o clima era de brincadeira, meus amigos insistiram, e acabei aceitando. Ele fez algumas previsões gerais, dessas que todo vidente faz, e terminou dizendo que antes do meu aniversário do ano seguinte eu mataria uma pessoa e que essa morte não seria acidental, mas deliberada.

– E você acreditou?

– Tinha que acreditar. Não havia nenhum motivo para ele estar me dizendo aquelas coisas.

– E quanto tempo falta para seu próximo aniversário?

– Menos de dois meses.

– E você quer que eu descubra quem você irá matar?

– Se o senhor aceitar. Não posso pagar muito.

A fala do rapaz era pausada, a dicção clara, e o olhar era de quem estava sofrendo havia tempo.

Espinosa recuperou seu jeito habitual; calmo, quase lento, sem irritação na voz, sem ironia.

– Nosso encontro começou mal. Culpa minha. Vamos até a delegacia, lá recomeçamos a conversa. Não vai ser oficial, a não ser que você queira. – Levantou-se, deixou uma nota sobre a mesa por conta do nada que consumiram, e com um gesto amistoso convidou o rapaz a acompanhá-lo.

Era inverno, o que, em se tratando do Rio de Janeiro, significa dias bonitos com céu azul e temperatura agradável, luminosidade intensa, sombras menos acentuadas e cores suavizadas se comparadas às do verão. A distância a pé até a delegacia era de no máximo dez minutos. Na avaliação de Espinosa, o rapaz devia ter menos de trinta anos. Estatura mediana, cabeça bem feita, cabelos escuros e lisos e, assim como Espinosa, falava olhando o interlocutor nos olhos, o que conferia particular intensidade à fala mais trivial. Ao chegarem, ele hesitou diante da entrada em arco que dá acesso ao prédio.

– Você não é obrigado a dizer nada contra a sua vontade; se não fizermos registro da nossa conversa, ela não vai passar de uma conversa.

Apesar do timbre de voz grave, a fala de Espinosa era suave. Não precisou persuadir o rapaz a entrar. O velho sobrado de dois andares na rua Hilário de Gouveia, centro de Copacabana, fica a apenas duas quadras da praia. Ao contrário do arco de entrada, aberto permanentemente, as janelas frontais do prédio conservam-se fechadas como proteção contra o barulho exterior. Apesar da idade e da natureza da ocupação, o sobrado apresenta um razoável estado de conservação.

O modo como o rapaz olhava para tudo mostrava o quanto aquele ambiente lhe era estranho. Sentiu-se um pouco mais à vontade na sala de Espinosa.

– No primeiro telefonema você disse chamar-se Gabriel.

– Isso mesmo.

– Por que você acredita tanto na previsão do vidente?

– Porque ele nunca tinha me visto antes e não tinha nenhum motivo para me dizer aquilo. O modo como ele disse não deixava

margem a dúvida. Pelo menos para mim. Fiquei apavorado. Nunca ninguém me disse uma frase que produzisse um efeito tão forte. Dizer que dei importância a ela é pouco, ela me deixou em pânico. Meus amigos riram da importância que dei ao fato.

– E o que você acha?

– Acho que ninguém é metido a jogar futebol se não tiver o mínimo de habilidade para esse esporte.

– Não era bem isso o que eu queria saber.

– Desculpe. O que o senhor quer saber?

– Se você tem vontade de matar alguém.

– Ninguém... em particular.

– E em geral?

– Em geral?

– É.

– Em geral...

2

A sobra de tecido da cortina fora a conta certa para confeccionar a almofada para o peitoril da janela do apartamento. Mais, talvez, do que qualquer outra característica do imóvel, agradava-lhe o fato de ele ficar localizado no pavimento térreo. A janela dando para a rua era suficientemente alta para impedir olhares curiosos, mas perfeita para servir de balcão sobre o qual d. Alzira se debruçava ao final da tarde, esperando o filho dobrar a esquina da rua do Catete com a Buarque de Macedo a caminho de casa. Gabriel guardava do pai o rosto agradável e o corpo forte, mas era-lhe infinitamente superior em espírito. Ela jamais o vira bêbado ou soubera de envolvimento seu com mulheres de rua. Tinha o mesmo emprego desde que se formara em administração de empresas, e graças a ele adquirira com financiamento do Sistema de Habitação o imóvel onde moravam. O

apartamento de dois quartos era escuro, e apesar da rigorosa faxina diária era insistentemente invadido por baratas vindas da caixa de gordura da área interna do prédio. De nada adiantavam as medidas protetoras; toda manhã, ao se levantar para preparar o café do filho, d. Alzira encontrava no chão da cozinha, e até mesmo no da sala, um ou dois daqueles insetos nojentos virados de costas e ainda mexendo as patas. Nada disso afetava minimamente o deleite de morar com o filho e de zelar pelo seu bem-estar. Como era de pequena estatura, mandara fazer um degrau de madeira junto à janela que dava para a rua, de modo a poder se debruçar sobre o peitoril sem precisar ficar na ponta dos pés. Sua vista não lhe permitia enxergar com nitidez até a esquina, vislumbrava apenas o movimento dos veículos na rua do Catete mas não os percebia claramente, e quanto aos transeuntes, nem mesmo distinguia se eram homens ou mulheres. Não era capaz, portanto, de enxergar o filho dobrando a esquina, mas em meio às várias pessoas que o faziam a cada instante, sabia sem sombra de dúvida quando uma delas era o seu Gabriel. Identificava-o muito antes de poder efetivamente vê-lo. Sabia que era ele antes mesmo de ele tornar-se nítido em seu campo visual, pela forma, pelo jeito de andar, pelo ritmo das passadas, até que finalmente entrava em foco, e era como se sua própria vida ganhasse figura. Naquela tarde, no horário previsto, postara-se à janela antegozando o momento em que o filho dobraria a esquina. Passados quinze minutos, um leve mal-estar invadiu seu corpo a partir da nuca. Mais quinze minutos e o mal-estar transformou-se em dor. Desceu do degrau, verificou se o telefone não estava fora do gancho (ele nunca deixava de avisar quando se atrasava), se estava dando linha, se não se enganara com a hora. Quando, com mais de quarenta minutos de atraso, depois de confundir as imagens de inúmeros homens, viu surgir a figura do filho, estava a ponto de desfalecer. Seus pressentimentos durante a espera não foram infundados, Gabriel caminhava com mais lentidão, ombros arqueados, olhar voltado para baixo. O que ela viu ao longe pertencia a outra dimensão que à do cansaço. Fez o sinal da cruz.

Assim que ouviu o barulho da chave na porta, recompôs-se de modo a que o filho não percebesse nenhum sinal de sofrimento.

– Gabriel, querido, precisou trabalhar até mais tarde?

– Não, mãe.

– Tem havido problema com o metrô por causa da nova linha, não é?

– Não, mãe, não houve problema com o metrô.

– Está bem... não quero me meter.

A figura miúda fitava o rosto do filho procurando decifrar os minúsculos sinais que se acrescentavam aos já existentes, formando um texto que, para seu terror, tornava-se a cada dia menos inteligível. Não era capaz de precisar quando tivera início aquilo que para si própria designava como a região de sombra do filho. Até então, considerava-o feito apenas de luz, claro e transparente como um cristal. No último ano se dera conta das primeiras sombras; e naquela tarde, ao dobrar a esquina, o filho lhe parecera assustadoramente opaco.

– Mamãe, já disse para você não se preocupar com meus atrasos; são coisas que acontecem...

– O que aconteceu?

– Não aconteceu nada, mãe. Está tudo bem.

– Se você precisa dizer que está tudo bem, é porque não está.

– Mãe...

– Eu sei que tem alguma coisa te preocupando. Sei que tem. É alguma mulher?

– Mãe...

– Desculpe. Não tenho o direito de me meter na sua vida.

– Mamãe, é claro que você tem o direito, sempre teve, só não quero que fique se preocupando à toa.

Os móveis da sala eram pesados, escuros, as poltronas forradas de veludo marrom. Além de uma Santa Ceia, os dois únicos quadros nas paredes eram paisagens campestres ao crepúsculo. Não era uma

sala acolhedora. Raramente usada, funcionava como passagem para os quartos e destes para a cozinha, o que obrigara d. Alzira a forrar o tapete com um grosso plástico transparente para protegê-lo e permitir que os motivos florais permanecessem visíveis. Enquanto falavam, ela alisava a manga da camisa do filho. Raramente tocavam-se na pele, mesmo das mãos. Gabriel contornou a mãe, pousando levemente a mão sobre a manta que lhe cobria o ombro, e dirigiu-se para o quarto, fechando a porta, gesto que ela tomou como sinal evidente de que algo não ia bem, embora ao chegar em casa ele sempre entrasse no quarto e fechasse a porta. Mesmo com o quarto fechado, D. Alzira, "via" o filho tirar a roupa de trabalho, vestir a bermuda que ela lhe dera no Natal anterior, colocar os fones de ouvido e deitar-se para ouvir música clássica. Pelo menos não era música de boate.

Enquanto arrumava a pequena mesa da cozinha para o jantar, deliberava voltar a falar com o padre Crisóstomo a respeito do filho. Desde que o marido morrera, antes de Gabriel completar dez anos, tomara o padre Crisóstomo como confessor e consultor familiar. Ele saberia dizer, como sempre soubera, o que estava acontecendo com seu Gabriel e o que fazer com ele. Por outro lado, temia que uma intervenção mais direta de um terceiro ameaçasse a relação entre os dois. Não suportaria ver o filho sair de casa. A perdê-lo, preferia que fosse por morte, a sua própria ou a dele. Que Deus a perdoasse por aqueles pensamentos, mas eram a mais pura expressão da verdade; seria capaz de se arriscar à danação eterna para não perder o filho em vida. Jantaram em silêncio.

Não estava certo de ter tomado a melhor decisão. Inicialmente o delegado mostrara-se irritado e irônico, descontente por ter concordado com o encontro; de repente, sem mais nem menos, pedira desculpas, tornara-se compreensivo e delicado. Qual das duas faces corresponderia ao delegado que lhe apontaram como capaz de escutá-lo? As duas? A primeira foi tão desagradável que chegou a contaminar irremediavelmente a segunda. Agora estava em dúvida se fizera bem em procurar um policial. Era de opinião que policial é igual a padre, mesmo que a pessoa não tenha feito nada, é

considerada culpada. Retirou os fones do ouvido para melhor se concentrar e procurou reproduzir todos os momentos da conversa. Não estava preocupado propriamente com o que ele dissera, mas com as suas variações de humor, com o clima afetivo dominante. Os momentos iniciais, hostis e pontuados de ironia, não contribuíram para uma verdadeira troca. Não se lembrava do que tinha dito que provocara a mudança na atitude do delegado, convidando-o a continuarem a conversa na delegacia. De qualquer forma, o segundo momento fora indiscutivelmente mais positivo que o primeiro. Alguma coisa, porém, ainda escapava ao seu entendimento. O delegado não prometera uma investigação; nem sequer se preocupara em anotar de imediato nome, endereço, telefone, coisas desse tipo, mas mostrara-se bastante compreensivo com suas aflições. Na verdade, estava se sentindo como uma pessoa que vai ao médico porque sofre de terrível mal-estar, e sai do consultório sem nenhuma prescrição, sem sequer um pedido de exame, nada, a não ser a atitude compreensiva do médico.

Voltou a colocar os fones nos ouvidos e esticou-se na cama. O quarto era bem menor do que o da mãe, mas cada centímetro do espaço era aproveitado. Não havia um único pedaço de parede visível, ela era toda ocupada por armário, estante para livros e discos, escrivaninha; a própria cama ficava junto à parede, numa espécie de nicho cercado de prateleiras. Sentia falta de espaço para se movimentar, não havia o suficiente para dois passos, e se do meio do quarto estendesse os braços para os lados, fatalmente esbarraria em alguma coisa. Esse era um dos motivos de suas caminhadas noturnas, objeto de indagações e suspeitas por parte da mãe. Havia um aparelho de telefone em cada quarto e uma combinação segundo a qual aquele que atendesse primeiro não teria sua conversa invadida pelo outro, acordo nunca cumprido pela mãe.

O delegado permanecera insensível à oferta de pagamento. De fato, irritara-se com a oferta. Aquele fora o momento a partir do qual o encontro desandara, e se não fosse seu firme propósito de manter o apelo, tudo teria ido por água abaixo, embora ainda não estivesse inteiramente certo de isso não ter acontecido. Que investigação

poderia ser feita, se o investigador nem sequer se preocupara com o nome completo do investigado, seu endereço, seu local de trabalho? Ou será que o julgara louco, e por esse motivo teria mudado o tom da conversa, sendo o convite para a delegacia apenas uma forma de se descartar dele com mais facilidade? Essa hipótese era a pior, porque acarretava a desqualificação automática de tudo o que viesse a dizer. Teria de verificar essas suspeitas, e o único meio era voltando a falar com o delegado.

Apesar dos fones de ouvido, não pôde deixar de escutar as batidas na porta. Levantou-se, contrariado pela intromissão, abriu a porta e deparou com a mãe segurando uma bandeja.

– Café. Acabei de fazer.

Sem dizer palavra, Gabriel pegou a xícara, colocou-a sobre a mesinha e voltou-se para trancar a porta. Não gostava de ser interrompido em seu retiro, mas ficava comovido com as pequenas delicadezas da mãe, era a forma de ela pedir desculpas por ter exagerado em alguma coisa. Por outro lado, se demonstrasse ter sido tocado pelo gesto, ela seria capaz de montar um bar na porta do quarto.

Voltou a se concentrar na conversa com o delegado. Lembrou-se de que a mudança positiva de atitude fora devida não a um dado objetivo que fornecera a ele, mas à resposta que dera quanto a acreditar ou não na predição feita pelo desconhecido. Curioso, o delegado, mais atento a uma crença pessoal do que a um dado concreto. Verdade que não lhe fornecera nenhum dado concreto, apenas pressentimentos, daí a possibilidade de o delegado o estar considerando um desses malucos que frequentam delegacias policiais queixando-se de perseguições imaginárias. A diferença entre os malucos e ele próprio estava em que sabia que a ameaça, no seu caso, não era imaginária; não confundia cenas do cotidiano com fantasias, sabia perfeitamente o que era real e o que era imaginário. O sentimento referente ao vaticínio era verdadeiro, e era isso o que o levava a procurar o delegado. Não um dado objetivo, mas uma impressão subjetiva concreta. Não era louco, disso tinha certeza; pelo menos não era mais louco do que a maioria dos que o

cercavam; tinha algumas dificuldades, é verdade, mas nada que o situasse para além do limite da sanidade. A relação com a mãe era uma dessas dificuldades, mas acreditava poder resolver tudo num futuro próximo.

Quando se voltou para o café, percebeu que tinha esfriado. Devolvê-lo intocado seria considerado pela mãe como uma desfeita, e ele não estava disposto a acrescentar um elemento extra ao clima de pequena hostilidade provocado pelo seu atraso. Estava prestes a fazer vinte e nove anos, não tinha sentido justificar cada minuto atrasado à mãe. A culpa não era inteiramente dela. Se não fosse tão pontual ela não teria se habituado a esperá-lo à janela todos os dias. E mais, ele próprio a habituara aos telefonemas avisando das ocasionais modificações de horário. Não podia, sem mais nem menos, retirar o que lhe dera. Abriu a porta do quarto procurando não fazer ruído, foi até o banheiro e derramou a xícara de café no vaso sanitário, dando descarga. Antes de tornar a fechar a porta, ouviu a voz da mãe no quarto ao lado: – O café não estava bom, meu filho? Espinosa morava a poucas quadras da delegacia, o que lhe permitia fazer o percurso a pé, variando o trajeto de acordo com o interesse ou a pressa. Estava saindo da delegacia de volta para casa mais tarde do que de costume... para compensar o tempo gasto no encontro com o rapaz. Era noite quando passou pelo balcão de atendimento ao público no térreo e se despediu do policial da equipe de plantão. O tráfego intenso da rua Barata Ribeiro, a poucos metros de distância, não era mais registrado por ele, funcionava como pano de fundo visual e sonoro para seus pensamentos.

3

Iniciou a caminhada até sua casa sem prestar atenção no que se passava ao redor, desviando-se automaticamente das pessoas que andavam na calçada em sentido contrário. Momentos como aquele eram de intensa atividade mental, o corpo funcionando

autonomamente, ombros ligeiramente arqueados, mãos nos bolsos, olhar fixo no chão. Embora se considerasse inteligente, não fazia o tipo cerebral, suas fantasias eram tão ou mais poderosas do que o pensamento e frequentemente se sobrepunham a ele, fazendo com que o fio do raciocínio se transformasse em um emaranhado de imagens. O que o impressionava de modo especial na história do rapaz era seu caráter ao mesmo tempo absurdo e verdadeiro. Alguém procurar a polícia para pedir que investigasse um assassinato que seria cometido por ele próprio numa data indefinida, sendo a vítima também desconhecida, era algo inteiramente absurdo. E era precisamente o que tornava a história verdadeira. Ninguém faria isso a menos que fosse louco ou estivesse agindo de má-fé. E a angústia do rapaz parecia legítima. Espinosa estava decidido a não tomar nenhuma medida efetiva caso o rapaz insistisse em manter o caso na esfera privada. Era um delegado de polícia, não um investigador privado. Por outro lado, havia a dificuldade de oficializar uma investigação a partir de pura fantasia, não havia um único fato concreto que justificasse o empenho de algum policial de sua equipe. Espinosa tinha conseguido a transferência, para a delegacia, de um antigo companheiro, ferido seriamente durante uma diligência que faziam juntos, e que retornava agora à ativa com a recomendação médica de evitar confrontos violentos durante algum tempo. Welber era um policial em quem Espinosa depositava inteira confiança. Talvez o caso Gabriel fosse a forma de ele se reintegrar ao serviço ativo de maneira suave. Para isso, era necessário admitir que havia de fato um caso, e disso ele não estava nem um pouco convencido.

Dobrou à direita, na rua Anita Garibaldi, em direção ao bairro Peixoto, onde morava. Embora chamado assim, o bairro Peixoto é na verdade um minibairro composto de algumas quadras de prédios baixos, com uma praça central, incrustado no bairro de Copacabana. Era sem dúvida uma boa maneira do amigo retornar à ativa. Se Welber não tivesse avançado em direção à porta para interceptar o sequestrador, teria sido ele, Espinosa, a levar o tiro que quase custara a vida do companheiro. Parou no caminho para comprar

cerveja e presunto defumado, como opção ao que tinha no congelador. O que não era capaz de se dizer, era o motivo pelo qual estava dando crédito à história do rapaz. Até porque, mesmo que a figura do adivinho fosse real, isso em nada transformava a predição numa fatalidade. Nunca vira uma predição feita por adivinho de festa se cumprir, a não ser as do tipo "você fará uma viagem ao estrangeiro", ou "você conhecerá brevemente a mulher de sua vida". Viagem ao estrangeiro deixou de ser chamariz de vidente; quanto à mulher de nossa vida, achava que toda mulher em nossa vida é potencialmente a mulher de nossa vida. Era verdade, também, que nunca ouvira contar de um vidente que tivesse feito uma previsão como aquela. Ainda mais numa festa. Devia ser um pervertido com raiva de aniversários. A vantagem de entregar o caso a Welber era que ele e Gabriel deviam ser da mesma idade, o que facilitaria o contato. Isso na hipótese de o detetive considerar a história digna de ser levada a sério.

A praça estava praticamente vazia naquele início de noite. Espinosa continuou andando pela calçada, evitando a parte de terra, atravessou a rua que circunda a praça e entrou no prédio de três andares onde morava desde os dez anos de idade, quando os pais eram vivos, num dos apartamentos do último andar. Falaria com Welber no dia seguinte. Não se tratava propriamente de um caso, era mais uma ocasião para ele ir tomando contato com o tipo de gente que aparece na 12ª DP. Subiu os dois lances de escada carregando a sacola com as garrafas de cerveja, o presunto e um pão de fôrma. Congelados para o jantar, ainda havia em boa quantidade no congelador; o que não havia era variedade: talharim à bolonhesa, espaguete à bolonhesa ou lasanha à bolonhesa. O que escapava a essas opções, já tinha sido comido.

Agradava-lhe especialmente, na sala, a janela francesa abrindo para um pequeno balcão com grades de ferro batido. A veneziana, do chão até quase o teto, era a marca de um tempo em que os prédios eram feitos para serem aprazíveis. Deixou as compras na cozinha, abriu as venezianas, voltando a fechar os vidros devido ao frio, acendeu a luz de um abajur e sentou-se com mansidão no sofá.

Desde que saíra da delegacia evitava fazer gestos bruscos, como se com isso evitasse que as ideias se embaralhassem. Não tinha plena consciência dos motivos que o haviam levado a aceitar o encontro com o rapaz, e menos ainda dos que o haviam feito conceder um caráter semioficial ao caso.

4

De nada adiantava, também, ficar sentado naquele sofá com o olhar voltado para as luzes dos prédios e dos morros distantes, isso não o levaria a nada. Uma série de pequenas tarefas, como tomar banho, preparar os sanduíches para o jantar, separar a roupa para botar na lavadora, poderia ajudar no sentido de desviar a atenção da história. Uma hora depois, seu pensamento ainda errava pelas mesmas questões, e, das tarefas que se propusera fazer, a única levada a cabo fora o banho. A roupa suja poderia ser deixada para o dia seguinte. Foi quando se deu conta de que não pusera as cervejas na geladeira. Vestiu-se e saiu para comer algo em algum lugar onde as pessoas fossem mais eficientes.

Sabia que a mãe não interceptaria nenhum telefonema durante o horário da novela, sabia também que Olga estaria em casa porque saíra cedo do trabalho alegando gripe. Devido ao mal-estar, talvez já estivesse dormindo. Discou, prestando toda a atenção ao clique da mãe retirando o fone do gancho. Não houve clique, e a própria Olga atendeu.

- Gabriel... que surpresa...
- Como está passando?
- Estou com um pouco de febre e com o corpo dolorido, mas acho que vai dar para trabalhar amanhã. Obrigada por telefonar.
- Olga...
- Sim?
- ...Melhoras.

- Gabriel.
- Hein.
- Você está querendo me dizer alguma coisa?
- Não... Nada não... Melhoras.
- Obrigada.

Olga presenciara a cena do vidente. Junto com outra colega da empresa, passara no bar para a comemoração do aniversário no exato momento em que alguém apresentava o pretense bruxo ao grupo. No momento da cena, achou de extremo mau gosto e agressiva a história do vaticínio; chegara a pensar que o desconhecido estava bêbado.

Antes de se despedir, percebendo o mal-estar de Gabriel, procurara minimizar o impacto da predição desqualificando o vidente. Aquela fora a única vez em que haviam falado sobre o assunto. E justamente a ênfase excessiva empregada por ela na desqualificação do adivinho é que aumentara a preocupação de Gabriel. Os exorcismos, como os demônios, são excessivos, pensou.

O testemunho de Olga seria capaz de convencer o delegado quanto à veracidade da história, mas Gabriel considerava Olga e a delegacia de polícia incompatíveis. Ela era frágil como um equilibrista no arame. Não que fosse fisicamente frágil, seu corpo era forte e saudável (fora a gripe momentânea), mas ela parecia permanentemente ameaçada de despencar do arame, e pelo cuidado que tomava no contato com os outros, a altura da queda seria fatal. Um encontro de Olga com o delegado Espinosa seria possível apenas fora do ambiente policial. Mesmo assim, teria de convencê-la a aceitar.

A comemoração de aniversário tinha sido a única vez em que se encontraram fora do escritório, e desconfiava que o motivo de ela ter ido não fora ele, mas um outro colega. Mesmo no trabalho, os encontros não eram tão frequentes quanto ele gostaria; pertenciam a seções diferentes, ela da área técnica e ele da área administrativa. Olga entrara para a firma pouco mais de um ano antes, e não

havam se falado o suficiente para caracterizar uma amizade. Era a primeira vez que ligava para ela.

– Precisou falar com alguém, meu filho?

– A voz da mãe, vinda do quarto e misturada ao som da televisão, o atingiu no momento em que passava para o banheiro.

– Nada de importante, mamãe, a não ser o fato de que vou matar alguém.

– O que foi, querido? Não escutei.

– Nada não, mãe.

Nenhum dos presentes à reunião de aniversário dera importância às palavras do vidente, ou pelo menos ninguém tocara mais no assunto, como se o que ele lhe dissera não tivesse valor além do mau gosto agressivo. Para ele, porém, a coisa não se colocava nesses termos, não se tratava apenas de discutir a verdade ou falsidade da profecia, mas do efeito que ela produzira sobre a sua pessoa. Passado o impacto inicial, que não fora nada desprezível, a ideia pouco a pouco se apoderara dele a ponto de, faltando pouco mais de um mês para o prazo final, corpo e alma estarem quase totalmente tomados. Dormia pensando na frase do vidente, assim como era a primeira coisa que lhe vinha à mente ao acordar. Nos últimos meses, não havia conversa que não fosse atravessada pela ideia, não havia pensamento que não se desviasse por efeito dela, não havia sentimento que não fosse contaminado. Seu medo não era de enlouquecer, talvez já estivesse louco, mas de sucumbir à exaustão. A mãe certamente já se dera conta de que algo extraordinário estava se passando, mas jamais seria capaz de adivinhar o motivo; provavelmente suspeitava de algum apaixonamento, o que a levaria a reduplicar suas preces no sentido de o filho obter a graça que o conduziria ao bom caminho. A noite os fantasmas tornavam-se mais ameaçadores, no entanto sentia-se encorajado a dormir pelo fato de os sonhos não se terem ainda contaminado pela ideia.

5

Apesar de não estar inteiramente refeita do estado gripal da véspera, saiu para trabalhar movida por um interesse extra: o de saber o que Gabriel efetivamente queria com o telefonema. A voz dele era de quem estava pedindo, e não oferecendo conforto; era ele, e não ela, quem estava doente. O carro do metrô, cheio àquela hora, não contribuía para atenuar o resto de mal-estar do dia anterior. Não conseguira lugar para sentar, e a roupa excessiva para o pouco frio aumentava o desconforto. Morava na Tijuca e o trabalho em Copacabana a obrigava a um percurso longo. Acontecera umas poucas vezes de Gabriel entrar no mesmo trem quando ele parava na estação do Catete. Essa sincronia era rara, mas quando acontecia, sentia que ele a considerava agradável. Nenhum dos dois era pródigo em gestos e palavras, o que os levava a superdimensionar pequenos sinais e frases comuns. Na estação Uruguaiana, no centro da cidade, os vagões despejaram passageiros como se fossem máquinas expelindo seus produtos. Olga conseguiu um lugar junto à janela. Quando o trem parou na estação Catete, procurou Gabriel na plataforma. Nem sinal dele. Durante o percurso até Copacabana, o vaticínio que pesava sobre o rapaz não lhe saía da cabeça. Tinha certeza de ter sido esse o motivo do telefonema da véspera.

A estação do metrô em Copacabana distava pouco mais de três quadras do trabalho. Não era muito para um dia de inverno carioca. Independentemente de estar calor ou frio, Olga aproveitava o trajeto para ver o que as mulheres da zona sul estavam vestindo, embora não considerasse o bairro a melhor medida em matéria de moda e muito raramente tivesse possibilidade de se vestir nas suas lojas mais caras. Não se achava bonita, apesar do corpo bem feito, da boa altura e dos belos cabelos negros e lisos que atraíam olhares. A empresa onde trabalhavam era pequena, mas pelo menos do ponto de vista estético procurava imitar as companhias americanas. Não

havia propriamente salas, mas um grande salão com divisórias a meia altura, formando alguns poucos gabinetes, no interior dos quais trabalhavam de três a cinco pessoas. Era fácil ver se alguém estava ou não no espaço que lhe era reservado. E Gabriel não estava. Como ele sempre chegava primeiro, ela já se acostumara ao ritual matutino do aceno e do sorriso quando passava pelo que ele chamava de seu curral. A empresa tinha cerca de trinta funcionários; não demoraria muito para que os dois se encontrassem no café ou a caminho dos banheiros, que ficavam num dos extremos do conjunto. Passada meia hora sem que Gabriel aparecesse, ligou para a casa dele, ouvindo uma voz que só poderia ser da mãe. Desligou sem falar nada. Eram quase dez da manhã quando ele chegou, ligeiramente ofegante e com dificuldade para fixar o olhar em alguém. Largou o casaco sobre a mesa e foi direto para o banheiro, após ter murmurado algo não identificável. Quando saiu, passado um tempo, estava menos agitado e com o cabelo molhado e penteado. Foi quando se deparou com Olga à sua frente.

– Você está passando bem? – Estou... me atrasei um pouco... precisei resolver um assunto pessoal.

– Não precisa explicar, só quero saber se você está bem.

– Estou, é que eu vim correndo da...

– Aconteceu alguma coisa? – Não, obrigado, não aconteceu nada, não dormi bem. -Certo. Se precisar de ajuda, é só falar. E obrigada pelo telefonema de ontem.

– Tá. Obrigado também.

Voltaram para seus respectivos gabinetes, Gabriel evitando o olhar de Olga. Não havia mais dúvida para ela quanto ao telefonema da véspera: não fora para saber como ela estava passando. Custava a acreditar que ele continuasse dando importância à história do vidente. O que temia era que ele realizasse o vaticínio. Conhecia Gabriel desde que entrara para a empresa e considerava inteiramente absurda a ideia de ele vir a matar alguém deliberadamente. No entanto, certas pessoas são suficientemente impressionáveis para assumir como destino profecias do tipo da que

fora feita na noite do aniversário dele. E, se Gabriel não fazia o tipo assassino, era sem dúvida um tipo impressionável.

Não considerava as colegas de trabalho as pessoas mais indicadas para falar sobre o assunto: a convivência forçada aplainara as relações. Procurou dedicar-se ao que estava fazendo de modo a não deixar espaço para nada que não fosse o manual técnico que redigia. Em pouco tempo estava com a atenção concentrada na tarefa de empurrar com a unha uma cutícula incômoda, memória voltada para a noite do aniversário de Gabriel. Perguntou-se até que ponto uma predição tem o poder de criar em alguém um impulso irreprimível no sentido de sua realização. Pessoas sensíveis deviam ser mais sujeitas a tais impulsos, e Gabriel era uma pessoa sensível. Gostava dele. Era a única pessoa da empresa com quem seria capaz de ter uma transa.

6

– Ainda não entendi muito bem o que você quer que eu faça com o garoto, Espinosa.

– Não é garoto, tem quase trinta anos.

– Mas você fala dele como se fosse um menino.

– É que parece desprotegido como uma criança.

– Mas essa criança está anunciando um assassinato.

– Não é ele quem está anunciando, anunciaram por ele.

– E ele acreditou na profecia a ponto de pedir que a polícia o impeça de puxar o gatilho.

– O que você está querendo dizer é que eu também acredito na predição.

– Deve ter boas razões para isso.

– Obrigado, Welber, mas não tenho propriamente razões, tenho pressentimentos. Claro que não acredito em videntes, mas acredito

na força da palavra, e tenho o pressentimento de que esse rapaz vai aprontar alguma coisa. Veja o que você pode fazer por ele. Se achar que o cara é maluco e que tudo não passa de fantasia, mandamos ele procurar outra delegacia.

– O problema é que o critério para se verificar se é ou não fantasia, é ele matar alguém.

– Acho que ele não chega a esse extremo, vai dar algum aviso prévio, do contrário não faria sentido me procurar pedindo ajuda.

– Não gostou de você ter me passado o caso. Eu e ele somos da mesma idade, acho que ele prefere uma pessoa mais velha.

– Não tenho idade para ser pai dele, Welber.

– Não é sua idade real que importa, mas o que você representa para ele. Delegado é figura de autoridade, assim como pai.

– Você está namorando alguma psicóloga?

– Não, mas não é má ideia.

Gabriel tinha saído da delegacia havia poucos minutos. Pelo que Espinosa e Welber puderam depreender, a conversa não tivera outra finalidade senão a de o rapaz reassegurar-se de que o delegado o estava levando a sério. A tentativa de passar o caso para o auxiliar não encontrou boa acolhida. Gabriel estava visivelmente agitado, querendo parecer calmo; o resultado era uma pantomima na qual os gestos não combinavam uns com os outros. Ao ser apresentado a Welber, ficou durante algum tempo em silêncio, olhando para um ponto situado entre os dois policiais, até emitir um suspiro e fazer um movimento de cabeça que poderia ser interpretado como de anuência. Depois, voltando-se para Espinosa, perguntou: – O senhor não vai me atender mais?

– Sempre que você quiser. O detetive Welber é auxiliar de minha inteira confiança, e poderá dedicar mais atenção ao seu caso. Como delegado, estou envolvido com tudo o que acontece na delegacia, você será melhor atendido por ele.

– Entendo. Obrigado.

Saiu numa movimentação quase cômica, feita de hesitação e pressa, mas acima de tudo tensa.

Os dois policiais se entreolharam, certos de que, para além da crença em adivinhos e videntes, a conduta de Gabriel era um sinal de que a realização da profecia estava em andamento. A questão era saber até aonde iria. Apesar do interesse de Espinosa pelo drama vivido por ele, havia uma dúvida natural quanto à veracidade da história. Não que o delegado duvidasse da autenticidade do sofrimento expresso por ele: não haveria motivo plausível para ele estar fingendo, mas não havia garantia quanto a tudo aquilo não ser o delírio de um louco (o que não tornava menos provável o assassinato). E restava ainda a dúvida quanto a Welber estar levando minimamente a sério tudo aquilo. Talvez fosse o caso de começar a verificar alguns dados fornecidos pelo rapaz, e aquela era a situação ideal para Welber deixar de lado o trabalho burocrático a que dedicara o último ano e sair à rua numa investigação, ainda que de uma história que poderia ser pura extravagância de um neurótico.

– Espinosa, eu nunca soube de ninguém que tivesse procurado uma delegacia policial para denunciar um assassinato a ser cometido contra uma vítima ainda ignorada e cujo autor fosse o próprio denunciante.

– Eu também não, mas isso não torna o fato insignificante.

– Acho que a ameaça maior recai sobre a saúde mental do rapaz.

– Pode ser, mas louco também mata.

– Proponho o seguinte: primeiro, ligar para os telefones que ele deixou e confirmar se são realmente da sua casa e do seu trabalho; depois, uma conversa amistosa com algum colega de trabalho, de preferência o que apresentou o vidente na comemoração de aniversário; por último, uma conversa com a mãe, para saber que tipo de filho ele é, quais as suas amizades, se tem excentricidades, e coisas do gênero. O que você acha?

– Para quem não está acreditando muito na história, você está sendo bastante diligente.

– Como você disse, louco também mata.

7

Irene caminhava com suavidade, leve movimento de quadris, cabeça erguida, e a certeza de que as pessoas se afastariam para lhe dar passagem, o que efetivamente aconteceu quando entrou no grande salão do Lamas, na noite de sábado. Era da mesma altura de Olga, mais esguia de corpo e bem mais bonita de rosto. Combinaram o encontro no restaurante do largo do Machado, situado a meia distância de onde moravam (embora ela estivesse de carro e a amiga de metrô). Olga a esperava numa mesa junto a um grande espelho e acenou discretamente quando a viu chegar.

A amizade surgida na universidade resistira ao tempo, aos diferentes caminhos tomados por cada uma e ao desnível econômico entre ambas. Moravam em bairros de classe média, Olga na casa dos pais, na zona norte da cidade, e Irene em seu próprio apartamento, na zona sul, a uma quadra da praia de Ipanema, e trabalhava como programadora visual em uma das maiores firmas de propaganda do país. Trocaram beijinhos, Irene consultou o grande espelho junto à mesa e através dele os olhares das mesas vizinhas.

– Desculpe te convocar numa noite de sábado –, disse Olga.

– Não tinha nada programado e estava com saudade. Coisa séria?

– Não sei ainda. Preciso da tua opinião, depois de uma coisa para beber.

Depois de terem morado juntas durante um ano, e de uma separação difícil, estavam aos poucos, com muito cuidado, tentando recuperar a amizade original. Olga fez um relato da comemoração do aniversário de Gabriel, um esboço da personalidade do colega e dos fatos seguintes ao vaticínio. O relato consumiu dois chopes e alguns bolinhos de bacalhau, o que diluiu seu conteúdo dramático.

– Não entendi qual o seu papel nessa história.

– Até agora nenhum, fora uma ou duas conversas sobre o assunto. Ontem Gabriel me fez um pedido, quer que eu converse com o delegado para convencê-lo, com meu testemunho, de que a história não é inventada. Nada oficial, não é um depoimento para constar de um processo. Pelo que eu entendo, é só para atestar que o meu amigo não é maluco.

– Pode não ser maluco, mas é esquisito. Um cara de quase trinta anos que, segundo você, vive com a mãe e presta contas a ela de tudo o que faz não é propriamente o tipo que eu gostaria de ter como companhia no próximo verão.

– Ele é um bom sujeito; um pouco tímido, mas não deixa de ser atraente.

– E você quer tirar o rapaz do colo da mãe.

– Do jeito que você fala, ele fica parecendo um retardado e eu uma aliciadora de menores.

– Isso não tem a menor importância. Você está a fim dele?

– Não é só isso; ele está realmente assustado e quero ajudar.

– E aonde eu entro nessa história?

– Quero que vá comigo no encontro com o delegado. Não precisa ser na delegacia, podemos marcar num restaurante, num banco de praça...

– Pode ser na delegacia. Não tem problema.

– Eu sabia que podia contar com você.

– Sempre tive vontade de conhecer uma delegacia policial.

A curtos intervalos, cada uma verificava no espelho um detalhe do cabelo, da gola da blusa ou a curva feita pela mão num gesto. O exame feito por Irene era mais demorado e mais frequente.

– Você está apaixonada pelo rapaz?

– Apaixonada, não. Estou interessada. Ele é atraente. O que complica é o fato de ser colega de trabalho. Se der errado, temos que ficar olhando um para o outro enquanto permanecermos no emprego.

– Se todos pensassem assim, haveria mais rotatividade em emprego do que em motel. Se não der certo, não deu. Não precisa ficar antecipando o fracasso. O mais preocupante é o contrário. E se der certo? Como ficar olhando um para o outro no emprego, na rua, em casa, na cama, na sala, na condução? Se você está interessada nele, e se ele é atraente mas tímido, o jeito é começar a comer pelas bordas.

– Ele está deprimido, acha que vai mesmo matar alguém.

– E esse adivinho? É bruxo de verdade ou é um pilantra?

– Não tem nada de bruxo, deve ser um safado que vive de explorar ingênuos.

– E como foi parar na comemoração de aniversário?

– Estava na mesa ao lado, não sei como entrou na conversa. Fala com sotaque castelhano. O que não entendi é o que ele ganha fazendo esse tipo de previsão.

– Pode ser que haja um segundo momento no qual prometa interceder junto aos deuses.

– Ainda não tinha pensado nessa possibilidade. Se isso acontecer, Gabriel vai cair pela segunda vez, está inteiramente tomado, perdeu o senso crítico.

– Isso está me parecendo caso de psicanálise, não de polícia. Talvez seu amigo tenha consultado o especialista errado.

Decidida a presença de Irene no encontro com o delegado, o eixo da conversa se deslocou para a vida amorosa de cada uma (sobretudo a de Irene). Encontros como aquele aconteciam com menos frequência do que gostariam. A noite terminou com o sensação de leveza que meia dúzia de chopes consegue provocar.

8

– Você não vai se casar nunca mais?

- Se aparecer a pessoa certa, quem sabe?
- E como é a pessoa certa?
- Aí é que está o problema, só sabemos quando ela aparece.
- Eu sei exatamente como deve ser o homem com quem vou me casar.
- E como é ele?
- Tem que ser como você. Com esse seu jeito, sabe? Claro que mais novo. Não muito mais novo. Um pouquinho só.
- Digamos... uns vinte anos mais novo?
- Ah, Espinosa, não precisa ser tudo isso. Você vai gostar dele?
- Com certeza.
- Tem que ser bonito e inteligente. Como você.
- Muito mais bonito, espero.
- Não precisa. Quero que tenha a sua altura. Quero também que não fale muito, como você, homem que fala muito não tem mistério.
- Você está muito entendida de homens para sua idade.
- Tenho treze anos. Não sou mais criança. Além do mais, vou ao cinema, assisto televisão e me correspondo com adultos de todas as partes do mundo pela Internet. Sei de muito mais coisas do que você pensa.
- Com certeza.
- Por que você não arranja um cachorro, enquanto não se casa? Assim não fica sozinho.
- E quem vai cuidar dele, se eu sou sozinho?
- Eu.
- Você já tem a Petita.
- Posso levar os dois para passear. Quem sabe eles acabam se casando?
- Acho que você está pensando muito em casamento.
- E então?

– Então o quê?

– O cachorro.

– Qual cachorro?

– O que eu falei. Enquanto você não se casa. Não precisa se preocupar com nada. Pego ele no seu apartamento, levo para passear, até dou banho nele uma vez por semana.

– Obrigado, prometo pensar no assunto. Aliás, prometo pensar nos dois assuntos.

– Dois?

– Cachorro e casamento.

– Ah, Espinosa.

Pelo menos duas vezes por semana acontecia de Alice e Espinosa saírem pela manhã à mesma hora e percorrerem juntos o trajeto até a delegacia em animada conversa, quando então ela prosseguia sozinha até a escola. Eram vizinhos de andar e a amizade tivera início pela coincidência dos horários. Do cumprimento tímido às animadas conversas matutinas não levara muito tempo. Mesmo porque de tímida Alice não tinha nada. Era uma linda menina, loura como uma escandinava e com olhos azuis de inenarrável alegria. Caminhando ao lado de Espinosa ela se sentia protegida contra todos os males do universo, enquanto ele se certificava de que pela simples existência de Alice o universo estava justificado.

Manhã de sexta-feira. Os casos em andamento na delegacia seguiam seu curso e nenhum acontecimento dos últimos dias merecera notícia na televisão ou destaque nos jornais, o que significava que os delitos maiores tinham se passado no terceiro mundo, não atingindo a pequena e fina camada de primeiro mundo do Rio de Janeiro, particularmente de Copacabana, jurisdição de sua delegacia. A novidade era Gabriel ter solicitado uma entrevista juntamente com Olga, sua colega de escritório.

– Ele esteve aqui de novo? – perguntou Welber.

– Não, telefonou.

– O que ele quer?

– Na minha opinião, nos convencer de que não é maluco, e para isso quer trazer uma amiga e colega de trabalho que estava na reunião de aniversário. Ela seria seu atestado de sanidade mental.

– Pode ser que isso o tranquilize.

– Duvido.

– Você está achando que ele é maluco?

– Digamos que ele está à beira de um ataque de nervos.

– E?

– E não será nossa conversa que o deixará tranquilo.

– O que, na sua opinião, o deixará tranquilo?

– Do jeito que a coisa está caminhando, ele só vai sossegar quando matar alguém.

– Porra, Espinosa, agora é você quem está exagerando.

– Pode ser, mas estou começando a me convencer de que esse cara está possuído.

– Você acredita...

– Pelo modo de vida dele, é evidente que não se trata de um sujeito normal. Qual o grau e a natureza da maluquice dele eu não sei, não sou psiquiatra, mas que ele não bate bem, disso estou começando a ter certeza. Na minha opinião, até hoje ele vivia uma vida no limite da normalidade. A história do vidente apenas detonou a loucura que estava represada. Agora, ele está certo de que tem um destino a cumprir. O que ele está procurando na polícia não é proteção, é cumplicidade.

– Ou seja, ele nos transformou em personagens da loucura dele, e estamos caminhando juntos em direção a um assassinato que não sabemos quando nem como será cometido.

– É isso.

– Você acredita mesmo nisso tudo?

– Para mim, ou é isso ou esse cara está brincando conosco. E ninguém brinca desse jeito com a polícia a menos que seja louco.

Nos dois casos, ele é louco. O que temos a fazer é torcer para que ele seja um louco brincalhão, e não um louco assassino.

9

D. Alzira estava decidida a consultar padre Crisóstomo sobre as transformações claramente maléficas que estavam ocorrendo em Gabriel. Nunca, nem quando o filho fora convocado para o serviço militar – tendo escapado porque era arrimo de família -, passara por crise tão intensa e tão evidente. Se estava enfeitado, e disso ela não tinha dúvidas, só podia ser por uma mulher. Não por uma mulher como ela, que soubera se guardar desde a morte do marido, mas pelo demônio disfarçado de mulher. Os incrédulos não sabem quantas formas pode tomar Lúcifer, mas ela sabia, lutara contra elas quando o marido era vivo, conhecia todos os disfarces do demônio, e não tinha dúvidas quanto a ser ele o causador dos transtornos sofridos por Gabriel. Talvez padre Crisóstomo indicasse uma penitência que ela pudesse fazer por ele ou, em último caso, algum tipo de exorcismo a ser feito diretamente. Achava, porém, que não havia necessidade de serem tomadas medidas extremas; o enfeitamento, embora sendo obra do demônio, não era propriamente uma forma de possessão. Além do mais, os indícios não eram evidentes aos olhos dos outros, sendo captados apenas por ela, que conhecia como ninguém a alma do filho.

Foi à missa na hora de costume. Sabia que não poderia falar com padre Crisóstomo antes de ele terminar o serviço da manhã. Voltou em casa para preparar o café de Gabriel, que nos fins de semana dormia até mais tarde, e retornou à igreja depois do almoço, aproveitando para levar um doce de abóbora e coco ralado, especialidade dela, muito apreciado por padre Crisóstomo.

– Possessão demoníaca é coisa muito séria, minha filha, além de muito rara. O que a faz supor que nosso querido Gabriel esteja possuído? – Ele parece outra pessoa, padre Crisóstomo.

– Dona Alzira, os jovens sofrem mudanças muito grandes quando entram na idade adulta. Conheço Gabriel desde o dia em que fez a

primeira comunhão. Sempre foi um menino dócil, cumpridor dos seus deveres e temente a Deus. Jamais vi qualquer sinal, por mínimo que fosse, de que estivesse fora do seu normal.

– Mas está, padre. Eu sei. Conheço meu filho.

– Ninguém conhece inteiramente o outro, minha filha. Mesmo o mais próximo pode nos surpreender.

– Não se trata de surpreender, padre. Quando digo que ele está diferente, não estou querendo dizer que alguma coisa mudou nele, mas que está parecendo outra pessoa. O corpo é dele, mas a alma é de outro. Deus me livre e guarde, padre, mas parece que trocaram a alma dele.

– Bobagem, dona Alzira, isso não existe.

– Então o que aconteceu com ele? – Deve estar com problemas no trabalho, problemas com a namorada... Já está passando do tempo de ele constituir família... Daria um bom marido e um bom pai.

– Ele ainda é um menino, padre, precisa melhorar no emprego, ganhar dinheiro, para então formar família. Aliás, família ele já tem. O pai morreu, mas ele tem a mim. Somos uma família.

– Claro, dona Alzira, mas estou me referindo à família que ele irá formar quando se casar e tiver filhos. A senhora continuará pertencendo à família.

D. Alzira não estava satisfeita com o rumo da conversa e menos ainda com padre Crisóstomo não estar dando importância ao fato de o filho estar tomado pelo mal. Que história era aquela de Gabriel se casar? O que tinha a ver com a transformação que estava se operando nele? Se a Igreja não acreditava mais no diabo, quem ia acreditar? – Padre, não tem nada que eu possa fazer? Uma penitência? – Minha filha, uma pessoa não pode fazer penitência por outra; a senhora pode se penitenciar de seus próprios erros e culpas, mas não dos erros e culpas de outro, menos ainda quando esse outro nem sequer admite o erro.

– O senhor pensa que não está acontecendo nada com ele? – Não disse isso. Pode estar acontecendo muita coisa com ele, e até desejamos que esteja acontecendo, faz parte da vida, o que não estou admitindo é a ideia de ele estar possuído pelo demônio. Sugiro que vá para casa e numa hora oportuna procure conversar com seu filho, vai ver que os demônios são muito menos ameaçadores do que está imaginando.

D. Alzira saiu visivelmente contrariada e decepcionada. Quando mais jovem, padre Crisóstomo não temia enfrentar o demônio, parecia mesmo desejoso de se confrontar com o príncipe das trevas para medir o poder do bem contra o mal. O que ela acabara de presenciar era um padre Crisóstomo velho e assustado, fugindo do confronto, alegando que aquelas eram ideias antiquadas. Por isso a Igreja de Cristo estava perdendo lugar para as drogas e para o rock. Mas ela não se entregaria sem luta, estava disposta a lutar pela vida do filho. Voltou para casa imaginando estratégias.

Gabriel não estava lendo nem ouvindo música. Simplesmente saíra sem deixar nenhum bilhete, o que era mais um dos inúmeros sinais de que algo mudara radicalmente. Havia a tal colega de trabalho, Olga era o nome, mas não convinha se arriscar demasiado telefonando para uma pessoa a quem nunca fora apresentada e que talvez não soubesse quem ela era, apesar de duvidar que Gabriel deixasse de se referir à mãe com quem quer que mantivesse relações de amizade. O cartão de visitas que um homem pode apresentar a uma mulher é o modo como trata sua mãe. Impossível o seu Gabriel sonegar essa informação.

Chegou à janela, subiu no degrau de madeira e olhou atentamente para os dois lados da rua; desceu do degrau e dirigiu-se ao quarto do filho. Sabia de cor todas as suas roupas – era quem lavava e passava e costurava quando necessário –, e por eliminação descobriu com que combinação de calça e camisa ele saíra, qual agasalho e qual par de sapatos. Concluiu que o filho saíra como se tivesse ido para o trabalho. Mas não havia trabalho no sábado. A empresa nunca solicitara horas extras aos empregados; pelo menos

desde que Gabriel estava lá. Não havia dúvida, Gabriel saíra para um encontro.

A pouca importância atribuída por padre Crisóstomo à narrativa de D. Alzira deixara-a com um sentimento de desamparo para o qual não encontrava equivalente desde a morte do marido. E o desamparo tornou-se ainda mais agudo quando ela se deu conta de que nem mesmo o marido, quando vivo, teria sido o interlocutor que procuraria para discutir aquele tipo de problema: Foi quando o telefone tocou. Pensou imediatamente em Gabriel desculpando-se por não ter deixado nenhum bilhete.

– Alô? – disse a voz meio sumida do outro lado da linha.

– Alô digo eu.

– Sim, alô, queria falar com Gabriel, por favor.

– Ele não está. Quem quer falar?

– É uma amiga dele... volto a ligar mais tarde... obrigada.

– Não quer deixar o nome?

– Obrigada... não sei se ele vai se lembrar... obrigada, até logo.

D. Alzira considerou o telefonema mais um dos muitos pequenos sinais indicadores de que algo de anormal estava se passando com o filho. Mais ainda, se a mulherzinha estava telefonando, o encontro que estava tendo não era com ela e sim com outra. Tinha certeza de nunca ter ouvido aquela voz antes, conhecia todas as pessoas que falavam com Gabriel. Não propriamente as pessoas, conhecia-lhes as vozes. De uma coisa porém tinha certeza, se a pessoa não queria deixar recado, nem mesmo o nome, era porque queria manter-se anônima, e ninguém faz questão de permanecer anônimo a não ser que tenha motivos para se ocultar. Deixou o quarto do filho e voltou para o pequeno degrau que lhe franqueava o posto de observação sobre toda a extensão da rua em ambos os sentidos, embora a vista lhe permitisse alcançar com nitidez apenas algumas dezenas de metros. Duas coisas a perturbavam intensamente: o mal de que o filho estava acometido e o fato de ter perdido a cumplicidade do padre Crisóstomo. Desde a morte de Serafim, padre Crisóstomo

passara a ocupar o lugar de orientador e conselheiro em tudo o que dizia respeito a Gabriel, e precisamente no momento em que estava mais necessitada do seu apoio, ele se mostrava hesitante e esquivo. Esperava que fosse uma atitude passageira, espécie de fraqueza da idade e não fraqueza da fé.

Ela completaria sessenta anos quando o filho completasse trinta, no mesmo mês, com apenas uma semana de diferença. Sonhara com uma festa única, reunindo parentes e amigos. Havia o problema do lugar; o pequeno apartamento do Flamengo não comportaria nem os parentes, que eram poucos, quanto mais os amigos e colegas de trabalho do filho. De qualquer maneira não havia motivo para comemorações. Duvidava até que ela e o filho chegassem ilesos a esse aniversário.

10

Tudo o que pretendia era certificar-se de que o homem era real, que andava e falava como qualquer outro habitante da cidade, que não se tratava de um ser sobrenatural pairando acima e além dos comuns mortais. O que conseguira saber sobre ele, não sem surpresa, fora que nas tardes de sábado e domingo ele podia ser encontrado em alguma das lojas dessas cadeias de lanchonetes que reservam espaço para festas infantis. A pessoa de quem obtivera a informação não sabia dizer ao certo o que ele fazia nas festas; soube depois que fazia teatro de fantoches ajudado pela namorada; ou era o contrário, ele é que era ajudante dela. Achava inconcebível que aquela figura sinistra pudesse fazer alguma coisa numa festa infantil, sobretudo teatrinho de fantoches. Era o terceiro fim de semana que Gabriel percorria lanchonetes da zona sul à procura do argentino. Não sabia seu nome nem de onde viera, o sotaque indicava apenas que era proveniente de país de língua castelhana. Argentina, era ideia sua. Achava os argentinos semelhantes a ciganos, sempre suspeitos. Havia festa em várias lanchonetes mas em nenhuma delas encontrou sinal do vidente. Também não sabia o que fazer

caso o encontrasse. Não sabia nem mesmo se queria de fato encontrá-lo. Ele próprio se sentia suspeito ao entrar nos espaços reservados para as festas infantis. Ninguém o conhecia, e os olhares quem lhe eram dirigidos, sobretudo pelos pais do aniversariante, era interrogativo e ao mesmo tempo simpático, como se estivessem agradecendo a presença e tentando adivinhar quem ele era. Algumas vezes chegavam a pôr em suas mãos um sanduíche e um refrigerante. Não sabia que delito estava cometendo, mas com certeza estava cometendo algum; invasão de domicílio, falsidade ideológica, apropriação indébita, furto. Quase sempre saía de cabeça baixa, envergonhado, pedindo desculpas.

Como não tinha carro nem dispunha de dinheiro para contratar um táxi que ficasse à sua disposição nas tardes de sábado e domingo, tinha que limitar sua investigação às lojas que ficavam no circuito dos ônibus, descendo toda vez que via uma dessas lanchonetes. A procura era irregular e não obedecia a um plano, apenas seguia a linha do ônibus. No primeiro fim de semana cobrira Flamengo, Catete e largo do Machado, prescindindo do ônibus já que o percurso podia ser feito a pé, a partir de sua casa. No segundo fim de semana a busca se tornara um pouco mais complicada, abrangendo os bairros de Botafogo e Urca, o que o obrigara a pegar vários ônibus, já que o percurso não era linear. Quando passou para os bairros de Copacabana e Ipanema, a procura tornou-se qualitativamente mais simples, mas quantitativamente muito mais árdua, pois o número de lojas era bem maior do que nos bairros percorridos anteriormente.

Nas últimas vezes tivera a impressão de estar vendo sempre a mesma festa, com as mesmas crianças, os mesmos pais, as mesmas encenações, os mesmos palhaços, chegando a perder a noção do que estava procurando.

O que o perseguia e assombrava dia e noite não era a imagem do vidente, mas o vaticínio pronunciado com leve acento castelhano. Na verdade, a própria enunciação e seu sotaque havia muito tinham cedido lugar ao enunciado frio e impessoal, como costumam ser as sentenças de morte. Não tinha visões. Não tinha fantasias de estar

matando alguém. Não sonhava com mortes e assassinatos. Sentia-se aterrorizado por uma frase: a sentença enunciada pelo argentino, somente ela, desacompanhada de imagens visuais. O que a frase tinha de imagem era apenas imagem sonora: o som da voz do argentino, com o leve sotaque castelhano. Sentia como se o som, transmitido do ouvido ao cérebro, tivesse passado a habitar o interior da cabeça, ressoando como numa caverna. A simples lembrança do tom de voz com que fora feita a profecia provocava-lhe tonteira acompanhada de suor no couro cabeludo.

Durante a volta para casa dera-se conta de que o argentino poderia morar na zona norte da cidade ou mesmo num subúrbio, o que transformava sua busca numa loteria, e não se julgava um homem de sorte. Sem carro e sem dispor de uma estratégia de ação, podia ficar até o fim dos seus dias percorrendo festas infantis pelos bairros do Rio de Janeiro.

Sentia-se o mais perfeito idiota, não só pela procura infrutífera que empreendera nos últimos fins de semana como pelo fato de não saber o que estava procurando, e com que finalidade. O que faria, se encontrasse o argentino? Tentaria agredi-lo? Mas ele em nenhum momento fora agressivo fisicamente; a agressão exercida consistira na natureza da previsão, a qual, tinha que concordar, fora feita num tom firme mas com voz suave. Que tipo de cobrança faria ao vidente? Exigiria que mudasse o vaticínio? Além de idiota, seria ridículo.

Desceu do ônibus na praia do Flamengo, entrando em sua rua pelo extremo oposto ao da rua do Catete. Teve de percorrer um bom pedaço até poder vislumbrar a fachada do seu prédio com a silhueta da mãe na janela, recortada pela luz do quarto. Ela certamente já o pressentira muito antes de vê-lo.

Respondeu com hã-hã ao recado da mãe sobre o telefonema da mulher desconhecida e trancou-se no quarto. Acendeu apenas a luz do abajur, e mesmo essa achou excessiva, mas não se sentia bem na completa escuridão. Tirou a roupa devagar, avaliando cada movimento, numa extensão precisa de pernas e braços nos limites exatos do espaço disponível. Na verdade não havia espaço

disponível, apenas o espaço entre as quatro paredes, elas mesmas totalmente ocupadas, cada centímetro. Aquele quarto era a mais perfeita expressão dele próprio: funcional, mas sem espaço livre. Ouviu a movimentação da mãe na preparação do jantar. Não estava com fome. O cheiro da comida se associava ao dos cachorros-quentes e brigadeiros, provocando náuseas. Lutava contra o impulso de roer as unhas, hábito que contraíra havia algumas semanas e que o irritava. Mas não era o que mais o irritava. Se fosse possível elaborar uma hierarquia das irritações, o grau máximo, sem dúvida alguma, caberia à atitude controladora da mãe. Conseguiu não roer as unhas, mas percebeu que as mãos estavam suadas apesar do frio que entrava pela janela semi-aberta. Apagou a luz do abajur, deixando a luz do poste iluminar o quarto. Permaneceu deitado na cama, sem se mexer, esperando a mãe bater na porta avisando que o jantar estava servido. A irritação com a mãe começara num momento da relação entre os dois que ele não conseguia precisar, talvez dois ou três anos antes, em torno de pequenos acontecimentos sem importância. com a irritação, foi diminuindo a intimidade entre eles. A intimidade corporal cessara quando ainda era criança.

Desde então, não se tocavam mais. Além da fala funcional do dia-a-dia, raramente conversavam.

PARTE II

1

A segunda-feira começou lenta, depois de um fim de semana morno. Espinosa atribuiu a uma falha mecânica e não a esquecimento seu o fato de o despertador não ter tocado, o que o fez chegar atrasado à delegacia e perder a companhia de Alice. Welber o esperava.

– Seu amigo Gabriel telefonou, insistindo em trazer a colega de escritório para uma entrevista com você.

– Welber...

– Não adianta, ele diz que tem que ser com você. E pede para ser no final do dia, para não atrapalhar o horário de trabalho dos dois.

– Quais dois?

– Dele e da colega.

– Namorada?

– Não sei, parece que estava presente à comemoração de aniversário.

– Pode marcar; um dia isso termina.

– Que não seja conforme a predição do vidente.

– Você conseguiu saber alguma coisa sobre o argentino?

– Nem o próprio rapaz sabe se ele é argentino. Pode ser de qualquer país sul-americano. Pode ser brasileiro fazendo se passar por estrangeiro. De todo jeito, não temos notícia de ninguém que se encaixe na descrição feita pelo menino.

– Welber, ele não é menino, é um cara assustado.

– Porra, Espinosa, a função da polícia não é espantar fantasmas de menino assustado.

Uma coisa voltava com impiedosa insistência e regularidade ao espírito de Espinosa: a convicção de que episódios como o do rapaz era o que quebrava a monotonia de sua atividade de delegado, cada vez mais tomada por tarefas burocráticas. A imagem do policial como investigador de crimes e captor de bandidos correspondia cada vez menos ao cotidiano da delegacia de polícia. Os roubos e assassinatos continuavam acontecendo em número crescente, mas não eram os alvos principais da polícia. Num país marcado por tamanha desigualdade, a função da polícia não pode ser outra senão impedir o terceiro mundo de invadir o primeiro. Espinosa sabia disso; alguns poucos como ele também sabiam; os demais eram tão marginais quanto os que eles prendiam, agrediam e achacavam. Nesse panorama, a história de um homem ameaçado de se tornar assassino pela predição de um adivinho era sem dúvida diferente.

O resto da manhã transcorreu em meio a ofícios, memorandos e processos. Espinosa saiu para almoçar sem escolher previamente o local. Poderia ser um restaurante, um balcão de comida a quilo ou o McDonald's; qualquer das três escolhas poderia ser feita num raio de duas quadras. Uma névoa fina filtrava e difundia a luz do sol, produzindo uma luminosidade intensa e homogênea. Os prédios, as árvores, as pessoas e os objetos ficavam incrivelmente nítidos, fortemente iluminados, mas sem sombras. Aquilo chamava a atenção de Espinosa da mesma forma que o pequeno detalhe do homem com um dos sapatos limpo e engraxado e o outro empoeirado e maltratado. Na verdade, o segundo fato era para ele mais notável do que o primeiro porque envolvia uma história, coisa que os fatos naturais não envolvem. Por que uma pessoa traria um pé do calçado perfeitamente limpo enquanto o outro se apresentava descuidado? Não era, pensava enquanto caminhava e ultrapassava os limites das escolhas possíveis de almoço, não era e não podia ser porque a pessoa tivesse pisado numa poça de lama ou enfiado o pé num monte de entulho; o sapato não estava acidentalmente sujo, estava sistematicamente malcuidado. Que tipo de pessoa dedica

especial atenção a um pé de sapato e deixa o seu par degradar-se por falta de cuidados? O enigma não tinha a menor importância para além da própria pessoa portadora dos sapatos, mas era capaz de provocar longas reflexões e até mesmo uma pequena insônia em Espinosa. De imediato, provocou a perda dos prováveis locais de almoço. Já estava quase na avenida Atlântica quando voltou sobre seus passos. Depois de algum tempo, viu-se diante de uma mocinha que o olhava simpaticamente e perguntava "Para levar?", e em resposta ao balançar afirmativo da cabeça enfiava o sanduíche e o milk-shake num saco de papel.

Na delegacia, mais um telefonema de Gabriel perguntando se o novo encontro poderia ser no final da tarde do dia seguinte, por volta das cinco, horário que ficaria bom para eles.

– Chefe, você não acha que o menino, como quem não quer nada, está conduzindo as operações?

– Que operações, Welber? Não tem operação nenhuma. Não temos nem mesmo um caso, tudo não passa de faz de conta, não há nada de concreto.

Quando Welber saiu da sala, Espinosa não pôde deixar de pensar no que ele dissera. De fato, desde o primeiro telefonema, e mais especificamente desde o primeiro encontro no restaurante, Gabriel estava conduzindo a história como se fosse o autor de um roteiro no qual cada personagem tivesse seu papel definido. Por outro lado, não se sentia manipulado pelo rapaz, nem achava ser essa a intenção dele, pelo menos a intenção consciente. De todo modo, passaria a ter mais cuidado. Suas fantasias já eram mais do que suficientes, não necessitava de acréscimos externos.

Voltou para casa na hora de sempre e, como sempre, parou alguns minutos na lojinha onde se abastecia de pão preto, frios e bebidas. No inverno preferia vinho tinto a cerveja, era melhor para a elegância e para o coração. Nos últimos tempos estava tentando substituir o jantar por um lanche, quando muito precedido por uma sopa (de lata). A tentativa fazia parte de um pacote para reduzir ao mínimo as tarefas domésticas. O fogão já era considerado um

aparato pré-histórico. Não conseguira, porém, eliminar pratos, copos e talheres. Não suportava comer ou beber com utensílios de plástico.

Alice estava sentada no banco em frente ao prédio enquanto Petita, que não era nada pequena, acompanhava com a cabeça o vaivém de uma bola chutada por um grupo de crianças. Ambas foram em sua direção assim que Espinosa se aproximou.

– Que bom que você chegou. Tenho novidades. Nasceu uma ninhada. Dois machos e três fêmeas.

– Do que você está falando, meu bem?

– Do seu cachorro, claro.

– Qual cachorro?

– O labrador.

– Um o quê?

– Um labrador. Você não sabe o que é um labrador?

– É uma raça de cachorro.

– Então. Nós não combinamos que você estava muito sozinho e que precisava de um cachorro?

– Nós não combinamos coisa nenhuma, você é que decidiu assim.

– Mas você não discordou.

– O que não significa que tenha concordado.

– Espinosa, eles são lindos. São cor de areia. A dona da ninhada disse que eu posso ser a primeira a escolher.

Petita, uma pointer cujo modo principal de se relacionar com o mundo era farejando, tentava descobrir, com a ponta do focinho, o que continham as sacolas de compras.

– Nasceram anteontem. São fofíssimos.

– Imagino.

– E a dona disse que os labradores se dão muito bem com os pointers.

– E o que esse humano aqui vai fazer com um labrador?

– Você não vai fazer nada, ele é que vai cuidar de você. Vai ser seu amigo, vai ficar deitado junto de você, vai te receber abanando o rabo sempre que você chegar, vai tomar conta da casa...

– E quem vai tomar conta dele?

– Já disse que cuido dele. Levo para passear, dou banho, levo ao veterinário, essas coisas todas. No sábado levo você até lá para ver. É aqui mesmo, no bairro Peixoto. Eles têm de ficar com a mãe até desmamarem. Até lá, você tem tempo para escolher. Não diga nada até ver os filhotinhos.

Espinosa se inclinou para dar dois beijos, que foram recebidos como sinal de que estava tudo combinado.

2

O primeiro pensamento de Olga ao acordar foi para o encontro que teria no final da tarde com o delegado. Nunca estivera numa delegacia policial, e as imagens que vira em reportagens na televisão não eram estimulantes; felizmente Irene concordara em lhe fazer companhia. Gabriel estaria presente, mas suspeitava que era o mais necessitado de apoio. Havia ainda o fato de não saber o que, precisamente, esperavam dela. Não era para prestar testemunho, Gabriel tinha dito; nada de oficial, apenas uma conversa informal para o delegado se certificar de que ele não estava inventando toda aquela história. Mas não estaria mesmo? Até que ponto era capaz de jurar que noventa por cento de tudo o que estava acontecendo não era pura invenção dele? Aliás, não estava acontecendo nada, salvo ansiedades e fantasias neuróticas; quanto a tudo o mais, restava de concreto apenas o vaticínio do adivinho, que em si mesmo achava uma grande bobagem. Tomou café pensando que se desse sorte de encontrar Gabriel na estação do metrô, teriam um pouco de tempo para falar sobre o encontro com o delegado à tarde. Gabriel tinha pedido para não falarem sobre o assunto no trabalho, poderia repercutir negativamente. Não viu Gabriel na plataforma da estação

do Catete, onde ele costumava pegar o metrô, mas na estação de Copacabana, quando caminhava em direção às escadas rolantes, sentiu tocarem no seu ombro. Era ele.

– Procurei você na sua estação – disse Olga.

– Entrei no último carro, quando o trem já estava quase saindo.

– Confirmado o encontro com o delegado?

– Sim... Você vai, não é?

– Vou. Pedi a uma amiga para ir comigo. Acho que vou me sentir melhor estando com ela. Imagino uma delegacia de polícia como um lugar cheio de homens falando alto e olhando libidinosamente para as mulheres.

– Não é nada disso, é uma repartição pública, não precisa ficar assustada. Essa sua amiga, quem é?

– O nome dela é Irene. Somos amigas desde os tempos de faculdade. Não se preocupe com ela, sabe se cuidar.

O trecho da estação do metrô até o prédio da empresa onde trabalhavam era de pouco mais de três quadras. As duas últimas foram percorridas em silêncio. Gabriel caminhava olhando para o chão. De vez em quando, voltava o rosto para Olga e sorria sem jeito, pareciam dois estranhos sozinhos num elevador.

Os poucos encontros que tiveram durante o dia foram marcados pela total falta de espontaneidade de Gabriel. Às cinco da tarde, como tinham combinado, saíram para a delegacia. Falaram sobre o tempo, exageraram o frio que estava fazendo, e chegaram sem que o silêncio se abatesse sobre ambos. Assim que transpuseram o arco de entrada do prédio da polícia, Gabriel começou a falar nervosamente. Olga passou o braço em torno do dele e, ao chegarem ao segundo andar, ele parecia ter se acalmado. Um detetive pediu que esperassem, o delegado estava atendendo um caso urgente. Sentaram no sofá que havia junto à escada e esperaram quinze minutos; Irene surgiu no topo da escada ao mesmo tempo em que o delegado Espinosa abria a porta da sala e observava Olga apresentar Irene a Gabriel. Em seguida foi a vez de

Gabriel apresentar as moças ao delegado, o que foi feito com algum atropelo, enquanto Espinosa os convidava a entrar na sala. O olhar sereno que dirigiu a cada um depois de se sentarem se deteve alguns segundos em Irene.

– Delegado, obrigado por me atender mais uma vez. Achei que seria importante o senhor escutar minha colega de trabalho, Olga, que estava presente à comemoração de aniversário. Sua amiga Irene está aqui na condição de amiga e acompanhante de Olga.

Olga olhava surpresa para o rapaz, que durante o dia inteiro mal conseguira articular algumas frases sem gaguejar ou trocar as palavras e naquele momento ensaiava um discurso articulado, com palavras precisas, quase empolado. Gabriel percebeu o efeito causado por suas palavras e tentou minimizá-lo.

– Desculpe o aspecto formal da minha fala, mas é que o senhor não conhecia as moças... Uma delas nem mesmo me conhece...

– Mas parece que de tímido você não tem nada –, interrompeu Irene.

– Como?

– Nada, não. Foi um papo que tivemos, Olga e eu. Gabriel olhou interrogativamente para Olga, que se apressou em esclarecer as palavras da amiga.

– É que quando pedi a Irene para vir comigo, procurei colocá-la a par do que estava acontecendo e falei em você... Creio que fiz alguma observação quanto a você ser um pouco tímido.

– Ah.

– Mas disse também que você era interessante.

Ficou uma certa dúvida no ar quanto ao sentido da última observação de Irene. Olga começava a pôr em dúvida o acerto do convite. Espinosa até então não tinha dito uma palavra.

– Delegado, o motivo de eu ter pedido a minha colega para vir aqui foi ela atestar a verdade do que contei ao senhor.

– Mas eu nunca pus em dúvida suas palavras.

– Sim... eu sei... mas achei que valia a pena reforçar... se ela pudesse contar ao senhor...

– Claro que pode. Terei muito prazer em ouvir o que vocês têm a dizer.

Antes de Olga iniciar o relato, Irene dirigiu-se a Espinosa.

– Delegado...

– ...Espinosa.

– ...Delegado Espinosa, eu nada tenho a dizer sobre o ocorrido; na verdade, nem sei ao certo o que aconteceu, estou apenas acompanhando minha amiga...

Irene estava visivelmente encantada com o delegado, mas preferiu aguardar o desenrolar dos acontecimentos. Olga ficou intimamente satisfeita com o encantamento de Irene, assim ela não concentrava a atenção em Gabriel, apesar da ambiguidade da observação inicial, sobre a timidez dele.

Gabriel começou a se impacientar com a presença de Irene.

– Se o senhor puder ouvir minha colega...

– Claro que posso, afinal foi para isso que vocês vieram aqui. Por favor, senhorita.

Olga estava desconcertada com a aparente desimportância que o delegado estava atribuindo ao que estava se passando naquela sala. Salvo, é claro, ao fato de Irene ter se integrado ao grupo.

– Não sei exatamente o que o senhor quer saber.

– Não se preocupe com o que eu quero saber, concentre-se no que quer contar.

– Está bem. – Olhou para Gabriel como para pedir ajuda; olhou para Irene, que estava olhando para Espinosa; e iniciou seu relato dos acontecimentos da noite de comemoração do aniversário de Gabriel, relato que não diferiu muito do que fora feito por ele, salvo pela pouca ênfase dada às passagens que envolviam o argentino. À medida que ela contava, os olhos de Gabriel não despregavam de Espinosa. Findo o relato de Olga, Gabriel continuou com o olhar fixo

no delegado, esperando alguma manifestação mais explícita, talvez uma declaração. Passados alguns segundos, não se conteve.

– Então?

– O que o senhor acha?

Espinosa permanecia em silêncio, um silêncio que de fato não ultrapassou alguns poucos segundos, transformados em longos minutos pela ansiedade do rapaz.

– Acho que combina perfeitamente com o que você me contou.

– Então acredita em mim?

– Se não tivesse acreditado em você, não estaríamos sentados aqui. O que você não entendeu é que o fato de eu acreditar na sua história não transforma em verdade o vaticínio do seu argentino. Dona Olga, a senhora já tinha visto esse argentino?

– Não, nem sabia que era argentino.

– Nós também não.

– E a senhora, dona...

– Por favor, não me chame de dona... também não precisa me chamar de senhorita... Irene. Não. Tomei conhecimento dos fatos muito por alto, há dois dias, em meio a uma quantidade de chopes capaz de me fazer embaralhar os nomes. Até poucos minutos atrás não estava certa quanto a Espinosa ser o nome do adivinho ou do delegado. Para dizer a verdade, acho que Espinosa combina muito mais com adivinho-vidente do que com delegado.

– Às vezes tentamos um pouco de vidência.

– Desculpe, delegado, é que não sei qual o meu papel aqui; sou inquieta, não sei ficar observando os acontecimentos.

– Não há por que prolongarmos esta entrevista. Não se configura nenhuma situação que justifique uma investigação. O suposto argentino não cobrou pelo que fez, não impôs sua presença; e, segundo o testemunho de vocês dois, ele foi sereno e delicado. De que você quer que eu o acuse? – disse, olhando para Gabriel. – O

único que pode ser acusado de alguma coisa é você, caso venha a efetivar a predição.

Gabriel ficou parado olhando para o delegado, olhos vidrados, mudo, lábios comprimidos, expressão de quem não entendia o que estava se passando, parecendo uma pessoa prestes a ter um colapso.

– Delegado, meu amigo está muito nervoso. Não está trabalhando direito, não conversa mais com os colegas, parece doente... De fato o adivinho foi educado e gentil, mas eu estava lá, e confesso que ele me impressionou, assim como impressionou os nossos colegas... É que os outros levaram na brincadeira, mas por puro nervosismo. Imagino que Gabriel tenha ficado muito mais tocado do que os demais, afinal de contas, foi ele o alvo da predição.

– Entendo o ponto de vista de vocês, mas gostaria que procurassem entender o meu. Sou delegado de polícia, não tenho competência sobre a imaginação das pessoas. Não tenho um só fato concreto sobre o qual fundar uma investigação. A menos que ele entre em contato com Gabriel, oferecendo-se para "desfazer a profecia" mediante a módica quantia... Por enquanto o que temos de mais concreto é o efeito psicológico de uma predição sobre uma pessoa. A verdade dessa profecia não é maior ou menor do que as feitas pelos falsos messias nas praças da cidade. Quanto à possibilidade de o nosso amigo Gabriel vir a matar alguém, depende apenas do seu empenho para confirmar ou desmascarar evidente.

– Quer dizer... quer dizer... que o senhor está encerrando o caso?

– Não estou encerrando, porque ele não chegou a ter início. O que houve foram algumas conversas entre nós dois, e meu oferecimento para atendê-lo sempre que quiser falar conosco. O oferecimento e a disponibilidade permanecem.

Durante o tempo que durou a entrevista, o dia foi escurecendo e a luz sobre a mesa de Espinosa foi se tornando insuficiente para manter a sala iluminada. O estado de espírito de Gabriel foi, juntamente com o ambiente, ficando mais sombrio à medida que o

encontro se aproximava do fim. O foco do abajur incidia sobre o coldre com a arma que Espinosa deixara sobre a mesa. Era para onde se voltava, no final, o olhar de Gabriel. Espinosa guardou a arma numa gaveta, levantou-se e acendeu as luzes do teto. A reunião terminou num clima menos soturno, com Espinosa pedindo que cada um escrevesse num bloco nome e telefone, para o caso de precisar entrar em contato.

Ao se despedirem, o delegado fez questão de acompanhá-los até o térreo. Irene retribuiu generosamente o olhar e o aperto de mão de Espinosa, com a certeza de que o expediente de anotar os nomes e os telefones fora uma estratégia para obter o seu telefone. Na calçada em frente à delegacia, Gabriel piscava muito e procurava a proximidade de Olga. Era evidente o desagrado com a presença de Irene. Sozinho com Olga a caminho da estação do metrô, confidenciou que fora ela a responsável pelo fracasso do encontro. Quando Olga tomou-lhe a mão para acalmá-lo, sentiu-a morta.

3

A gerente da lanchonete foi quem transmitiu o recado a Hidalgo, que voltou para junto da parceira, comentando. – A mesma coisa de ontem, alguém está à nossa procura.

– Você tem ideia de quem seja?

– Não, mas não está parecendo alguém querendo teatro de fantoches para o filhinho.

– Será alguém que você prometeu ajudar, em suas adivinhações?

– Pode ser. Só que não consigo me lembrar de quem.

– Você não pode confundir os clientes de teatrinho com os de vidência. Aposto como você nem se lembra do que disse para cada pessoa. Vai chegar a hora em que vai embaralhar as profecias e vão acabar percebendo sua farsa.

– Que farsa, mulher? Não tem farsa nenhuma. Digo sempre a verdade, pelo simples fato de que as pessoas querem saber sempre as mesmas coisas: se vão ter dinheiro, saúde e amor. Nessa ordem.

– Não gosto dessa história de gente à nossa procura. Pode ser fiscal querendo dinheiro. Pode ser polícia.

– Para com essa besteira, não somos delinquentes.

– Fico com medo.

– Controle-se, você tem medo até de guarda de trânsito. Prepare os bonecos, que vou pegar sanduíche e refrigerante para nós.

Hidalgo atravessou a sala do McDonald's reservada para festas como se estivesse cruzando o salão de um palácio real. As crianças que berravam e corriam em todas as direções não existiam, mesmo os adultos eram ignorados; se não se afastassem, era capaz de passar através deles. No entanto, crianças e adultos, homens e mulheres, ficavam fascinados com seu porte e com sua beleza. Stella, namorada, ajudante e sócia no negócio de teatrinho de fantoches, era muito bonita e atraente, mas não exercia o mesmo fascínio, talvez pelo toque de vulgaridade na maneira de falar, ou pelo porte apenas regular, se comparado ao do companheiro.

– Quando quiserem podem começar, as crianças estão ficando agitadas. – Era a mãe do aniversariante, olhando para Hidalgo encantada.

– Pois não, senhora, assim que acabarmos de comer estes sanduíches garantiremos meia hora de silêncio e paz no recinto. Apenas nossas vozes serão ouvidas.

E de fato aconteceu. Quando a voz possante do príncipe se fez ouvir em socorro à princesa, as crianças já estavam com os olhos pregados no pequeno palco onde as figuras de pano obedeciam aos comandos de Hidalgo e Stella. Em seguida à apresentação, foi a hora de cantarem o parabéns a você, de o aniversariante soprar as velas e de distribuir os pedaços de bolo que já vinham partidos e embrulhados em plástico. Era a hora de Hidalgo se despedir dos pais e oferecer seus préstimos extras.

– Parabéns, senhora, seu filho é uma linda criança, prevejo para ele um belo futuro com pequenos percalços perfeitamente superáveis.

– O que o senhor quer dizer com percalços? Vê alguma coisa de ruim para ele? O senhor é vidente?

– Em certos momentos sou capaz de antever fatos isolados do futuro de uma pessoa, sem que tenha controle sobre essa minha capacidade; não se trata de um dom, não domino essa aptidão, sou dominado por ela.

A conversa se passava em meio a gritos que perturbavam a comunicação entre Hidalgo e a jovem mãe do aniversariante. A escolha do momento era estratégica.

– Não estou entendendo bem o que o senhor está querendo dizer.

– Não dê importância, estou apenas desejando felicidades para a senhora e seu filho.

– Mas o que o senhor disse sobre os percalços... São problemas de saúde? Problemas de dinheiro?

– Não ficou muito claro. Durante a apresentação do teatrinho eu estava entretido com as falas e o manejo dos bonecos, terminada a apresentação começaram a correria e os gritos das crianças...

– Quem sabe em circunstâncias mais propícias, fora daqui. O senhor tem telefone?

– Infelizmente não, mas a senhora pode me dar o seu número e entrarei em contato.

Junto ao número, escrito num guardanapo de papel, o nome dela, Maria Clara, e entre parênteses "mãe do Eduardo (Duda)". Hidalgo aproveitou o momento em que uma das mães se aproximou para se despedir e se afastou. Stella tinha desmontado o pequeno palco e guardado os bonecos e apetrechos em duas sacolas de viagem.

– Tome, guarde com você.

– O que é isso?

– Você não queria organizar nossos clientes? Pode acrescentar a mãe do Duda. Está ansiosa para saber se ele vai ter saúde e dinheiro.

– Cuidado, podemos acabar perdendo a grana do teatrinho.

– Não vamos perder nada, meu bem, vamos ganhar mais. Muito mais. Precisamos de um lugar para atender os clientes, não podemos atender em casa, não é prudente. O fato é que está na hora de começarmos a colher os frutos do que plantamos.

– Só quero que você tome cuidado. Não se esqueça de que sou funcionária pública. Não posso perder o emprego.

– Como você diz, é emprego, não é trabalho. Agora vamos começar a trabalhar. com a cabeça.

A tarde estava chegando ao fim. Hidalgo e Stella saíram da lanchonete, ela carregando as sacolas, ele parecendo à espera de o motorista particular trazer a limusine.

Dobrou a esquina sem ter visto Gabriel entrar no McDonald's.

4

Desde a reunião na delegacia, Gabriel não falava com Olga. Procurava chegar e sair em horários não coincidentes com os dela e evitava a todo custo responder mais do que um "olá" ou "tudo bem" quando ela passava por sua sala e olhava por cima da divisória. Também não ligara mais para a delegacia. Recusava-se a falar com o detetive designado para atendê-lo; era evidente que ele não podia ter experiência profissional – e certamente carecia de experiência de vida para entender o que se passava. Olga o decepcionara profundamente, e talvez irremediavelmente, ao levar Irene para o encontro. Será que não tinha entendido a gravidade da situação? Não avaliara a dimensão da tragédia que estava prestes a envolvê-lo? Teria sido dele o erro, não avaliando corretamente a probabilidade de Olga distinguir uma tragédia de um fato banal? Nos

três dias que se seguiram à reunião na delegacia, Gabriel mergulhou no mais profundo de si mesmo. Ou pelo menos tentou. Aprendera com os agostinianos, no tempo do colégio, que nos momentos de crise, quando a exterioridade se torna insuportável, o que se tem a fazer é mergulhar na própria interioridade. A verdade não está fora de nós, mas em nossa interioridade, diziam os padres. Por que não procurara no interior de si mesmo a resposta para o vaticínio do argentino? Por que o delegado? Será que sua sensibilidade para as pessoas, que até então fora tão aguçada, estava falhando a ponto de não mais distinguir quem vale e quem não vale a pena? Aquela Irene era uma desqualificada. Vira isso logo à sua chegada. O delegado, apesar de parecer uma boa pessoa, era homem e, ao que tudo indicava, solteiro.

Irene percebera isso logo de cara. Mulher percebe essas coisas. Sem dúvida é uma mulher bonita e insinuante. Cravou os olhos nele como Cristo foi cravado na cruz. Talvez estivesse misturando as coisas, Cristo nada tinha a ver com aquilo, estavam numa delegacia de polícia e não numa igreja. Por isso pedira ao delegado para os encontros serem fora da delegacia. O lugar contamina as pessoas. Assim como ninguém consegue ficar alheio à presença do divino numa igreja, também não consegue ficar imune aos malefícios de uma delegacia policial. Isso inclui, é claro, o próprio delegado. Era ingenuidade pensar que exatamente a pessoa responsável por aquele ambiente pudesse chegar à verdade das coisas e dos acontecimentos. Haja vista como tinha deixado de lado a investigação da verdade para entregar-se ao jogo de sedução iniciado por Irene. A ideia de ajuda externa era ilusória.

5

O começo de tudo fora a profecia do argentino. Tinha de continuar a procurá-lo, era a única possibilidade de tentar alterar a ordem dos acontecimentos, se pudesse ser alterada. Lembrava-se perfeitamente de que o vaticínio não admitia nenhuma condicional. Como todo verdadeiro vaticínio, era imperativo. Esse era o ponto que queria elucidar com o argentino: se tinha sido uma visão, e portanto passível de maior ou menor precisão, ou se tinha sido de fato uma profecia, portadora de alguma indefinição quanto a datas e locais, mas precisa e implacável quanto à efetivação do acontecimento. Outra coisa a ser verificada era se a transformação sofrida pelo delegado Espinosa era definitiva ou passageira. Na sua opinião, a sedução de uma mulher é como o brilho dos refletores, termina com o raiar do dia. O que lhe escapava no momento era o quanto duraria a noite do delegado Espinosa.

A simples ideia da inexorabilidade do assassinato causava-lhe vertigem. Não podia mais ficar à mercê dos enlevos românticos das pessoas. Teria de agir. O que significava, primeiro, encontrar o argentino; segundo, armar-se. Não suportava armas, como não suportava a ideia de usá-las contra outro ser humano, e se isso estava para acontecer, só poderia ser em legítima defesa. Teria de se armar para não ser morto.

Fazia uma semana que D. Alzira procurara o padre Crisóstomo. Deixara o tempo passar, para, sem pressa, refletir sobre as palavras do padre, sobre o pouco caso que fizera do problema de Gabriel e sobre o pouco caso que fizera do sofrimento dela própria.

Aproveitara a saída do filho para verificar se alguma de suas roupas estava precisando de reparo. Em cima da cama de viúva estavam divididas em pilhas camisas, calças, blusões, cuecas e meias. Os paletós estavam em cabides pendurados nos puxadores do armário embutido. Grandes decisões em sua vida foram tomadas

enquanto executava esse tipo de trabalho. Às vezes chegava a pensar que a escolha do momento de verificar as roupas do filho (em tempos passados eram as do marido) era feita precisamente para tomar alguma decisão importante quanto ao futuro, e enquanto não chegava a uma conclusão, não dava o trabalho por terminado. E se por acaso não havia mais botões a pregar, reforçava os que estavam pregados. Nunca tinha acontecido de voltar a guardar as roupas no armário sem ter chegado à decisão quanto ao problema.

O filho saía para mais uma das misteriosas incursões de fim de semana. Não ousara perguntar o que estava ocupando suas tardes de sábado e de domingo. Retornava sempre ao anoitecer. Era algo, portanto, que só acontecia à tarde, nunca pela manhã ou à noite, o que em sua opinião excluía várias coisas, sobretudo programas com mulheres, que em sua concepção eram necessariamente noturnos. Pensou na possibilidade de ele ter arranjado algum tipo de trabalho extra nos fins de semana, mas parecia-lhe inconcebível isso acontecer sem que contasse a ela. A não ser que fosse para lhe fazer surpresa. Tempos atrás ele falara em comprar um carro, de segunda mão evidentemente; poderiam fazer passeios e até pequenas viagens. Mas o estado de espírito de Gabriel não era o de quem estava para fazer surpresas, pelo menos surpresas do tipo da que estava imaginando.

A tarde estava chegando ao fim, os reparos tinham sido feitos, d. Alzira estava levando as roupas de volta para o quarto do filho e não chegara a nenhuma conclusão quanto ao que fazer. A única certeza de que estava imbuída era a de que não ficaria como espectadora passiva da destruição de que Gabriel estava sendo vítima. As tentativas de arrancar alguma informação não tinham surtido efeito. Ao contrário, ele se fechara ainda mais.

Se o filho não falava, e se padre Crisóstomo não dera importância aos fatos por ela narrados, só havia uma decisão a tomar: seguir Gabriel sistematicamente para ver o que estava acontecendo. O dia seguinte era domingo.

6

O sábado de Espinosa amanhecera marcado pelos mesmos impasses de todos os sábados: das tarefas domésticas urgentes, qual realizar? Arrumar os livros que se empilhavam por toda a extensão da parede maior da sala? Iniciara, havia tempo, uma original estante sem prateleiras, arrumando os livros em fileiras, como numa estante, só que na sua estante não havia estante, isto é, não havia prateleiras horizontais (nem montantes verticais): eram também livros que, dispostos horizontalmente, faziam o papel de prateleira para a fileira imediatamente superior, e assim sucessivamente. A estante, que ocupava toda a extensão de uma das paredes da sala, já o ultrapassava em altura, o que era um sinal claro de que o problema se tornara maior do que ele. Porque o ultrapassara, devia ser urgentemente resolvido? Ou era melhor abandoná-lo à própria sorte, isto é, ele, Espinosa, devia esperar o dia em que, pelo acréscimo de livros, o equilíbrio estável das pilhas se transformasse em equilíbrio instável e viesse tudo abaixo? Esse era apenas um dos impasses presentes a cada manhã de sábado. Havia ainda a questão envolvendo alguns eletrodomésticos que tinham atingido o ponto limite além do qual a pane seria inevitável, o que incluía a máquina de lavar roupas, que, se continuasse a se deslocar toda vez que entrava em funcionamento, acabaria por atravessar a sala e chegar ao pequeno balcão para de lá desfrutar a vista da praça. Havia a torradeira que torrava apenas um lado do pão, obrigando-o a realizar a operação em duas etapas. Tinha também o ferro elétrico, além do abajur da mesinha de cabeceira. Os problemas de carpintaria e de bombeiro hidráulico, decidira deixar para as férias. com uma frente tão ampla de questões solicitando decisões urgentes, decidiu que o melhor era ler calmamente os jornais para não ser levado a nenhuma solução precipitada. Foi quando tocou a campainha.

Não era qualquer pessoa que tinha o dom de fazê-lo sorrir numa manhã de sábado antes de ter lido os jornais. A criaturinha com

quem se defrontou ao abrir a porta era uma exceção.

- Oi, tudo bem? Então, vamos lá?
- Vamos lá aonde, meu bem?
- Espinosa! Não me diga que você esqueceu!
- Deus me livre, querida... mas se você me der uma dica...

A expressão de desapontamento no rosto era acentuada pelos dois enormes olhos azuis que o fitavam atentamente esperando a resposta. Espinosa obrigou-se a acordar plenamente.

- Os cachorrinhos.

Alice pulou no seu pescoço, com a espontaneidade que os treze anos de idade permitem.

– Você não acha que é cedo? Pode ser que os donos dos cachorrinhos estejam dormindo.

– Não se preocupe, já passei por lá e estão acordados. Fui levar Petita para passear e aproveitei para dar uma olhada. Quer um tempo para fazer a barba e mudar de roupa?

- Não posso ir de roupão?
- Ah, Espinosa. Passo daqui a meia hora, tá bem?
- Está certo, vou pôr minha roupa especial de visitar cachorrinhos.

Meia hora mais tarde, estavam subindo uma das ruas que contornam o bairro Peixoto.

- Espinosa...
- Oi.
- Você me disse que já foi casado.
- Isso mesmo.
- Como era sua mulher?
- Uma pessoa maravilhosa. Era minha colega na faculdade de direito. Nós nos casamos assim que eu me formei. Ela se formou dois anos depois.
- Era bonita?

- Era. com certeza ainda é, tem apenas quarenta anos.
- Mais velha do que minha mãe.
- Sua mãe e ela ainda são jovens.
- Vocês tiveram filhos?
- Tivemos um. Tem dois anos mais do que você.
- Você nunca vê ele?
- Muito pouco, ele mora nos Estados Unidos, em Washington, só vem ao Brasil uma vez por ano.
- E você não sente saudade?
- Sinto. E acho que ele também sente.
- A mãe dele casou de novo?
- Casou.
- Por isso ela foi para os Estados Unidos?
- Foi. Ela se casou com um funcionário da embaixada do Brasil em Washington.
- Por que o casamento de vocês acabou?
- Por culpa minha.
- O que você fez?
- Não foi o que eu fiz, meu bem, foi o que deixei de fazer.

Para surpresa de Espinosa, Alice não perguntou mais nada. Pareceu ter entendido a resposta.

O prédio em questão ficava na parte mais elevada do bairro e o apartamento era um térreo com amplo espaço coberto na parte dos fundos. Uma senhora com aspecto de estrangeira falou com Alice como se fossem velhas conhecidas e cumprimentou Espinosa com excessivo respeito quando ela o apresentou como "meu amigo, delegado Espinosa". Os filhotes estavam na parte coberta. A cadela, deitada de lado, dormitava enquanto quatro cachorrinhos disputavam a melhor teta. Abriu os olhos para os visitantes, deu uma leve abanada de rabo quando Alice a chamou pelo nome, e levantou-se, ainda com dois filhotes dependurados. Alice, que já era

íntima de todos – dona, cadela e filhotes –, pegou um macho cor de areia, deu para a cadela cheirar, e passou-o às mãos de Espinosa.

– Este é o seu. Ainda não tem nome.

Espinosa olhou para a dona e aparou com as mãos em concha o pequeno labrador, focinho ainda úmido de leite, que imediatamente começou a lambe-lhe os dedos.

– Então? – Os olhos de Alice brilhavam.

– É lindo.

– Daqui a um mês você pode levar para casa.

– Mas...

– Já disse que cuido dele para você. Não precisa se preocupar com nada. Saio com ele para passear, dou banho, levo ao veterinário, você só precisa gostar dele. – Lançou um olhar cúmplice para a dona e ambas olharam para Espinosa.

Voltaram para casa com Alice falando das vantagens oferecidas pelo cão labrador.

– Espinosa, ele é o cão que usam para guiar cegos.

– Você acha que eu,..

– Sei que você não é cego, apesar de às vezes não enxergar as coisas.

– Como assim?

– Nada não. Vamos escolher um nome pra ele? Antes de chegarem ao prédio onde moravam, algumas dezenas de nomes tinham sido propostas.

– Já que ele vai estar sempre um pouco lá e um pouco cá, por que não o chamamos Vizinho? – propôs Espinosa.

– Legal. Somos vizinhos e ele é o nosso Vizinho. Gostei.

– Então está decidido. O que não está decidido é como posso ter um cachorro se fico o dia inteiro fora de casa; mas, segundo você, isso é um detalhe sem importância, ele pode abanar o rabo para mim nos finais de semana e de segunda a sexta destruir meu apartamento.

7

Marcaram o encontro no mesmo restaurante da semana anterior. E, tal como na vez anterior, quando Irene chegou Olga já estava sentada e conseguira uma mesa na mesma posição. Também tomava o que devia ser o primeiro chope e, como na primeira vez, estava atenta e levantou o braço assim que Irene atravessou a passagem que dá acesso ao salão do Lamas – e mais uma vez Irene mostrou que era capaz de entrar num salão lotado e ser notada por quase todos os homens e mulheres.

– Finalmente vamos poder falar sobre o encontro na delegacia.

– Obrigada por ter ido, foi horrível, estou envergonhada por ter feito você participar daquilo.

– Mas Olga, achei uma delícia! E aquele delegado... Um desperdício, aquele homem ficar metido com criminosos.

– Pensei que você...

– Achei ótimo. Seu garotão também não está nada mal. Um pouco dark pro meu gosto, mas nada que uma boa praia não dê jeito. Só não entendi o que ele está querendo com o delegado. Ninguém cometeu nenhum delito. Qual é realmente o problema?

– Já não sei mais. Estou muito confusa. Pensei que, concordando com o encontro, ia poder ajudar Gabriel, mas acho que piorei ainda mais a coisa.

– Mas você não fez nada. Quase não falou. Agora: o seu rapaz falou direitinho...

– Não é meu rapaz. Desde aquele dia, ficou ainda mais esquisito. Não fala com ninguém no escritório e até para ir ao banheiro escolhe um momento em que não haja ninguém pelo caminho, acho que ele está ficando maluco.

– Ou sempre foi e não notaram.

– Não. Ele era alegre. Nunca foi expansivo, é verdade, mas nunca evitou contato com os colegas. Comigo sempre foi um

encanto. Tudo mudou desde o dia em que aquele merda de vidente inventou que ele ia matar alguém. Aquele sim, é maluco. Maluco e agressivo. Filho da puta.

– Calma, querida. Que eu saiba, ninguém é preso por ser filho da puta, sobraria pouca gente para efetuar as prisões. Vamos remontar a história para ver se faz algum sentido. Um. Pequeno grupo de colegas de trabalho comemora num bar o aniversário de um deles. Dois. Aparece um cara que ninguém conhecia e se oferece para fazer previsões sobre o futuro do aniversariante. Três. Além das previsões clássicas, vaticina que o aniversariante vai cometer um assassinato antes do seu aniversário seguinte. Quatro. O aniversariante, vendo se aproximar a data da profecia, se desespera e procura a polícia. Cinco. Tudo isso é uma maluquice.

– Eu sei que é uma maluquice, Irene. O delegado deve achar a mesma coisa. E essa deve ser a opinião de todos, mas não é o ponto de vista do Gabriel. Ele está desesperado. Não sei por que cargas d'água, acha que o sujeito falou a verdade. A impressão que me dá, é que para o Gabriel esse assassinato já está cometido, falta apenas chegar o dia.

– Então, minha querida, seu rapaz está mesmo maluco.

– Mas aí é que está o ponto. Ele não é maluco. É um bom profissional, é competente no que faz, tem uma fala articulada, é inteligente...

– Eu não disse que ele é maluco; disse que ele está maluco. A questão é: por que a predição do tal argentino deixou-o enlouquecido? Se algum vidente de botequim me dissesse algo parecido, eu o mandava tomar no eu; ou então confirmava o assassinato e anunciava que a vítima seria ele. Creio que essa seria a reação de qualquer pessoa razoavelmente normal. Por que com ele foi diferente?

– Gabriel é do tipo sonhador, pelo menos essa é a impressão que tenho dele, mas em nenhum momento, desde que o conheço, pareceu confundir fantasia com realidade.

– Todo mundo confunde, querida; se não confundisse, não acreditava em príncipe encantado e amor eterno. Vai ver que ele estava desejando a morte de alguém; então aparece um vidente profetizando exatamente o que ele estava imaginando... Pimba, o cara pirou.

– Pode ser. Acho que ele seria sensível a uma situação como essa.

– A questão é se o tal argentino dispunha dessa informação privilegiada e armou tudo para fazer uma jogada.

– Que jogada? Como ele ia conseguir saber? Gabriel nunca tinha visto ele antes.

– Gabriel não, um dos presentes pode ter passado alguma informação para o argentino, que resolveu tirar proveito da situação.

– Tirar proveito como? Não aconteceu mais nada.

– Aí é que está o ponto. Se minha hipótese estiver correta, ele volta a atacar, dessa vez surgindo como salvador da pátria, possuidor do antídoto contra todos os vaticínios, dono da palavra mágica contra todos os oráculos.

– Não é sem motivo que considero você minha amiga mais inteligente.

– Além de inteligência, precisamos de astúcia. Temos que nos unir ao delegado.

– Puta que pariu, Irene, você montou tudo isso só para...

– Calma, querida, tome mais um chope e pense bem. Por que não unir o útil ao agradável? Afinal, isso não é trabalho, ou pelo menos não o nosso trabalho... mas é o trabalho do delegado. Você tem que tomar cuidado para não ficar igual ao seu amigo. Relaxe. Não leve as coisas tão a sério. Ninguém vai matar ninguém.

– Não estou tão otimista assim.

– Olhe. Tenho ido a São Paulo, a trabalho, nos finais de semana. Por que não vai comigo?

– Nunca mais voltei a São Paulo.

– Então. Vamos matar as saudades. Garanto que você volta revigorada para dar um agarro no Gabriel.

8

A orla marítima da zona sul da cidade estava, desde a véspera, batida por um vento sudoeste que deixava o mar encarneirado e o céu com nuvens esfarrapadas. A modificação física era notável, mas ocorria uma outra transformação no espírito da cidade, sensível sobretudo para os moradores dos bairros próximos às praias. O sudoeste anuncia mudança; não se trata apenas da mudança óbvia do tempo, mas de algo que o próprio vento não porta explicitamente. Fica evidente para os habitantes locais que ele tem a natureza de sinal; apenas não fica evidente do quê ele é sinal; pode ser sinal de chuva ou de ressaca nas praias, pode ser sinal para o pescador permanecer em terra, mas pode ser sinal de que mudará o humor dos garçons ou de que Maria vai brigar com João. Por via das dúvidas, o morador experimentado põe-se alerta com os dizeres e os fazeres, e se o barco é frágil, evita mares, mesmo os conhecidos.

Foi sob essas condições que D. Alzira saiu de casa no sábado à tarde logo depois de Gabriel. O vento aumentava a sensação de frio, e para sorte dela o filho tomou a direção oposta à da praia, foi para as ruas do bairro protegidas pela barreira de prédios da praia do Flamengo. Separara dinheiro para o táxi, caso Gabriel tomasse ônibus; a pé, não conseguiria ser suficientemente rápida e ágil para alcançar o mesmo ônibus que ele sem ser notada, e seria difícil explicar a coincidência, já que estava em casa quando ele saiu. Mesmo de táxi, não seria fácil segui-lo, teria de ter a sorte de encontrar um motorista paciente o bastante para seguir um ônibus de modo a que ela pudesse verificar em cada parada se Gabriel tinha descido. Desde o término do almoço, tinha o esquema pronto para funcionar. O problema teria sido se ele tivesse saído logo em seguida, mas para surpresa e quase desapontamento seus, o filho se trancara no quarto e dormira um bom par de horas. Viu quando ele

acordou e foi ao banheiro, voltando para o quarto e fechando novamente a porta. Mas ela sabia, por experiência, que ele não voltara a dormir, devia estar com os fones de ouvido, escutando música. Mais uma hora e meia se passara, até que ele novamente se dirigiu ao banheiro para tomar banho. Já estava achando que não seria naquele dia que descobriria o alvo das incursões semanais do filho quando percebeu, pela roupa que ele estava vestindo, que a hora era aquela. Como deixara tudo preparado para sair logo depois dele, não levou muito tempo para fechar a janela, apagar as luzes, pegar o casaco e a bolsa, e trancar a porta da rua. Quando chegou à calçada, Gabriel percorrera metade da quadra, e foi graças ao hábito de espreitar suas chegadas que não perdeu de vista a imagem que a extrema familiaridade não deixava se confundir com as das demais pessoas. Tentava não perdê-lo de vista. Perdeu-o assim que ele dobrou a esquina. Estava no limite de sua capacidade de andar com rapidez, não conseguiria correr, caso fosse necessário. Recuperou-o quando ela própria alcançou a esquina.

Gabriel andava sem pressa, como se estivesse fazendo hora, mas para ela era rápido. Tomara a esquerda ao desembocar na rua do Catete saindo da Buarque de Macedo, onde moravam. Poderia estar se encaminhando para a estação do metrô do largo do Machado, pensou, e sua surpresa não poderia ser maior quando o viu entrar numa loja do McDonald's depois de percorrer duas quadras. Pensou que o tivesse confundido com outra pessoa, mas ao se aproximar da loja conseguiu se espantar ainda mais quando o viu na parte reservada a festas infantis, em meio a um monte de crianças que corriam e gritavam, tentando falar com algumas pessoas. Não entendeu nada. Seria aquele o grande mistério das tardes de sábado e de domingo? Permaneceu ainda algum tempo olhando através da vidraça na expectativa de ver o filho encontrar-se com alguém, mas a única coisa que viu foi ele sair apressado em direção à rua, mal lhe dando tempo de se esconder, e olhar nas duas direções da calçada à procura de alguém que, pelo que ela pôde depreender, acabara de sair, que talvez tivesse passado por ela sem que ela o soubesse.

Manteve-se escondida entre dois carros, na beira da calçada, vendo o filho olhar para os lados numa procura tão ansiosa que se o olhar passasse por ela, seria capaz de não vê-la. Inferiu que a busca empreendida pelo filho, pelo menos naquele dia, terminara. Decidiu voltar para casa antes que ele o fizesse.

Gabriel estava tomado pelo ódio, esquecer-se totalmente de que às vezes havia duas festas na mesma tarde, a primeira bem mais cedo do que previra. Estúpido. E precisamente naquele dia o sujeito estivera ali, nas suas barbas, quase dentro de sua própria casa. E, como se não fosse suficiente, havia ainda aquela novidade: o que fazia sua mãe escondida entre dois carros? O que ela estava espionando? Como podia estar ali, se ao sair de casa ele a deixara entregue às tarefas domésticas? Como tinha ido parar naquele lugar ao mesmo tempo que ele? A única resposta possível era: ela o seguira. Desde quando estaria espionando? O melhor era não deixá-la perceber que fora flagrada; deixá-la manter o ridículo jogo de esconde-esconde para ver até aonde ia. No momento, o que o interessava era saber se a ideia de espioná-lo era dela mesma, e com que intuito, ou se tinha sido sugerida por outra pessoa, e nesse caso, quem, e por quê.

Esses pensamentos não lhe ocorreram ordenadamente, mas entremeados de estados emocionais intensos; talvez nem sequer pudessem ser considerados pensamentos, mas blocos de ideias confusas sem um claro nexos lógico entre elas. O vazio da ausência do argentino tinha sido ocupado pela imagem da mãe escondendo-se entre os carros. Uma coisa era certa, ele não tinha apenas um problema, mas dois: o argentino e a mãe. E de nada adiantava resolver apenas um deles.

Não era capaz de dizer havia quanto tempo estava parado na calçada, idiotizado como a criança que deixou cair o sorvete. Escurecera. Não queria voltar para casa, pelo menos imediatamente, temia o que pudesse fazer à mãe caso a encontrasse com aquele olhar de beata, perguntando se ele queria jantar. Os músculos da coxa estavam doloridos de permanecerem retesados com a perna na mesma posição. A cabeça também doía, não muito, apenas um

acrécimo à autocomiseração. Experimentou dar um passo, mas os pés pareciam colados ao chão. Tentou arrastá-los devagar para a frente e para os lados. Funcionou. Depois de algum tempo conseguiu levantar os pés e ensaiou alguns passos. Agora doíam-lhe não apenas as pernas e a cabeça, mas todo o corpo. Voltou ao McDonald's e sentou-se a uma mesa vazia perto da porta, só se levantando quando, passado algum tempo, um funcionário perguntou-lhe se estava se sentindo mal.

Na rua, a noite de domingo estava começando.

Pelo terceiro dia consecutivo Gabriel, terminado o expediente na firma, iniciava a pé o percurso de Copacabana ao Flamengo, onde morava. Não era uma distância pequena, uns seis ou sete quilômetros se percorrida pelo caminho menos sinuoso. Não era o caso, seus trajetos eram a expressão física, quase gráfica, dos seus pensamentos; não apenas se faziam em zigue-zague, como frequentemente incluíam retornos. Como nos dias anteriores, tomou a direção do Flamengo, e o fez não porque desejasse ir para casa, mas apenas para ter uma direção, mesmo que fosse para subvertê-la.

No primeiro dia, a mãe entrara em desespero quando decorridas duas horas de atraso, ele ainda não chegara em casa; no segundo dia, o relógio que ela segurava como um crucifixo marcava onze e dez quando ele despontou pelo lado oposto da rua ao de que costumava vir e entrou em casa decretando que não tinha mais hora certa para chegar e que ela não precisava se preocupar com seu jantar, deixasse o prato feito que ele esquentava. D. Alzira esquentou o jantar do filho e disse que esquentaria quantas vezes fossem necessárias enquanto durasse aquela provação pela qual estavam passando, e sua voz era firme, seus gestos eram enérgicos, como convinham a quem se dispusera a fazer frente às forças do mal; pois de uma coisa estava certa, ela e o filho não tinham aliados, estavam sozinhos numa luta da qual até mesmo o padre Crisóstomo retirara seu apoio.

Tornou a direção de casa porque sabia que precisaria, quando atingisse o limite de sua capacidade física, chegar aonde pudesse

comer e dormir. Andava como se estivesse passeando. A diferença, ele sabia bem, era que não havia prazer naquilo. Não era prazer o que procurava, mas a menor dor. Estava escuro quando iniciou a caminhada pelas calçadas repletas de gente saindo do trabalho. A maioria tomava o caminho de casa, alguns ficavam ainda algum tempo em Copacabana, principalmente os homens, aproveitando os muitos bares que o bairro tinha para oferecer, fora da beira da praia por causa do frio. Não queria saber de bares. Não queria saber de grupos de confraternização. O homem não é confraterno como querem os cristãos, o homem é o lobo do homem, como lera um dia num livro de citações. Estava se sentindo um lobo solitário; andava olhando para o chão, corpo encolhido, ombros curvados, ameaçado de todos os lados mas ameaçador também. Em momento e local indefinidos, porém próximos, mataria um semelhante. Assim fora dito.

Precisava de uma arma. Não para matar alguém, mas para se defender daquele que tentaria matá-lo. Somente assim entendia que a previsão poderia estar correta. Não era um assassino, embora muitas vezes tivesse sentido ganas de matar um outro. Claro que não passara disso; em nenhum momento chegara a pensar seriamente em matar alguém. Mãos nos bolsos da jaqueta, caminhava junto ao meio-fio, o que o obrigava, a todo momento, a se desviar das bancas de jornais, dos sacos de lixo, das bicicletas e dos triciclos presos aos postes por correntes com cadeados, e até mesmo das pessoas que esperavam para atravessar a rua; mas preferia isso a andar pelo meio da calçada, onde a cada momento empacava na frente de alguém sem saber se desviava para a direita ou para a esquerda.

De vez em quando retirava a mão direita do bolso como se estivesse empunhando um revólver e se imaginava atirando em alguém que viesse em sentido contrário. Não fazia o gesto, apenas tirava a mão do bolso levando-a até a cabeça. Na sua imaginação, o atacante recebia o primeiro impacto e antes mesmo de começar a cair era atingido pelo segundo tiro, ambos no tórax. Claro que para isso seu adversário teria de dar sinais evidentes de que ia atacá-lo.

Como a distância era curta, não poderia esperar para ver de que maneira o faria, atiraria assim que o outro tirasse também a mão do bolso. Estava pensando num homem, mas poderia ser uma mulher. Por que não? Se o motivo pelo qual alguém desejaria matá-lo lhe era inteiramente desconhecido, não havia por que achar que teria que ser um homem. Começou a imaginar as mulheres que caminhavam em sua direção como possíveis assassinas. O gesto corriqueiro de abrir a bolsa ou mudar de mão uma sacola passaram a ser suspeitos; chegou a iniciar a travessia da rua no que julgou ser um momento de perigo iminente. E por que o assassino viria da frente? O mais lógico é que viesse por trás, pegando-o inteiramente indefeso. Procurou ruas menos movimentadas, onde pudesse manter distância prudente de quem viesse atrás. Em determinado momento voltou sobre seus passos, numa rua com movimento, para ver se surpreendia o suposto perseguidor. Não se importava com o tempo perdido nesses retornos, seu objetivo principal com a caminhada não era chegar em casa, isso aconteceria de qualquer maneira, mas refletir sobre sua situação, e o melhor era fazer isso na rua, longe do olhar e da escuta da mãe.

Na travessia do túnel Novo, que liga Copacabana a Botafogo, a estreita passagem para pedestres estava deserta; vislumbrou alguns pedintes na saída, no extremo oposto de onde se encontrava, pensou em voltar e pegar um ônibus, mas decidiu ir em frente. Nada aconteceu. Até chegar em casa, faltava ainda um bom pedaço. O suficiente para muita reflexão. Sobretudo se não optasse pelo caminho mais curto. De uma coisa, porém, se convencera: desarmado não poderia se defender.

PARTE III

1

Desde a véspera, o clima na delegacia era tenso, com excesso de armas à mostra e um estado de prontidão não declarado mas efetivo. O motivo da movimentação fora um telefonema anônimo anunciando a invasão da delegacia por traficantes, para libertar companheiros presos na carceragem. Em reunião com a equipe, Espinosa procurara esvaziar o clima de guerra que se instalara, argumentando que se de fato algum grupo pretendesse invadir a delegacia, não telefonaria avisando; além do mais, aquela não era a primeira vez que recebiam aquele tipo de telefonema, ninguém tentaria coisa nenhuma contra a delegacia.

Esse era o clima reinante quando foi informado de outro telefonema, feito pelo chefe da equipe de detetives da 5a DP, na rua Mem de Sá, cujo conteúdo não tinha despertado o interesse de mais ninguém, dado o estado de agitação em que se encontravam os policiais. Um funcionário do Hospital do Câncer tinha telefonado para aquela delegacia dando queixa de um sujeito que, fazendo-se passar por vidente, prometia a pais de crianças internadas no hospital o que ele chamava de "cura pedagógica por correção de percurso". Como sabiam que Espinosa procurava informações sobre um vidente com sotaque de estrangeiro, acharam que a notícia poderia interessar. O curandeiro tinha sotaque castelhano.

Espinosa ficara sabendo que o vidente e sua parceira faziam apresentações de teatro de fantoches para as crianças internadas no hospital e que essas apresentações serviam como ponte para um contato com os pais. com insinuações veladas, dava a entender que poderia fornecer "um poderoso complemento" ao tratamento médico a que as crianças eram submetidas. A partir desse ponto, Welber foi

encarregado de fazer um levantamento dos hospitais que atendiam crianças com doenças terminais e em quais havia apresentações regulares de teatrinho de fantoches. Uma primeira investigação superficial feita por telefone foi suficiente para constatar que o "argentino" prestava "serviço assistencial" a alguns hospitais, onde o teatro de fantoches era apresentado como forma de distrair e atenuar a dor das crianças e ao mesmo tempo como meio de acesso privado aos pais e de oferecimento daquilo que ele denominava "correção de percurso". Se era o mesmo vidente de Gabriel, e tudo indicava que era, seu público não era constituído apenas de crianças, mas também de adultos ingênuos e crédulos. O elemento novo, não presente no acontecimento descrito por Gabriel, era o pagamento em dinheiro. Ninguém pode ser preso apenas por se dizer vidente, mas quando a situação envolve pagamento em troca da promessa de cura, trata-se de estelionato, e nesse caso poderiam investigar a partir da denúncia feita por telefone. O objetivo de Espinosa era apenas dar um susto no vidente, fazê-lo saber que a polícia estava a par de suas atividades, e com isso inibir sua continuidade; mesmo porque a abertura de processo nesses casos raramente termina com a punição do acusado. Um advogado hábil pode até inverter a situação, transformando o acusado em vítima.

Welber saiu em campo para tentar colher, junto ao hospital citado pelo chefe dos detetives da 5a DP, algumas informações que o levassem ao endereço do argentino. Sentia justificada a sua diligência, coisa que não acontecia quando tinham como ponto de partida apenas as fantasias de Gabriel. Iludir pais de crianças hospitalizadas prometendo curas milagrosas era algo que justificava sua ida ao centro da cidade. com sorte, talvez conseguisse um flagrante do mágico no fim de semana. Feito isso, bastaria intimá-lo a comparecer à delegacia para prestar esclarecimentos. com uns apertos bem dados, esses tipos amolecem com facilidade, sobretudo os estrangeiros.

Ninguém na portaria do hospital sabia dizer quem poderia ser o informante e nem conhecia o casal que fazia apresentações de fantoches para as crianças. Resolveu inverter o eixo da pesquisa e

procurar o diretor do hospital. A reação não foi das melhores. Era um homem muito ocupado, parecia ter mais problemas do que toda a polícia do Rio reunida, além de ficar indignado com a possibilidade de um farsante charlatão estar interferindo no tratamento de crianças internadas na instituição que dirigia. Num arroubo de boa vontade, encaminhou Welber para o médico chefe do setor onde teriam acontecido as apresentações de teatro de fantoches. A contribuição deste último também não entusiasmou o detetive.

– Sinto muito, detetive, não tenho nenhuma ingerência no setor de recreação; ele é autônomo para programar atividades para as crianças. Procure a responsável pela recreação, ela ocupa a sala da assistente social, é a penúltima porta à direita, no final do corredor.

Não era a penúltima porta, nem a última, nem ficava naquele corredor, mas quem é capaz de encontrar criminosos foragidos, é capaz de encontrar a funcionária de um hospital em seu horário regular de funcionamento.

A pequena sala mal dava para acomodar a mulher ainda jovem que devia passar dos cem quilos.

– A sala dela é esta mesma.

– E eu posso falar com ela?

– Hoje é impossível.

– Posso saber por quê?

– Porque este não é o turno dela.

– Turno?

– É. Turno. Trabalhamos em turnos. Ninguém suportaria isto aqui se fosse expediente corrido.

– Sei. E como posso encontrar dona Sônia?

– Só serve ela?

– Não sei, na verdade nunca a vi, quero apenas informações sobre o mágico.

– Mágico? Acho que você entrou no hospital errado, meu querido.

– Desculpe. Estou querendo informações sobre o cara que faz teatrinho de fantoches para as crianças.

– Bom. Assim é outra coisa. Você também está atrás do lindão?

– Como?

– Do lindão. Ele parece artista de cinema. Volta e meia aparece mãe de criança perguntando por ele. Lindão agrada às crianças e às mães.

– Lindão é o nome dele?

– Claro que não. Nós é que o chamamos assim.

– E como é o nome dele?

– Ninguém sabe. Só sabemos o nome artístico: Hidalgo.

– Hidalgo?

– É. Mas não é o nome verdadeiro dele.

– E como ele é pago? Não assina recibo?

– Ele não cobra nada.

– Trabalha de graça?

– Aqui no hospital. Nos outros lugares ele cobra.

– E você sabe quais são esses lugares?

– Não. Acho que são festas de aniversário. É nisso que você está interessado?

– É, e ficaria muito agradecido se você pedisse para ele me telefonar. Aqui está o telefone da minha casa.

– Tudo bem. vou falar com a Sônia, ela é quem combina com ele.

– Peça a ela para me telefonar. E obrigado pela ajuda.

Welber deixou o hospital com uma certeza: Hidalgo era mais esperto do que imaginava. Provavelmente empregava a mesma tática nos outros hospitais. Era onde construía sua reputação de Hidalgo.

2

O apartamento de um só cômodo, de fundos, na quadra defronte ao cemitério São João Batista, tinha sido o mais barato que haviam encontrado quando decidiram morar juntos para tornar a dupla mais operacional. Vai facilitar os ensaios e os deslocamentos quando formos nos apresentar em algum lugar, disse Stella. Passado um ano, estava certa de ter feito a melhor opção. Entre um futuro incerto como artista secundária em espetáculos teatrais de qualidade duvidosa e a aliança com Hidalgo, não havia a menor dúvida quanto ao ganho obtido com a segunda opção. Hidalgo era inteligente, culto, bem-educado e bonito. O que mais podia querer? Não tinha dinheiro, era verdade, mas certamente, num futuro muito próximo, tão próximo que ela podia sentir o cheiro, seriam ricos, ou pelo menos teriam dinheiro para se mudar para um lugar menos deprimente. Sonhava com a avenida Atlântica, com o mar à sua frente, mas ficaria satisfeita com um apartamento de sala e dois quartos (já pensando num filho) numa rua cuja vista não fosse o cemitério. Embora fosse inverno, sabia como era passar o verão naquele apartamento que tinha apenas uma janela dando para um muro a dois metros de distância. Nos dias mais quentes, a única opção era entrar no box e abrir o chuveiro, quando não faltava água. Tudo, nos arredores do cemitério, era mais adequado aos mortos do que aos vivos. E ela se sentia vivíssima.

– Querido.

– Hum.

– Esqueci de dizer. Tinha um recado daquela mulher do hospital. Alguém esteve lá à sua procura.

– Deixaram o telefone?

– Deixaram. Um tal de Welber.

– Nunca ouvi falar.

– Está na minha bolsa.

- O que está na sua bolsa?
- O número do telefone.

Stella, sentada na cama apenas de calcinha, chumaços de algodão entre os dedos dos pés, dava os últimos retoques no esmalte vermelho. Hidalgo, calculadora na mão, fazia anotações e consultava as páginas financeiras dos jornais. Passados quase cinco minutos, Stella voltou a falar.

- Como alguém pode chamar um nenezinho assim.
- Hum. Qual nenezinho?
- Esse Welber.
- Você conhece ele?
- Claro que não, meu bem, só estou pensando em como um pai ou uma mãe pode olhar para um bebê e chamá-lo de Welber, Serafim, Bonifácio...
- Hum. Esse é o nome dele?
- Hidalgo, você não está prestando a menor atenção no que estou dizendo. Quando se mete com essas contas, não presta atenção em mais nada.
- Desculpe querida, assim que eu terminar vou prestar toda a atenção não só no que você diz mas também no que você é.
- Vem devagar, que o esmalte ainda não secou.

Stella voltou ao orelhão para responder à mensagem da central de recados. Welber era um nome ambíguo, tanto podia ser um estrangeiro como um suburbano. Torcia para que fosse um estrangeiro. Estavam desesperadamente precisando de dinheiro. Hidalgo conseguia alguma coisa com suas aplicações na Bolsa, mas às vezes mergulhava numa maré de reveses que durava o suficiente para deixá-los em estado de real necessidade; seu salário de funcionária pública ajudava, mas estava longe de atender às necessidades do casal. Um contrato para animação de uma grande festa infantil poderia garantir a semana. O aluguel do apartamento estava pago, mas suas necessidades iam além da moradia e do pouco que comiam. Hidalgo fazia questão de se vestir com apuro, a

boa impressão causada num primeiro contato era fundamental para o estabelecimento da confiança que era a mola propulsora do que viria depois. E Stella achava que a beleza, a elegância e a educação de Hidalgo eram mais do que suficientes para produzir essa boa impressão.

No número deixado por Welber respondia uma secretária eletrônica. A voz não era de estrangeiro, ele parecia bem brasileiro. A mensagem gravada era excessivamente breve para permitir uma análise melhor, mas sugeria a sua sensibilidade feminina ser alguém mais preocupado em ocultar do que em comunicar.

Não deixou nenhum recado, telefonaria mais tarde; pela maneira de Welber atender, decidiria se levaria a conversa adiante ou não.

– Então, querida, quem era ele?

– Não estava em casa. Atendeu a secretária eletrônica. Alguma coisa me desagradou no modo dele falar.

– Como assim?

– Não sei dizer direito. Como se fosse uma voz autoritária fazendo se passar por doce e gentil. Vou confirmar quando ele atender.

– Você está muito impressionável.

– Amor, esse é o meu dom, o seu é encantar pessoas. Não se esqueça do sujeito que anda nos procurando nos fins de semana, vai ver é esse Welber.

– E se for? O que tem?

– Não sei.

Stella se considerava incomparável a Hidalgo (ele era, sem dúvida, um ser iluminado, privilegiado pelos deuses), mas nem por isso via a si mesma como desprovida de qualidades. Achava-se bonita, atraente, com razoável inteligência, mas sobretudo dotada de capacidade intuitiva acima do comum. E esse dom já tinha evitado que se metessem em algumas situações embaraçosas. Era, segundo dizia, uma espécie de luz interna que se acendia sempre que uma situação apresentava perigo. Não era infalível, mas o

número de aceitos era muito superior ao de enganos. Hidalgo, ela sabia, não acreditava em nada que não fosse razão, apesar de se apresentar como vidente, mas dava crédito às intuições dela, segundo ele percepções acuradíssimas de aspectos do outro ou da realidade circundante, assim como sua própria "vidência" era pura e simplesmente percepção da fraqueza do outro.

Tinham ainda dois dias, até sábado, para tentar saber se o perseguidor de fim de semana e o indivíduo de nome Welber eram a mesma pessoa, e o que estava querendo. As últimas investidas de Hidalgo no campo da vidência deixaram-na preocupada, apesar de em algumas ocasiões terem sido financeiramente proveitosas.

Ousadia e prudência nas doses certas e nos momentos oportunos garantiam a Hidalgo a retirada mínima necessária para viver, tendo em vista o pouco dinheiro de que dispunha para investir na Bolsa. Durante mais de um ano não retirara nem um centavo, todo ganho era reinvestido, até formar um bolo capaz de permitir retiradas regulares. Sofrerá reveses que quase o haviam levado a abandonar a atividade, mas achava que não conseguiria viver sem a dose de risco que ele próprio considerava dose de manutenção. Nunca ultrapassava o limite da overdose. Era formado em economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas nunca exercera a profissão. Logo após ter se diplomado, chegara a dar aulas de estatística em duas faculdades particulares pouco exigentes quanto aos seus quadros docentes. Sua atividade de professor universitário não durou dois anos, findos os quais começou a jogar na Bolsa e a fazer teatro de fantoches e de marionetes, arte que aprendera ainda menino com os pais, de quem herdara os bonecos. Ninguém tinha o endereço deles. Toda comunicação era feita por intermédio de uma central de recados. Não tinham amigos nem colegas de trabalho. Das várias atividades em que se metera até conhecer Stella, a única que ele manteve foi o teatro de fantoches, que lhe fornecia um ganho pequeno, mas regular. Stella surgira da necessidade de uma parceira e de uma voz feminina para as encenações das histórias infantis. De parceira a companheira não houve passagem, mas simultaneidade.

3

Pela primeira vez, até onde alcançava sua memória, a mãe não estava à sua espera ao chegar em casa. Sobre a mesa da cozinha, um bilhete com a letra redonda e desenhada: "Fui visitar uma amiga. Seu prato está no micro-ondas, é só apertar a tecla de 1 minuto. Não demoro".

Demorou. Chegou quase uma hora depois. O rosto afogueado e a agitação motora que persistiu bem uma meia hora eram sinais claros de que não fora visitar amiga nenhuma.

Não estava preocupado com aonde a mãe tinha ido, considerava uma sorte ela estar ocupada com alguma coisa, assim o deixava em paz para fazer suas investigações.

Teria de agir sozinho. Não poderia contar com mais ninguém. O próprio delegado, que inicialmente se mostrara cooperativo, não só transferira a responsabilidade da investigação para um detetive novato como voltara todo o seu interesse para Irene, que lhe fora dada de presente em seu próprio gabinete por Olga.

- Encontrou o bilhete, meu filho?
- Encontrei, mamãe.
- Jantou?
- Jantei.

Havia alguns dias que apenas trocavam frases relativas ao funcionamento da casa. Não percebera de imediato, quando se deu conta, a mudança já se instalara. Não queria se preocupar com o que poderia estar acontecendo, a mãe não parecia doente e estava mais ativa do que nunca. Tinha de se concentrar em tarefas mais urgentes. Caso ela precisasse de alguma coisa, falaria com ele, como sempre fizera. Duas coisas o preocupavam mais do que quaisquer outras no momento: encontrar o argentino e adquirir uma arma. Não sabia o que fazer caso obtivesse êxito em alguma delas, mas as sentia urgentes e vitais.

No que dizia respeito ao argentino, apenas continuaria com seu plano. Quase o encontrara. Perdera-o por segundos. Procuraria chegar nos lugares com mais antecedência. Quanto à arma, não sabia como fazer para obtê-la. Evidentemente não podia ser por intermédio do delegado Espinosa, correria o risco de deitar por terra o pouco que ainda restava da relação entre ambos. Soubera, em conversa com colegas de trabalho, que no centro da cidade havia lojas que vendiam armas, tinham uma parte nos fundos, fora da vista dos compradores comuns, onde era possível adquirir qualquer arma. O preço, evidentemente, incluía o risco da ilegalidade. Poderia utilizar o dinheiro que estava economizando para comprar o carro. Mais importante do que um automóvel era a sua sobrevivência. Não entendia de armas, mas achava que teria que ser um revólver, mais fácil de manejar do que uma pistola e, pelo que ouvira falar, mais seguro. Quanto à marca e ao calibre, o vendedor poderia esclarecê-lo. No dia seguinte, na hora do almoço, retiraria o dinheiro da poupança. No sábado pela manhã, iria ao centro da cidade. Em hipótese alguma poderia permitir que a mãe percebesse. Morreria de desgosto. O problema é que ela arrumava suas roupas e todos os seus pertences; teria de esconder a arma em lugar não frequentado por ela; atrás dos livros, debaixo do colchão, dentro do sapato que estivesse usando, escondido pela meia.

D. Alzira tinha atingido o limite de suportabilidade da situação. Esgotara o repertório de rodeios em sua tentativa de apreender o que se passava com o filho. A única vez em que estivera próxima de saber alguma coisa fora quando decidira segui-lo. Era o que continuava a fazer. Desde a véspera, passara a seguir a moça colega de escritório que parecia ser sua acompanhante no que quer que estivessem fazendo. O trabalho com a casa era pouco, e certas tarefas podiam ser adiadas sem que Gabriel percebesse. Além do mais, ele parecia mais preocupado consigo mesmo do que com qualquer outra coisa. Conhecia os horários do filho. Não seria difícil levar avante seu plano.

Dia seguinte, hora do almoço no escritório do filho, D. Alzira estava do outro lado da rua, numa banca de jornal, à espera de que

Gabriel descesse; seria uma oportunidade para saber se estaria acompanhado de Olga. Achava que esse era o nome dela. Fazia frio, mas felizmente não estava chovendo. Não sabia como proceder naquelas circunstâncias. Nunca em sua vida fora impelida a se conduzir daquela forma. Sentia-se como se fosse ela a perseguida, incapaz de imaginar que desculpa daria caso fosse vista pelo filho. Torcia a alça da bolsa e a todo momento examinava o conteúdo, como se carregasse algo precioso ou perigoso. Na hora precisa, Gabriel saiu apressado do prédio. Não parecia acompanhado de ninguém, o que foi confirmado antes de chegarem à esquina, pelo modo como ele se distanciara dos demais. Foi preciso quase correr para não perdê-lo de vista. Duas quadras adiante, surpreendeu-se ao vê-lo entrar não num restaurante, mas num banco. Pareceu-lhe compreensível, o dia seguinte era sexta-feira, devia estar retirando dinheiro para o fim de semana. Havia fila nos caixas e ela ficou quase meia hora na calçada, olhando através da vidraça, tomando cuidado para não ser vista. Achou estranho ele não procurar nenhum lugar para almoçar depois de sair. Voltou ao prédio do escritório sem comprar nem mesmo um sanduíche. Não saíra de casa levando marmitta, e, pelo que conhecia do filho, dificilmente ficaria até o final do dia sem comer nada. Talvez houvesse algum sistema de entrega de almoço. Esperou para ver se ele ia sair novamente, o que não aconteceu.

A caminho de casa, decidiu voltar à estação do metrô para tentar, mais uma vez, seguir Olga. No dia anterior conseguira identificá-la à saída do escritório apesar de conhecê-la apenas pelas fotografias tiradas por ocasião do aniversário de Gabriel. Até o final da tarde teria muito tempo para cuidar das coisas da casa. Deixou pronto o jantar do filho e sobre a mesa da cozinha pôs o mesmo bilhete da véspera, nem se preocupou em redigir outro. Meia hora antes do previsto, já estava próxima à esteira rolante do metrô, à espera. Como Olga não a conhecia, não precisava se preocupar em se esconder, poderia segui-la de perto. Tinha de se preocupar apenas com a possibilidade de o filho resolver também 84 pegar o metrô,

mas pelo que pudera deduzir, ele não estava voltando para casa pelos meios usuais.

Viu a moça surgir sozinha. Sem nenhum temor de ser reconhecida, pôs-se ao lado dela até chegarem à plataforma de embarque. Temia apenas não conseguir entrar no mesmo carro que ela, o que dificultaria o projeto de segui-la. Tudo aconteceu como queria. Foi sentada boa parte do percurso, vantagens da idade, enquanto a moça ia em pé, espremida entre a multidão que voltava para casa. Quando Olga conseguiu um lugar para sentar, ficou um pouco mais difícil observá-la, o ângulo de visão não era favorável. Não foi suficientemente ágil para se levantar e segui-la quando a moça desceu, na estação da praça Saens Pena, na Tijuca. Precisaria fazer mais uma tentativa. Pelo menos ficara sabendo qual a estação.

A aventura se repetiu no dia seguinte, mas no sentido inverso. Em vez de seguir Olga na volta para casa, decidiu esperá-la de manhã cedo, quando fosse pegar o metrô para o trabalho. Saiu do Flamengo com bastante antecedência, pegou o metrô para a Tijuca, desceu na estação em que Olga descera na véspera, e ficou à espera. Não pôde evitar um sentimento de orgulho quando voltaram para Copacabana no mesmo carro, sentadas quase uma de frente para a outra. Teve tempo bastante para examinar a moça. Não era bonita, mas era atraente. Estava usando uma roupa mais pesada por causa do frio, mas dava para ver que tinha um corpo bem feito. A saia era abusadamente curta, mas ela usava meia-calça grossa, de lã, o que a deixava menos exposta aos olhares dos homens (que mesmo assim insistiam em olhar). O rosto dela estava duro, como se ocultasse ideias pesadas; havia uma expressão de determinação não identificável, mas que d. Alzira tinha absoluta convicção de que dizia respeito a Gabriel. Não sabia quão íntimas eram as relações entre eles, mas tinha certeza de que ela era o motivo do adoecimento do filho. De qualquer forma, Olga estava sob controle.

No dia seguinte começaria o fim de semana, quando Gabriel desaparecia a partir do meio da tarde e só regressava à noite. Não sabia se teria a mesma sorte da última vez, quando bastara segui-lo

por dois quarteirões, até a lanchonete. Estava, porém, investida de uma missão superior, não se sentia cansada, abatida ou perdida.

Sentia que cada passo seu era guiado pelo Senhor. Nada temia.

4

A pequena loja de artigos esportivos oferecia algumas armas de caça, juntamente com material de camping, nada que se destacasse pela quantidade ou pela qualidade; algumas espingardas de cartucho de pequeno calibre e espingardas de ar comprimido. Gabriel examinou detalhadamente as vitrines externas e as que ficavam sob os balcões, nada encontrando que se assemelhasse a uma arma de defesa pessoal. Era o único freguês na manhã de sábado. Na verdade, esperara no bar da esquina que o proprietário abrisse a loja, entrando logo a seguir, junto com um rapaz que constatou ser o balconista. Enquanto o proprietário desaparecia por uma porta nos fundos, o rapaz vestiu um avental cinza que cobria a parte da frente do tronco, e se aproximou.

– O senhor procura alguma coisa em especial?

– Sim. Isto é, não creio que os senhores tenham, não vejo na vitrine.

– O que o senhor procura? Temos outros artigos que não estão expostos.

– Bem, procuro uma arma.

– Temos várias. O senhor quer uma arma de caça?

– Não propriamente. Procuro uma coisa menor. Não uma arma de caça, uma para defesa pessoal.

– Um revólver?

– É, mas vejo que os senhores não têm.

– Temos, mas são armas que precisam de licença especial, não podem ser vendidas a qualquer pessoa.

– Compreendo. Não faço questão de que seja uma arma nova. Pode ser usada.

– Mesmo uma arma usada precisa de licença.

– Sei, mas me disseram que aqui eu poderia conseguir alguma coisa. Que procurasse o senhor Alcides.

– É o proprietário. Quem falou para o senhor?

– Um colega de escritório. Ninguém especial.

– Espere um instante.

Gabriel estava a ponto de desistir e sair da loja quando o empregado voltou com o mesmo senhor que tinha aberto a loja.

– Sim? O senhor procura uma arma?

– É. Me disseram que o senhor...

– Por aqui, por favor.

Passaram pela porta localizada na parte de trás da loja e entraram numa sala de bom tamanho com apenas um balcão e pilhas de caixas de diversos tamanhos pelo chão. O homem contornou o pequeno balcão e olhou fixo para Gabriel.

– O senhor está querendo uma arma para defesa pessoal?

– Isso mesmo, o senhor tem?

– Tenho pistolas e revólveres, novos e usados. O que o senhor prefere?

– Não sei. Não tenho experiência com armas.

– Então talvez o senhor não deva adquirir uma.

– Eu preciso.

– Bom, o problema é seu, só acho que uma arma na mão de quem não tem experiência é pior do que estar desarmado.

– Eu corro o risco.

– Muito bem. Para quem nunca manejou uma arma de fogo, sugiro o revólver, é mais fácil de usar e mais seguro. A pistola tem pente, as balas não ficam visíveis, o usuário tem que colocar a primeira bala na agulha, e coisas desse tipo. Acho melhor o revólver.

Se é para se defender de verdade, aconselho um trinta e oito, é capaz de derrubar um homem mesmo que o tiro não atinja uma região vital. Arma usada, nunca se sabe o uso que teve; é melhor uma nova. Tenho nacionais e estrangeiras.

O homem destrancou e abriu o armário atrás dele e retirou várias caixas, que foi empilhando em cima do balcão. Em seguida abriu uma a uma, explicando as características de cada arma, convidando Gabriel a pegar, a sentir a empunhadura e o peso. Enquanto era apenas a arma, sem munição, não houve repulsa nenhuma, Gabriel chegou mesmo a ter uma sensação prazerosa ao empunhar cada uma delas, mas quando o senhor abriu a caixa de balas mostrando como se carregava o tambor, sentiu que tinha nas mãos um instrumento com o qual podia matar alguém.

Saiu da loja com um revólver Taurus calibre trinta e oito e uma caixa de balas. Chegando em casa, desfez-se da embalagem do revólver, folhetos, invólucro, tomando o cuidado de não jogar na lixeira nem em nenhum depósito de lixo perto do apartamento. A caixa de balas era mais difícil; soltas dentro de uma gaveta ou guardadas em bolsos de casacos, as balas chamariam mais atenção do que dentro da caixa. A caixa era suficientemente pequena para caber atrás dos livros, na prateleira mais alta da estante.

Fechado no quarto, ficou à espera do almoço. Retomaria a perseguição ao argentino bem cedo, para evitar o acontecido no fim de semana anterior.

Depois do almoço, percebeu uma ligeira mudança na rotina da mãe. Nada de notável a não ser para alguém que se habituara a rituais domésticos invariáveis. Não deu importância ao fato, mesmo porque ele próprio estava bastante alterado – o que, acreditava, devia provocar alterações de humor e de comportamento na mãe. Se algo o perturbava em relação a ela, era o fato de ter a impressão de vê-la, como que em flashes extraordinariamente rápidos, em diferentes locais e em diferentes momentos do dia. Sabia ser impossível, ela não possuía o dom da ubiquidade e nem disposição física para circular pela cidade com a rapidez que suas visões faziam supor. A compra da arma deixara-o num estado de excitação que

talvez tivesse alterado a percepção dos fatos e das coisas. Para guardar o máximo de eficácia em seus planos, precisava manter-se calmo, menos sujeito a alterações como aquela. Uma pequena sesta talvez fornecesse o descanso desejado. Acertou o despertador para dali a duas horas.

Não conseguiu cochilar nem um minuto sequer, mas o simples fato de permanecer deitado durante as duas horas foi suficiente para deixá-lo com outra disposição. Não havia necessidade de sair com a arma durante o fim de semana, não era o argentino o seu alvo; além do mais, tentativas de assassinato acontecem em dias de semana, quando tudo está funcionando e o movimento nas ruas é maior. Era o que pensava. Escondeu o revólver no mesmo lugar onde escondera a caixa de balas, atrás dos livros de uma prateleira alta, e começou a se aprontar para a peregrinação pelas lanchonetes. À saída, a nota distintiva foi a ausência de perguntas por parte da mãe. Nenhuma pergunta, nenhuma observação, aquilo também era preocupante.

A investigação da tarde foi infrutífera, assim como a da noite. O mesmo aconteceu com a do domingo. Perdera a pista do argentino. Na verdade, o último quase encontro não tinha sido fruto de pista nenhuma, mas do puro acaso. Teria de contar com outro acaso. A novidade do fim de semana, nada agradável, era que passara a ter insônia. Nas duas últimas noites não dormira quase nada, o que o deixava ainda mais excitado e cansado, além de comprometer o raciocínio.

Na manhã de segunda-feira, mais uma surpresa: Olga estava à sua espera na estação do metrô.

- Olga! Aconteceu alguma coisa?
- Além do fato de você estar fugindo de mim?
- Não estou fugindo de você. É que estou muito atrapalhado.
- Claro. Quer conversar no caminho?
- Não sei o que conversar, não está acontecendo nada...

– Mas que merda, Gabriel! Como, não está acontecendo nada? Você me pede para dar um depoimento pessoal sobre você para aquele delegado que eu nunca tinha visto, vou, conto tudo o que você queria que eu contasse; em seguida, amarra a cara e passa a me evitar como se eu fosse um animal pestilento. Puta que pariu! O que você acha que eu sou? Um instrumento insensível? Se é isso que você está pensando, vá tomar no cu.

Continuavam na escada de acesso à estação do metrô. Gabriel hesitava entre descer e voltar para a rua. Não gostava de confrontações, principalmente com mulheres. Olga o segurava pela manga do casaco e falava olhando-o nos olhos, a pouco mais de um palmo de distância. Saíram em direção à rua com ela puxando-o pela manga.

– Vamos a pé até a estação do largo do Machado, podemos conversar enquanto andamos.

– Está bem. Só quero dizer que não tenho nada contra você.

– Por que você está me evitando?

– Não estou evitando. Ou melhor, estou sim, mas é para o seu bem.

– Porra, Gabriel, não sou criança, sou uma mulher feita, não preciso que ninguém me evite "para o meu bem". Sei o que é bom para o meu bem, merda.

– Você está nervosa.

– Nervosa? Ainda não, mas posso ficar, se você não me disser por que me usou e depois passou a me ignorar. Era isso mesmo? É assim que você é? Será que me enganei todo esse tempo?

– Não usei você. Fiquei chateado com sua amiga no encontro. Ela olhava para o delegado o tempo todo. Ele nem ouviu o que dissemos.

– Porque não tinha o que ouvir, Gabriel. Será que você não entende isso? Ele até que foi gentil. Quanto a se sentir atraído por Irene, é bom que você entenda algo extremamente simples: homens

sentem-se atraídos por mulheres, principalmente em se tratando de uma mulher como Irene.

– Tudo bem. Não estou mais preocupado com o delegado.

– Está preocupado com o quê? Com aquele argentino? Aquele sujeito é um farsante, não merece atenção.

– Acho que merece. Pode não ser farsante.

– Não sei que imagem é essa que você tem do homem. Primeiro foi o vidente, que você pinta como um demônio todo-poderoso; depois foi o delegado, que apareceu como um deus salvador. Fico imaginando como deve ser o seu pai.

– Não tenho pai. Ele morreu.

– Desculpe, eu não sabia.

– Tudo bem, você não podia adivinhar.

– Ele morreu faz muito tempo?

– Muito, eu tinha dez anos.

– De que ele morreu? Devia ser muito moço.

– Teve um colapso... parada cardíaca... trinta e cinco anos.

– Agora entendo você procurar o delegado Espinosa. Faz sentido.

Caminhavam lado a lado. Olga falava olhando para ele, enquanto ele olhava para o chão sem escutar o que ela dizia, captando apenas palavras isoladas que não faziam sentido. Pensava na mãe. Lembrou-se da vez em que saíra correndo da lanchonete ali mesmo, no lugar por onde estavam passando. Quando chegara à calçada o argentino tinha sumido, mas vislumbrara a figura da mãe entre dois carros. Nunca entendera direito aquilo. Preferia pensar que tinha sido uma ilusão de ótica.

– Vou esperar por você, quando acabar o expediente.

– Para quê?

– Para continuarmos a conversa. Não gosto do rumo que as coisas estão tomando. Está confuso demais para o meu gosto.

– Não está acontecendo nada demais. Eu é que estou confuso.
As coisas vão melhorar.

– Não do jeito que estão indo. Melhor falar do que ficar imaginando coisas.

– Está bem. Podemos caminhar juntos. Tenho ido a pé para casa.
Na terça-feira, Gabriel faltou ao trabalho.

Na quarta-feira pela manhã, pouco antes da hora do almoço, Espinosa recebeu um comunicado dizendo que Olga Marins, vinte e sete anos, branca, morreu sob as rodas do metrô na estação da praça Saens Pena, na Tijuca.

5

A imagem do corpo mutilado de Olga aparecia como numa fotografia em preto e branco, sem que Espinosa tivesse visto a cena. A perícia fora obrigada a trabalhar com rapidez, para evitar a interrupção do fluxo de trens da zona norte para a zona sul da cidade. O acidente acontecera cedo pela manhã, quando o movimento estava no ápice. Depoimentos faziam referência ao afluxo de passageiros na plataforma de embarque e ao empurra-empurra que precede a parada completa da composição. Pelo local da queda, a moça estava num ponto da estação em que o trem ainda passa em velocidade. Ninguém viu nada. Ou melhor, muitos viram, mas quando ela já estava caindo. Não houve concordância quanto a ela ter ou não gritado; uns diziam ter ouvido claramente um grito; outros afirmavam não ter havido grito, apenas o som agudo do freio do trem; outros, que os gritos haviam sido dos que viram a cena, e não da moça. Para Espinosa, esse era um ponto significativo; o suicídio é um ato deliberado, não há por que gritar. Quando recebeu a notícia, o cadáver fora removido para o IML. O inquérito ficara a cargo da 19ª DP, da Tijuca.

Antes de deixar seu imaginário tecer a trama de articulações ligando a morte de Olga à história de Gabriel, esperou para ler os depoimentos colhidos no local do acidente e conversar com o legista responsável pela autópsia. Olga não parecia corresponder ao perfil do suicida, embora ele não pudesse, a priori, eliminar a hipótese. Além do mais, o caso não era seu, tampouco pertencia à sua jurisdição. O noticiário da TV dera destaque ao suicídio no metrô. O telefone tocou.

– Espinosa, não foi suicídio! Conheço a Olga desde os tempos de universidade... merda, éramos amigas...

– Calma, o que você ouviu foi a opinião da televisão, não quer dizer que seja verdade.

– Pois não é verdade! Eu conhecia a Olga melhor do que ninguém, ela nunca se mataria.

– Você acha, então, que foi acidente?

– Acidente porra nenhuma. Você conheceu a Olga. Acha que tinha jeito de quem cai acidentalmente nos trilhos do metrô? Ela foi empurrada, merda. Aquele puto jogou a minha amiga debaixo do trem.

– Quem jogou sua amiga debaixo do trem?

– Aquele merdinha do Gabriel. Quem mais podia ser?

– É uma afirmação pesada.

– Não estou prestando depoimento, porra! Estou chocada com a morte dela, e muito puta com o que vi na televisão.

– Por que você acha que foi o Gabriel?

– Basta olhar para o cara pra ver que ele é doente.

– Doente, como?

– Doente, merda. Um cara com trinta anos de idade que vive no colo da mãe, você acha que é o quê? Sadio?

– Isso não quer dizer que ele saia por aí empurrando pessoas no trilho do metrô.

– Ele não saiu empurrando pessoas, empurrou a Olga. Para mim, é o que importa.

– Você não acha melhor conversarmos sobre isso pessoalmente?

– Tudo bem.

Uma hora depois, Irene atravessava a varanda do bar Lagoa em direção à sala dos fundos, menos movimentada, onde Espinosa a esperava. Ele se levantou para ir ao encontro dela. Apesar do sofrimento causado pela morte da amiga e da simplicidade com que estava vestida, Espinosa achou seu aspecto magnífico. Cumprimentaram-se com um aperto de mãos. Pela primeira vez, estavam a sós. Diferentemente de quando estivera na delegacia, inteiramente à vontade e até certo ponto dando os rumos da entrevista, Irene parecia, naquele momento, insegura e

constrangida. Ou seria ele o constrangido? Aquele era um dos momentos em que a condição de policial fazia com que Espinosa se sentisse pertencendo a uma classe proscrita de homens. O que não era inteiramente falso, mas também não era inteiramente verdadeiro, e ele preferia se agarrar à segunda variante.

– Certamente já fizeram a observação de que você não se parece em nada com um delegado de polícia.

– Algumas vezes, e eu sempre pergunto de volta: com o que se parece um delegado de polícia?

– Tem um estereótipo que pode até ser exagerado, mas a imagem não se aplica a você.

– Supondo que seja um elogio, obrigado.

– De nada.

Ocupavam uma mesa na parte do restaurante ao abrigo do barulho e do lendário mau humor dos garçons. A conversa girou sobre o trabalho de ambos, sobre o dia-a-dia de uma delegacia de polícia, sobre os riscos da profissão, até chegar no ponto em que Espinosa julgou poder fazer a pergunta que ambos queriam que fosse feita.

– Por que você tem tanta certeza de que Olga foi empurrada?

– Éramos amigas, não havia segredo entre nós, eu conhecia o modo de ela se comportar. Ela era forte e ágil, jamais cairia de uma plataforma, mesmo no empurra-empurra da hora do rush. E não se esqueça de um detalhe: só há empurrões quando o trem já está parado e as portas se abrem, e não quando ele ainda está se aproximando em velocidade. Olga foi empurrada com o trem em movimento, antes que ele chegasse ao ponto em que ela estava, na plataforma.

– O que fala a favor de suicídio.

– Ou de assassinato.

– Está bem. A hipótese de acidente não é das mais fortes. Ela estava próxima do começo da plataforma, onde o trem passa ainda em velocidade. Um esbarrão com o ombro, pegando-a desprevenida,

poderia ser suficiente para desequilibrá-la e lançá-la nos trilhos. Mas, por ser possível, não quer dizer que tenha acontecido. Não sei em que você apoia sua hipótese, de Gabriel ter empurrado Olga. Eram colegas de trabalho, amigos e quase namorados, gostavam um do outro, foi a ela que ele recorreu quando precisou de ajuda. Por que iria matá-la? Não faz sentido.

– Loucura não faz sentido.

– Mas ele não é louco.

– Não? Um homem que pressiona um delegado de polícia pedindo uma investigação sobre um assassinato que ainda não aconteceu e cujo futuro assassino é ele próprio, não é louco?

– Ele pode ser excêntrico, mas não é louco.

– Excêntrico é o nome de louco manso. Quando um excêntrico empurra pessoas para baixo do trem, passa a ser chamado de louco e é internado no manicômio judiciário.

– Sabemos muito pouco sobre o caso. Não sabemos onde ele estava na hora do acidente; podia estar saindo de casa para o trabalho, podia estar em outro carro do metrô, a quilômetros do lugar onde Olga morreu...

– Ou pode ter saído de casa mais cedo, pegado o metrô na direção contrária à que costumava pegar, descido na estação da praça Saens Pena, onde sabia que ela embarcava, se misturado à multidão, e, no momento em que o trem apontou, vindo para a estação, ter se aproximado sem ser notado e dado um tranco em Olga. Na confusão, pode ter se afastado tranquilamente da estação, pegado um táxi até o Catete, entrado em sua estação, como faz todos os dias, e pegado o trem para o trabalho.

– É uma boa história, mas tem alguns pontos obscuros. O primeiro deles é que, para a história funcionar, Olga teria que estar na beira da plataforma de embarque; o segundo ponto é que ela o conhecia, o que dificultaria uma aproximação sorrateira.

– Ele pode ter tentado várias vezes até aquele dia. Pode ter ido ao encontro dela para irem juntos para o trabalho, seria romântico,

mais fácil de chegar com ela até a beira da plataforma e, no momento certo, dar o empurrão.

– Sem ninguém notar?

– Você já viu plataforma de metrô na hora do rush?

– Muito bem, admitamos que ele tivesse sangue-frio para fazer tudo isso, o que duvido; mas por que faria?

– Voltamos ao começo; porque é louco.

– Não posso atribuir todas as mortes misteriosas à ação de loucos que estavam no lugar certo e na hora certa para executá-las.

– Todas não, só uma.

– Quando foi a última vez que você esteve com ela?

– No encontro que tivemos na delegacia.

– Depois daquele dia não se falaram, nem por telefone?

– Falamos, uma única vez.

– E como ela estava?

– Estava ótima. Mas mesmo que não estivesse, não viria ao caso. Uma pessoa que sempre foi normal, saudável, alegre, bem na profissão, não decide de uma hora para outra, sem mais nem menos, atirar-se debaixo do trem.

– Nem todo suicida é um desvairado. A maioria é de indivíduos aparentemente calmos que na verdade são deprimidos.

– Não era o caso dela. Olga não era deprimida.

– Admito que você conheça bem a vida de sua amiga para afirmar que ela não cometeria suicídio, mas não conhece Gabriel a ponto de fazer as afirmações que está fazendo contra ele. Você o viu uma única vez, em circunstâncias incomuns, numa reunião tensa, e apesar disso ele estava bem, com domínio da situação. Não pode ser acusado de assassinato, assim, sem mais nem menos.

– Mas essa história que ele...

– A história que ele me contou não faz dele um louco. Há pessoas particularmente influenciáveis por videntes, magos,

feiticeiros, adivinhos. Quantas pessoas conhecidas suas consultam astrólogos, videntes, jogadores de búzios, tarólogos, e nem por isso você considera loucas?

– Espero que você tenha razão. Minha melhor amiga morreu; não foi acidente nem suicídio, posso garantir. Ela foi assassinada. Doeria menos saber que seu assassino foi um maníaco desconhecido do que alguém que ela conhecia, de quem gostava e em quem confiava. Apesar de nada disso trazê-la de volta. Só quero que você não se esqueça de uma coisa: a tal profecia dizia que Gabriel ia matar uma pessoa; não especificava se era homem ou mulher.

– Você jantou?

– Como?

– Estou perguntando se você jantou.

– Desculpe, não sei se vou comer. Talvez um sanduíche para acompanhar o chope.

Encomendou dois sanduíches, dois chopes.

– Você é nascida no Rio?

– Modo curioso de perguntar se sou carioca.

– Tenho certeza de que você é carioca, mas há cariocas nascidos no Rio de Janeiro, cariocas nascidos em outros estados, e até mesmo cariocas nascidos em outros países.

– Nasci em Brasília, mas moro no Rio desde os nove anos de idade. Como descobriu que não sou daqui?

– Não descobri. Quis apenas mudar de assunto.

– É, mais tarde a gente continua.

Espinosa ficou entusiasmado com o mais tarde. Podia ser mais tarde naquela mesma noite, o que disparava suas fantasias, e podia ser mais tarde nos dias, semanas e meses vindouros, o que prometia um prazer mais a longo prazo. As duas possibilidades o encantavam.

Os traços da arquitetura art déco permaneciam visíveis após seis décadas de existência do bar Lagoa, palco de boa parte da história

de Ipanema. Entre os que ocupavam as mesas naquele momento, havia os que se sentiam inteiramente à vontade com o ambiente e conheciam os garçons pelos nomes (além de serem conhecidos), e aqueles que lá estavam para ver a moda da estação, ou para ver de perto um diretor de cinema, um artista, um escritor, a musa do último verão, ou simplesmente tentar captar o sentido desse ser único, embora múltiplo, que atende pelo nome de Garota de Ipanema. E lá estavam eles, pertencentes à categoria dos que se sentiam à vontade no lugar mas não inteiramente à vontade um com o outro.

– Em que você está pensando?

– Na maior parte das vezes me considero um ser imaginante, mais do que pensante. A fantasia ocupa a quase totalidade da minha atividade cerebral.

– Nesse caso, você estaria melhor como ficcionista do que como policial; ou na área da propaganda, onde somos pagos para imaginar coisas.

– A diferença é que vocês exercem a imaginação, enquanto eu sou atropelado por ela.

Depois do sorriso inicial, aquela era a primeira vez que Irene sorria com espontaneidade, e o encanto do mundo se concentrou no seu rosto. No entanto, quanto mais Espinosa era capturado pelo encanto de Irene, mais se dava conta da existência de uma outra Irene não visível, não feita de imagem, que o assustava e que o atingia com intensidade ainda maior. Pensou que o que o assustava era precisamente essa evidência do oculto. Tinha convicção de que toda mulher é um enigma, mas que apenas algumas sabem disso – e que, entre essas, raras exercem sua potência. São mulheres excepcionais. Suspeitava estar diante de uma delas.

O encontro durou não mais do que uma hora, mas a noite não teve o prolongamento esperado. Talvez Irene não pretendesse nada além de expor extraoficialmente seu ponto de vista sobre a morte da amiga. Foram caminhando até o prédio onde ela morava, distante

quatro quadras do restaurante, e Espinosa não foi convidado a subir para um cafezinho.

Voltou ao restaurante para pegar o carro. A noite clara deixava perfeitamente visível o contorno dos morros em torno da lagoa Rodrigo de Freitas; de um lado, a pedra da Gávea e o morro Dois Irmãos, do outro, o Corcovado com o Cristo Redentor iluminado. Apesar da sequência de beleza que a noite estava proporcionando, havia algo cinza que insistia em se sobrepor a ela.

Voltou para casa pensando em Irene, na relação dela com Olga, na razão pela qual ela entrara naquela história insólita, em como, em seguida à sua entrada em cena, Olga morrerá tragicamente, não sem mistério. Para terminar: o que ela estava pretendendo com ele? Sentou-se na cadeira de balanço da sala sem ter se dado conta do lugar exato onde estacionara o carro nem se tinha subido os lances de escada até seu andar, com as luzes acesas ou apagadas (nos seus dias piores não se dava ao trabalho de apertar o botão da minuteria). Deixou o braço cair pelo lado da cadeira e surpreendeu-se por não sentir, ao tato, o pelo do cachorro que ainda não era seu. Recolheu o braço, lembrando-se de que fazia dias que não tinha a companhia de Alice pela manhã. Havia uma cortina escura à sua frente, deu-se conta de não ter aberto as venezianas. Não se levantou para abri-las nem estendeu a mão para acender o abajur na mesinha ao lado. Pensou na beleza de Irene, na alegre juventude de Alice, no Vizinho que ainda mamava, pensou em Olga morta pelo trem do metrô. Adormeceu e acordou algumas vezes, ainda na cadeira. Levantou-se no meio da noite, corpo dolorido, perna dormente, e uma vaga compreensão daquilo que se costuma designar como meia idade.

6

Mais uma vez saiu de casa atrasado, lamentando a perda da companhia de Alice. Na delegacia, o primeiro telefonema do dia foi

de Gabriel.

– Delegado, coisa horrível, soubemos ontem à tarde no escritório. Estou chocado. Não sei o que pensar.

– Sinto muito. Ela parecia deprimida na véspera?

– Não. Ao contrário... estava alegre.

– Ela telefonou para você antes de sair de casa?

– Não. Não fazia isso. Nunca fez.

– A que horas você chegou no trabalho?

– À mesma hora de sempre, nove horas, um pouco antes, um pouco depois, a firma não usa relógio de ponto. Por que está me perguntando isso?

– Porque ela pode ter se matado, e qualquer coisa que tivesse dito a você num telefonema antes de sair podia ajudar.

– O que vai acontecer agora?

– Foi instaurado um inquérito pela 19ª DP da Tijuca. A morte de Olga aconteceu fora da nossa jurisdição.

– Inquérito?

– Sempre que alguém morre nas circunstâncias em que ela morreu, abre-se um inquérito para apurar se houve dolo.

– Como assim? Não foi suicídio?

– Não se tem certeza quanto a isso.

– Pode ter sido acidente?

– Pode ter sido outras coisas mais.

– Que coisas mais?

– Quando um pessoa morre debaixo das rodas de um trem, a culpa pode ser da própria pessoa, de terceiros, ou pode ser um acidente do tipo escorregar numa casca de banana, o que é pouco provável, mas não impossível.

– O senhor está dizendo que pode não ter sido suicídio? Que alguém pode ter empurrado Olga para a linha do trem?

– É uma hipótese.

– Mas quem ia fazer uma coisa dessas?

– Eu estava pensando em fazer essa pergunta a você. Você era colega de trabalho e amigo. Sabe de alguém que pudesse estar interessado na morte de Olga? Isso em se aceitando a hipótese de uma morte provocada por terceiros, é claro.

– Ninguém. Absolutamente ninguém. Afirmo que ninguém mesmo.

– Nesse caso, devemos abandonar a hipótese.

– Sim. Claro. É um absurdo. Absolutamente ninguém. Obrigado. Até logo.

Alguns elementos da autópsia Espinosa pôde obter por telefone, antes mesmo do laudo ser redigido. Olga não estava alcoolizada, não tinha ingerido droga, tinha tomado um café da manhã padrão. Quanto aos ferimentos no corpo, provenientes ou não do choque do trem, a legista comunicaria com mais detalhes posteriormente.

Não se passou uma hora e Gabriel telefonou novamente.

– Delegado, desculpe incomodá-lo mais uma vez. No telefonema anterior, o senhor falou em inquérito.

– Sim, o que foi instaurado pelo delegado da 19a DP.

– Quer dizer que... é possível... pode acontecer...

– ...de você ser chamado a depor? Pouco provável, não há razão para isso. Ou há?

– Não, é claro, mas como falamos sobre...

– Nossas conversas não tiveram caráter oficial, conforme combinamos. O que você falou comigo não será do conhecimento do delegado encarregado do inquérito, a menos que eu julgue importante para esclarecer a morte de sua amiga.

– E o senhor acha importante?

– Não, por enquanto. Você acha?

– Não. Claro que não. Mas o senhor sabe melhor do que ninguém como é a polícia. Suspeita de tudo. Podem querer ligar os fatos sobre os quais conversamos e a morte de Olga.

- E há ligação entre eles?
- Não. Claro que não.
- Então não há por que se preocupar.
- Obrigado. O senhor tem sido paciente comigo. Até logo.

O estado de espírito de Gabriel naquele momento não era de sofrimento pela morte da amiga, mas de preocupação com o inquérito policial, o que não causou estranheza a Espinosa. A imagem que a maioria das pessoas tem da polícia é de molde a transformar dor em preocupação, principalmente em se tratando da investigação de um possível crime de morte.

No final da tarde, Welber chegou à delegacia.

– Localizei o argentino – disse, esfregando as mãos numa alegria infantil. – Consegui o número do bip dele com a funcionária do Hospital do Câncer. Liguei para a central de atendimentos deixando uma mensagem curta e sedutora, com o número do meu telefone. Hoje consegui falar com uma mulher que desconfio ser a parceira dele nos espetáculos de fantoches. Uma mulher muito desconfiada, fez várias perguntas sobre quem tinha indicado o nome deles, como eu tinha obtido o número do bip etc. Falei que tinha visto uma apresentação deles na festa de aniversário do filho de um amigo, e que estava interessado em que fizessem a mesma apresentação na festa de aniversário do meu filho. Acho que ela continuou desconfiada. Disse que ia falar com Hidalgo – esse é o nome artístico dele – e que voltava a me ligar. Tenho que ir com cuidado, eles podem se encolher.

– Welber, a morte dessa moça pode ter sido acidente, mas pode não ter sido. É melhor ficarmos atentos não apenas ao argentino, como também aos demais elementos do grupo que se reuniu aqui nesta sala há poucos dias.

– Você acha que não foi acidente?

– Uma pessoa cair na linha do metrô na hora exata em que está chegando o trem é tão ou mais raro do que os casos em que isso ocorre por ação deliberada de terceiros. E não havia nada na história

peçoal de Olga que sugerisse a possibilidade de suicídio, a não ser, evidentemente, o fato de estar viva. Está na hora de falar com esse argentino e observar Gabriel mais de perto. Seria interessante também um contato com a mãe dele. Desconhecemos o que ela sabe de toda essa história. Arranje uma boa desculpa para entrevistá-la sobre o filho, não é preciso assustá-la. Sem a presença dele, é claro. Procure saber a que horas Gabriel chegou ontem pela manhã ao escritório.

– Vamos assumir o caso?

– Não, ele continua com a 19ª. Vamos nos concentrar em Gabriel. E marque um encontro com o argentino para combinar a festa de aniversário do seu filho.

Welber saiu, deixando Espinosa sozinho na sala. Pela milésima vez, olhou para o mobiliário antigo de madeira escura trabalhada, herança de administrações anteriores desde a instalação da delegacia no prédio, e pela milésima vez se perguntou o que tinha a ver com aquilo. Os móveis, os objetos de escritório, o computador de penúltima geração e a máquina de escrever antiga (mais utilizada que o computador), os arquivos, as fotos nas paredes, além de traços nem sempre óbvios da época do regime militar. Pensou em Irene, vivendo num outro universo tão diferente do seu.

Antes de sair, telefonou para Gabriel. Teve o cuidado de calcular o tempo que ele levaria para chegar em casa, dando um bom desconto para possíveis atrasos. Ainda não chegara. Do outro lado da linha, uma voz feminina ansiosa: – O senhor quer deixar recado?

– Sim, por favor, diga que Espinosa ligou. A senhora pode anotar o telefone da minha residência? Diga para ele ligar para lá quando chegar. Obrigado.

Gabriel ligou às dez e meia.

– Delegado, desculpe, estou chegando agora em casa. Aconteceu alguma coisa?

– Além da morte de Olga? Não. Nada.

– Foi o que eu quis perguntar.

- Claro. Teve trabalho extra?
- Não. É que tenho voltado a pé para casa. Por isso demoro a chegar.
- Você vai a pé de Copacabana ao Flamengo todos os dias?
- É. Tenho feito isso. É bom para pensar.
- Não quer se encontrar comigo amanhã, para falarmos sobre o que você tem pensado? Pode ser na hora do almoço, como no primeiro encontro que tivemos. Não quero atrapalhar seu horário de trabalho. Que tal ao meio-dia, no mesmo restaurante?
- S...sim. Meio-dia. Está bem.
- Então, até amanhã. Boa noite.
- Boa noite, delegado.

A manhã foi proveitosa. Welber teve sucesso em marcar com a parceira do argentino uma apresentação de fantoches para o domingo seguinte, numa lanchonete situada a apenas uma quadra da delegacia. Contava com a possibilidade de haver mesmo uma festa infantil na hora marcada, desse modo a dupla não desconfiaria de nada e seria abordada por ele logo que chegasse. Não via risco para as pessoas presentes. Pelos relatos obtidos no hospital, o argentino era uma pessoa gentil e bem-educada.

7

Era meio-dia e quinze quando Gabriel chegou ao restaurante para o encontro com Espinosa. Os primeiros fregueses estavam chegando para o almoço, e em breve o restaurante estaria lotado. Espinosa chegara mais cedo e ocupara uma mesinha de dois lugares num dos cantos da sala, com apenas duas outras mesas vizinhas. Gabriel custou a se orientar no ambiente e localizar o delegado. O andar era desajeitado, parecia que a qualquer momento ele voltaria sobre seus passos e sairia correndo. A roupa estava amarrotada, o

cabelo em desalinho, e parecia ter vindo não do trabalho, mas de casa, e que dormira com a roupa que vestia.

– Bom dia, delegado. Desculpe o atraso, eu não me lembrava bem onde era o restaurante.

A voz perdera a modulação adolescente e o corpo ficara mais pesado. Em poucos dias, Gabriel passara de rapaz a homem, e essa passagem não fora feita com pouco sofrimento. – Bom dia. Sente-se. Você parece cansado.

– De fato, estou. Estes últimos dias foram cansativos.

– Antes de mais nada, vamos fazer nossos pedidos. Ainda não almocei, e acho que você também não. Não tem muita escolha, mas a comida é boa.

Gabriel não sabia o que escolher nem estava certo quanto a querer almoçar. Acabou pedindo o mesmo prato que Espinosa. Desde que chegara, olhava para o delegado como quem procura decifrar signos. Deve ter percebido algo que funcionou como sinal verde para poder falar, mas foi Espinosa quem retomou a palavra.

– A morte de Olga deve tê-lo abalado bastante.

– Até agora não entendi o que aconteceu. Eu tinha pensado em acidente. Depois, pensei em suicídio. Até que o senhor me alertou para a possibilidade de assassinato. Não entendo como alguém possa ter empurrado Olga para debaixo do trem.

– Eu não disse que foi assassinato. Só disse que era possível que fosse.

– A mera possibilidade é difícil de aceitar.

– Você disse ao telefone que tem voltado a pé do trabalho para casa. É uma distância grande. Mesmo para uma pessoa jovem e saudável como você, deve ser cansativo. Sobretudo após um dia de trabalho. Você disse também que é a maneira que encontra para pensar. Posso perguntar se é em Olga que você tem pensando nessas caminhadas?

– É, mas não da mesma maneira. Antes eu pensava nela viva e com vida pela frente. Depois passei a pensar nela viva, mas sem

vida pela frente. Como não a vi morta, só pensava nela viva, mas sabia que estava morta, não havia futuro, não havia nada a fazer.

– Ela era muito importante para você, não era?

– Era. Não sei como, mas era. Ela me atraía e me dava medo. Não no trabalho, era uma ótima colega, ela me assustava quando estávamos sozinhos.

– E isso acontecia com frequência?

– Alguma. Não muita.

– Por que não? Era uma moça bonita e atraente. Vocês não eram namorados?

– Não sei. Pode parecer ridículo, não sou mais um adolescente, mas não estou certo se éramos namorados. Pelo menos no sentido em que se diz dos casais que normalmente namoram. Acho que íamos ficar namorados na antevéspera dela morrer.

– E não ficaram?

– Acho que não. É difícil explicar. Não sei o que aconteceu.

– Você não precisa me explicar nada. Não seria melhor se você tentasse me contar o que aconteceu?

– Não aconteceu nada. Quer dizer, aconteceu uma porção de coisas, mas não da maneira como queríamos.

Os pratos e os refrigerantes tinham sido postos na frente de cada um, mas era como se lá não estivessem. Nenhum dos dois tinha feito o menor movimento em direção a eles. A pausa de Gabriel naquele ponto da narrativa fez com que ambos voltassem os olhos para os pratos. Espinosa pegou os talheres, mas Gabriel continuou olhando para a comida sem vê-la.

– O que deveria acontecer e não aconteceu?

– Em várias ocasiões ela disse que precisávamos nos ver fora do escritório, longe dos olhares dos outros, para nos conhecermos melhor, mais intimamente. Era o que ela dizia. Até que na segunda-feira propôs que saíssemos juntos do trabalho. Eu preferia voltar sozinho para casa, tinha que pensar em muitas coisas, mas quando

terminou o expediente no escritório, ela estava me esperando. Ficamos andando horas, não sei quanto tempo, falamos de nossas vidas, do que gostávamos, dos nossos projetos, do que pensávamos sobre religião, política, arte, música.

Gabriel parou de falar e ficou olhando para o prato. Espinosa chegou a pensar que o relato tinha chegado ao fim, que aquela era toda a história do encontro com Olga.

– E a conversa foi boa? Você gostou de estar a sós com ela?

– Confesso que estava gostando, fazia muito tempo que não falava com ninguém sobre aquelas coisas. Estava me sentindo melhor do que quando voltava sozinho. Ela perguntou sobre meu pai, foi a primeira pessoa que me perguntou sobre ele, todo mundo pergunta sobre minha mãe.

– E o que tem seu pai? Como é ele?

– Meu pai morreu.

– Agora? Recentemente?

– Não, ele morreu há muito tempo, quando eu era criança, morreu do coração, minha mãe não gosta de falar nele, acho que ele tinha outras mulheres.

Nova interrupção. Gabriel voltou a mexer nos talheres. Tocava a comida com a ponta do garfo, sem menção de levá-la à boca. Parecia não se dar conta de estar diante do prato de comida.

– Foi então que ela estragou tudo.

– Quem estragou tudo?

– Olga.

– Como assim? O que ela fez?

– Estávamos passando na frente de um desses hotéis pequenos que só têm a palavra "hotel" num letreiro luminoso na fachada, ela perguntou por que não entrávamos. Não entendi imediatamente a pergunta, cheguei a pensar que algum conhecido estava hospedado lá, mas o jeito como ela enlaçou meu braço e me olhou nos olhos me fez entender o que estava pretendendo. Fiquei em pânico.

– Você não queria ir?

– Queria e não queria. Eu não sabia o que dizer. Ela disse que eu não precisava dizer nada. Entramos, assinei uma ficha no balcão, paguei adiantado a diária, e fomos para o quarto. Era mínimo. A cama de casal ocupava quase todo o espaço. Olga disse algumas coisas que não consegui entender, a voz dela estava distante. Parou na minha frente, tirou o casaco, os sapatos, o vestido, ficou só de calcinhas e sutiã. Como eu não me mexia, ela chegou mais perto, me beijou, e foi me ajudando a tirar a roupa até me deixar inteiramente nu. Em seguida, tirou o sutiã e a calcinha e se encostou em mim. Minhas pernas estavam tão tensas que eu não conseguia dar um passo.

Gabriel continuava a remexer a comida com o garfo. Não conseguia olhar Espinosa nos olhos, falava olhando para o prato. Quase não dava para ouvir o que ele dizia.

– Ela não percebeu seu embaraço?

– Percebeu. Acho que pensou que fosse uma timidez passageira. Quando me viu parado em pé, incapaz de me mexer, ela sorriu, me empurrou, e caímos os dois na cama. Ela estava achando aquilo muito divertido, até perceber meu pânico. Afastou o corpo do meu, fez com que eu me deitasse de comprido na cama, e ficou sentada de frente para mim, pernas cruzadas em posição iogue. Meu corpo não é branco nem balofo, vou à praia, faço exercícios, mas comparado ao dela parecia o corpo de um doente. Olga era uma força da natureza. Tinha um corpo forte, bonito, pernas longas, fortes, seios grandes, rijos, sexo com pelos fartos, e o expunha para mim sem nenhum pudor. Ela ficou um tempo naquela posição, me olhando sem me tocar. Parecia um computador processando informações. Passados alguns minutos, talvez fossem segundos, mas me pareceram minutos, perguntou, eu não te agrado como mulher? Claro que agrada, você é linda, muito mais do que eu imaginava. Então, por que está me evitando? Não estou te evitando, estou apavorado. Apavorado? Por quê? Você é gay? Não, claro que não. Então, o que está acontecendo? Sempre pensei que você quisesse transar comigo e que não falava nada porque era tímido. E é

verdade. Então? Agora estamos aqui. Mas eu continuo apavorado. Foi quando ela me abraçou de novo. Eu sentia o contato da pele dela, a diferença de temperatura, os bicos dos seios contra meu peito, seu cabelo caindo sobre meu rosto, suas pernas se entrelaçando nas minhas, seu sexo úmido contra minha coxa, mas o meu continuava mole, parecia morto. Olga acariciou meu sexo, e depois de algum tempo eu já não o sentia mais. Minhas pernas doíam, de tanto que eu as contraía. Comecei a suar no rosto, na cabeça, minha vista entrava e saía de foco. Pensei que fosse morrer. Me levantei de um pulo, vesti a roupa, calcei os sapatos às pressas, ela perguntando o que estava acontecendo, abri a porta, desci correndo a escada e continuei correndo por vários quarteirões. Não sei por onde andei, nem o que fiz. Cheguei em casa de madrugada.

Espinosa tinha parado de comer. O burburinho do restaurante, que parecia ter ficado em segundo plano durante o relato, ganhou volume repentinamente. Era como se todos em volta estivessem ouvindo em silêncio o relato de Gabriel, voltando a falar todos ao mesmo tempo.

– Foi sua primeira experiência com uma mulher? Gabriel balançou a cabeça afirmativamente. Parecia exaurido e à deriva, mas Espinosa sabia que aquele momento não se repetiria, pelo menos não se repetiria com a mesma intensidade emocional.

– Você esteve com Olga depois desse encontro?

– Não.

– Por que você faltou ao trabalho no dia seguinte?

– Eu não ia conseguir olhar para ela. Pensei em nunca mais voltar ao trabalho. Mas o dia seguinte ao que faltei era dia de pagamento, eu precisava do dinheiro para pagar minhas contas, minha intenção era pegar o dinheiro e pedir demissão. Foi quando soube da notícia da morte dela. Não consegui ter nenhuma reação emocional. Eu só conseguia pensar que não haveria outra chance para mim, pelo menos com ela.

– Você disse que depois de deixar Olga no hotel andou sem rumo, que só chegou em casa de madrugada, e que não se lembra

de nada.

– Foi.

– Esse tempo que você diz que ficou sem saber por onde tinha andado nem o que tinha feito, se repetiu?

– Não que eu saiba.

– Você já teve outras ausências no passado?

– Acho que não.

– Você não desejou matar Olga depois do que aconteceu?

– Desejei matar a mim mesmo, não a ela.

– O que você fez durante todo o dia seguinte?

– A mesma coisa que tenho feito sempre que posso: andei pelas ruas.

– Por onde você andou?

– Pelo centro da cidade, pelo parque do Flamengo, por Laranjeiras.

– Encontrou algum conhecido nessas caminhadas?

– Não estava prestando atenção nas pessoas. Posso ter passado por algum conhecido, mas não percebi.

– Não teve vontade de seguir Olga no metrô, para ver como ela estava?

– Não, de jeito nenhum. Queria distância dela.

Espinosa sentiu que a conversa chegara ao ponto a partir do qual o caráter de interrogatório ficaria flagrante. Não era do seu feitio transformar uma catarse num inquérito, a não ser nos casos em que a conversa não pudesse ser retomada. Não era por motivos morais que fazia aquilo, mas porque sabia, por experiência própria, que uma atitude intempestiva podia inviabilizar contatos futuros. E, pelo que podia intuir, tinham ainda muito futuro pela frente. – Não vai comer?

– Não, obrigado, tenho que voltar para o trabalho.

De volta à delegacia, encontrou um recado do legista do IML. Aliás, da legista. Era mulher, jovem e bonita. Espinosa nunca entendera como uma jovem tão bonita e suave podia passar os dias às voltas com cadáveres e miúdos humanos. Ela não apenas fazia isso, como gostava do que fazia. Ligou para ela.

– Espinosa, se você decidisse, por puro fastio, atirar-se nas rodas de um trem, como faria?

– Você quer saber com que roupa, ou com que estilo?

– No caso, estou interessada no estilo: peito, costas ou borboleta?

– Acho que estou entendendo aonde você quer chegar.

– Pois é, meu caro, posso garantir que nossa amiga caiu nos trilhos e foi colhida pelo trem em decúbito dorsal. Acho pouco provável que uma pessoa se atire sob as rodas de um trem, do alto de uma plataforma, de costas. Até porque quem faz uma coisa dessas quer ter certeza de que vai funcionar, e um salto de costas não somente é difícil de executar, como não permite que se tenha certeza de cair no ponto certo. É mais fácil uma pessoa se atirar de costas do último andar de um prédio, basta ficar de pé na borda do terraço ou no parapeito da janela e jogar-se para trás. Não tem erro. É mais provável, portanto, que a moça tenha caído ou tenha sido empurrada. Mas acho que já estou invadindo a sua praia.

No íntimo, Espinosa havia deslocado a hipótese de suicídio para o último lugar das probabilidades, além de concordar com Irene quanto à baixa probabilidade de um acidente, em se tratando de Olga.

Voltou para casa pelo caminho mais longo, passando por dentro da galeria Menescal para se abastecer no árabe para o jantar, mas sobretudo para pensar no resultado do exame da legista. Enquanto esperava no balcão pelos quibes, não pôde deixar escapar a reflexão sobre o fato de Gabriel e ele se utilizarem das caminhadas para pensar. Gostaria que as semelhanças ficassem por ali.

Assim que chegou à praça do bairro Peixoto avistou Alice e Petita na porta do prédio.

– Você não está dando importância ao Vizinho – disse ela enquanto Espinosa se inclinava para beijá-la.

– Mais importante que o Vizinho é a vizinha, que não vejo há dias.

– Também. Mas eu sei falar, e ele não. Você está se descuidando de uma coisa importante. Ele tem que fixar o seu cheiro. Os primeiros cheiros são os que ficam, e é assim que os animais identificam os donos. Você tem que deixar ele te cheirar com mais frequência.

– Quem te disse isso?

– Minha professora de ciências. Ela disse que até os humanos se conhecem primeiro pelo cheiro.

– Então estamos todos nos cheirando pouco. Amanhã é sábado, vamos dar uma cheirada no Vizinho e deixar que ele nos cheire.

Subiram os três, Petita na frente, parando a cada meio lance para ver se Espinosa e Alice vinham atrás. Antes de entrarem para os respectivos apartamentos, combinaram visitar Vizinho na manhã seguinte.

8

Desde a véspera, Gabriel passara a andar armado exceção feita quando do encontro com o delegado. Não queria se expor desnecessariamente. Sabia do risco de andar armado sem licença, mas considerava risco ainda maior expor-se à mira de um assassino desconhecido sem meios para se defender. Outro problema era como portar uma arma sem que isso ficasse evidente ao olhar de terceiros, principalmente ao olhar dos policiais de ronda. Considerou suficiente fazer como vira em filmes – enfiar o revólver na cintura, atrás, e usar um blusão folgado para disfarçar o volume. Só que o expediente apresentava o inconveniente de dificultar uma reação imediata frente ao perigo; podia ser empregado quando estivesse

caminhando por lugares ermos; no caso de locais movimentados, carregaria a arma no bolso do casaco, se possível empunhada e pronta para disparar. Tinha certeza de que a mãe não havia encontrado o revólver nem a caixa de balas, eles estavam atrás dos livros da última prateleira da estante, ela só os acharia numa daquelas limpezas anuais em que punha tudo abaixo e esfregava livro por livro.

A mãe tinha parado de controlar suas saídas e chegadas, restringindo os cuidados com o filho às tarefas domésticas que lhe diziam respeito diretamente; no mais, parecia ter adquirido maior autonomia, aumentando a frequência e a duração de suas próprias saídas. Não foi comentada entre eles a morte de Olga, até mesmo porque Gabriel não se lembrava de ter falado em Olga com a mãe.

No meio da tarde aprontou-se para mais uma incursão pelas lanchonetes. Chovia e ventava forte, mas decidira que não ia correr o risco de perder o argentino por questão de minutos. Vestiu o casaco de náilon com capuz que usava como capa em dias de chuva. Ele facilitava a ocultação da arma e seu próprio disfarce.

Antes de sair, experimentou várias vezes sacar a arma escondida nas costas. Não deu certo. Mesmo com o blusão aberto, o movimento de enfiar a mão por dentro dele para sacar o revólver preso às costas era lento, desajeitado e óbvio. Seria abatido por quem quer que fosse antes de completar o gesto. Achou melhor carregar o revólver no bolso lateral do casaco, mantendo-o seguro na mão para não balançar no bolso. Depois de ensaiar o movimento de retirar a arma e apontá-la para um alvo imaginário, satisfeito com o resultado, destrancou a porta do quarto e saiu, com um tchau para a mãe. Não houve resposta. D. Alzira tinha saído minutos antes.

O sábado chuvoso não contribuiu para melhorar o estado de espírito de Gabriel. À tarde, ele percorreu as lanchonetes de Copacabana que ofereciam salas especiais para a realização de festas de aniversário; em nenhuma encontrou o argentino. Chegou em casa tarde da noite, cansado, molhado e sem esperança de algum dia vir a ter sucesso na empreitada.

O desânimo era acentuado pela mudança de atitude da mãe. Ela continuava esperando suas chegadas, preparando as refeições e cuidando das suas roupas, mas se tornara estranhamente silenciosa. Tinham cessado as perguntas com segundas intenções, as observações e os comentários autocomiserativos. Quando estavam em casa, cada um permanecia em seu quarto de porta fechada. Antes, mesmo quando dormia, ela mantinha a porta do quarto aberta, como no tempo em que o filho era pequeno e podia acordar assustado no meio da noite. Mas a partir de um dia que Gabriel não sabia precisar, e sem aviso prévio ou comentário posterior, ela passara a também fechar sua porta, como fazia o filho. Gabriel não deu atenção imediata ao fato. Como não tardaria a descobrir, a mãe tinha não um problema, mas uma causa, e nela concentrava todo o seu empenho. Ocupava-se dos afazeres cotidianos num nível estritamente operacional, sem investimento afetivo, com o mínimo de desgaste emocional. A causa, assumida com fervor religioso, solicitava sua atenção e absorvia o melhor de sua energia. Naquela noite Gabriel fora dormir logo depois de terminar de jantar o prato feito que a mãe deixara no forno. Não havia luz debaixo da porta da mãe, nem o som da televisão, que ela costumava ouvir num volume acima do razoável (razão pela qual ele passara a fechar a porta do quarto).

O domingo foi igualmente marcado por desencontros. A mãe passou toda a manhã na igreja, enquanto ele passava a tarde à procura do argentino. Encontraram-se apenas durante o almoço, transcorrido quase em silêncio. As frases ditas visavam, de parte de um e outro, manter o não dito, o que era conveniente mas começava a incomodar Gabriel.

9

A chuva da véspera continuava, não com a mesma intensidade mas com a mesma persistência. Céu e rua diferiam apenas quanto ao tom de cinza. Espinosa e Welber combinaram se encontrar na delegacia meia hora antes do encontro marcado com o argentino na lanchonete. Dispensaram a ajuda de mais um detetive: nada nas descrições de Stella e Hidalgo sugeria perigo. Às três e vinte e cinco Espinosa saiu de casa para o compromisso que, na sua opinião, não tomaria toda a tarde de domingo e, mesmo que tomasse, não seria grande perda, ele não gostava mesmo de domingo. Encontrou Welber na porta da delegacia e foram direto para a lanchonete, situada na mesma rua, uma quadra abaixo em direção à praia – os dois com impermeáveis compridos e capuz para se protegerem da chuva. Às quatro horas em ponto, conforme o combinado, viram dobrar a esquina um casal que não podia ser outro senão eles. Ela usava uma minissaia que, se não impressionava as criancinhas nas festas de aniversário, certamente fazia a festa dos marmanjos, enquanto Hidalgo, debaixo de um amplo guarda-chuva, andava como se a chuva tivesse obrigação de parar para ele passar. Era sem dúvida uma figura imponente. Cada um carregava uma bolsa grande de náilon. Antes de entrarem na loja, foram interceptados por Espinosa.

– Senhor Hidalgo? Ele parou, olhou para Espinosa, depois para Welber, vagarosamente, olhou para a companheira como perguntando quem são esse dois, voltou o olhar para Espinosa.

– Os senhores, quem são? – perguntou, com leve sotaque castelhano.

– Delegado Espinosa. Este é o detetive Welber. Foi ele quem telefonou, marcando o encontro. Não tem nenhuma festa infantil. Gostaríamos de conversar. Como o senhor não dispõe de telefone nem de endereço – aliás, não dispõe tampouco de nome, a menos

que se chame realmente Hidalgo –, foi essa a maneira que encontramos para chegar até vocês.

– O senhor está nos detendo?

– De jeito nenhum. Só queremos conversar. Pode ser na delegacia, a meia quadra de distância, ou pode ser aqui mesmo, tomando um refrigerante.

– Do que se trata?

– Há uma denúncia de estelionato contra o senhor na 5ª DP, perto do Hospital do Câncer, onde o senhor faz apresentações. Mas não é nisso que estamos interessados. Queremos conversar sobre um rapaz chamado Gabriel.

– Quem?

– Gabriel. O senhor fez algumas predições sobre ele.

– Desculpe, delegado, mas não conheço nenhum Gabriel, nem faço shows de predições. Minha parceira e eu fazemos apresentações de teatro de fantoches e de marionetes, como o senhor pode verificar pelo material que temos nas bolsas. Meus clientes são crianças, não adultos.

– Sabemos disso. Sabemos também que ocasionalmente o senhor tem visões que escapam ao seu controle, sobre alguma criança presente em seu pequeno show.

– Qualquer um pode ter. Não são intencionais. Nunca me apresentei como vidente.

– Acredito que não. Só no caso de Gabriel.

– Já disse que não conheço nenhum Gabriel.

– Sugiro que nos sentemos. O detetive Welber fará a gentileza de nos trazer alguns refrigerantes. Mas sim, é provável que o senhor não esteja lembrado. Faz quase um ano, numa comemoração de aniversário num restaurante perto daqui. O nome do rapaz é Gabriel, ele estava fazendo vinte e oito anos. O senhor previu que antes do aniversário seguinte ele mataria uma pessoa.

– Ah. Aquele. Não sabia que se chamava Gabriel. Nunca tinha visto ele antes, e jamais tornei a vê-lo. O que tem ele?

– Até agora, nada. Por que o senhor vaticinou que ele se tornaria um assassino?

– Não vaticinei que ele se tornaria um assassino, disse que ele mataria outra pessoa. Na guerra os homens se matam uns aos outros e nem por isso viram assassinos. Os senhores mesmos, policiais, podem ser obrigados, num confronto com bandidos, a matar alguém, e não são considerados assassinos. Gabriel poderia estar incluído num desses casos. Mas não foi esse o motivo disso que o senhor está chamando de vaticínio. Eu diria que nem sequer foi uma predição, teve muito mais o sentido de uma provocação. Nunca pensei que ela pudesse ter desdobramentos a ponto de eu vir a ser abordado por um delegado e um detetive em pleno domingo.

– Talvez sua provocação tenha funcionado.

– O que aconteceu foi o seguinte. Como eu disse, nunca tinha visto aquele rapaz antes. Eu estava no restaurante à espera de Stella, minha parceira, para comermos alguma coisa e voltarmos para casa. Na mesa ao lado havia uma pequena comemoração de aniversário, poucas pessoas, e deduzi que se tratava do aniversário do rapaz sentado à cabeceira. Ele não parecia muito animado com o acontecimento, e de todos era o que falava mais baixo, parecia estar pedindo desculpas. Stella demorou para chegar, e comecei a prestar atenção na mesa ao lado. As mesas ficavam quase encostadas: um dos rapazes do grupo estava praticamente sentado à minha mesa. Numa das vezes em que o rapaz olhou para mim, perguntei o que estavam comemorando. O aniversário do nosso colega de escritório, aquele da cabeceira. Garçom, um chope aqui para o nosso vizinho participar também. Agradei, disse que estava esperando uma pessoa mas que dava meus parabéns ao aniversariante. Em seguida o garçom pôs um chope na minha mesa. Oferta da mesa ao lado, disse. Virei para eles, agradei e brindei ao aniversariante. Ele vai ser um brilhante administrador, disse eu. O rapaz que falara comigo ficou surpreso. Como o senhor sabe que ele é administrador? Evidentemente eu não sabia, falei administrador porque achei que

ele tinha cara de administrador e porque administrador é um termo genérico que se aplica a boa parte dos que trabalham em escritórios. Nosso amigo é vidente!, gritou ele para os colegas. Àquela altura, tinham chegado duas moças, também colegas, que estavam em pé, ao meu lado, esperando que providenciassem cadeiras para elas. O rapaz continuou: faça então uma previsão para nosso colega! Um presente de aniversário. Vamos! Não custa nada! Garçom, mais um chope para nosso vizinho! De brincadeira, virei-me para uma das moças e perguntei: como é o colega de vocês? O Gabriel?, perguntaram elas, um santo, incapaz de matar uma formiga. Fiquei pensando como alguém pode ser tão inofensivo a ponto de não ser capaz de matar uma formiga. Disse então que faria algumas previsões para ele. O grupo se animou, abriu espaço para eu me sentar ao lado do aniversariante e comecei a dizer algumas coisas genéricas, dessas que ouvimos das ciganas, e vi que o rapaz era suficientemente ingênuo para acreditar no que eu dizia. Decidi então, como presente de aniversário, dar um choque nele para ver se ele despertava, e disse que antes de seu aniversário seguinte ele mataria uma pessoa. Não acidentalmente, mas de forma deliberada. Naquele momento Stella chegou. Levantei e saí. Nunca mais vi o rapaz. Espero que ele não tenha matado ninguém.

– Ainda não, espero. Mas faltam menos de dois meses para o aniversário dele.

– O senhor está realmente acreditando que ele vá matar alguém, delegado?

– Quem fez a previsão foi o senhor.

– Mas foi uma brincadeira, o rapaz parecia apalermado, era só para dar uma sacudida nele.

– Talvez tenha sacudido. O senhor conhecia a moça a quem perguntou sobre Gabriel antes de fazer as previsões?

– Nunca tinha visto.

– Nenhuma das duas?

– Nenhuma das duas.

- Conhece uma moça chamada Olga?
- Não. Devia conhecer?
- Não sei. De qualquer maneira, agora não vai mais ser possível. Ela está morta.
- E o que ela tem com a história?
- Era uma das moças presentes à comemoração.
- E faleceu?
- Bem, faleceu é uma palavra suave para alguém que morre debaixo das rodas de um trem do metrô.

Hidalgo não disse nada. Havia um burburinho adolescente em torno. Horário nobre de McDonald's. Estava na hora de cederem a mesa aos ocupantes legítimos do lugar, e Espinosa achava que aquele era um bom ponto para interromper o encontro.

– Gostaria que o senhor deixasse seu endereço e telefone com o detetive Welber para que posteriormente não tenhamos que lançar mão de estratégias como a de hoje.

Welber fez as anotações, levantaram-se, e um bando de pré-adolescentes correu para tomar posse do lugar. Já na calçada, enquanto erguiam os capuzes e abriam os guarda-chuvas, Espinosa acrescentou: – Suponho que Hidalgo é seu nome artístico, não? – Supôs errado, delegado. Esse é mesmo meu nome. Adeus.

O casal saiu andando. Durante todo o encontro, que durara quinze minutos, Stella não dissera uma só palavra, mas tampouco perdera uma única. A chuva fina continuava a cair, como caem as chuvas no inverno. A caminhada de volta ao bairro Peixoto, distante apenas três quadras, debaixo da chuva fina, reunia as condições quase perfeitas para uma boa reflexão de fim de tarde de domingo. O trânsito reduzido, de carros e de pessoas, permitia um caminhar relativamente tranquilo, apesar da calçada molhada e das poças ocasionais.

Algumas coisas intrigavam Espinosa. A primeira delas era o casal Hidalgo, que não combinava em nada com teatrinho de fantoches em festa infantil. O modo educado de falar, o perfeito, e até

sofisticado, domínio da linguagem, o apuro no vestir e a elegância dos gestos, tudo apontava para algo mais do que apresentações de bonecos para crianças em lanchonetes. E Stella era a moça bonitinha e descerebrada das piadas machistas, seu olhar e sua escuta davam a impressão de ser órgãos de superfície de um poderoso processador de informações. A história contada por Hidalgo parecia simplória demais para ser verdadeira, ou para conter toda a verdade.

Quando Espinosa entrou em casa, depois de sacudir no corredor o impermeável, encontrou dois recados. Um bilhete de Alice dizendo que Vizinho ficara feliz com a visita da véspera e combinando saírem no dia seguinte, à hora de sempre; o outro, na secretária, era um recado de Irene pedindo para ele ligar.

Espinosa esperou que se abrandassem os ecos da conversa com Hidalgo para responder ao recado de Irene. Aos poucos, a imagem da moça se sobrepôs à do casal.

– Espinosa, que bom que você ligou.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não, nada de objetivo. Apenas um sentimento esquisito... nervosismo, acho.

– Qual é o sentimento?

– Bobagem, coisa de mulher, você não devia se aborrecer com isso. Pode ser tolice, mas tenho a sensação de estar sendo seguida. Não identifico ninguém, é apenas um sentimento, mas, depois do que aconteceu com Olga, acho que fiquei medrosa.

– É um sentimento compreensível, você ainda está abalada. Nessas horas os fantasmas reaparecem, mais uns dias e eles voltam para os recantos de onde saíram. De qualquer maneira, durante os próximos dias seria melhor você procurar sair acompanhada. Não que haja motivo real para preocupação, mas para você ficar mais tranquila enquanto persistir esse sentimento.

– Tenho certeza de que é uma coisa subjetiva, mas achei que ia me sentir mais segura contando a você.

– Fez bem. Você se sentiria melhor tomando um chope e me falando sobre isso pessoalmente?

– Sempre que um cidadão aflito recorre a você, é convidado a tomar um chope?

– Só quando o cidadão é você.

– Está bem. Podemos nos encontrar no mesmo lugar.

– Ótimo, estou lá em meia hora.

Houve um silêncio antes que um dos dois se decidisse a desligar. Desligaram ao mesmo tempo.

PARTE IV

1

Espinosa considerava a faixa dos quarenta uma das mais perigosas, do ponto de vista amoroso. Suficientemente próxima dos trinta para que se alimentassem fantasias românticas, mas igualmente próxima dos cinquenta para que se incorporasse uma certa dureza, resultante dos reveses. Espinosa ainda não se julgava cético quanto às possibilidades amorosas, mas perdera havia muito a ingenuidade; a consciência crítica se fazia cada vez mais aguda, e ele sabia que, levada ao extremo, ela desembocaria num ceticismo quanto à possibilidade de algum sucesso naquilo a que chamavam casamento. Não tinha nenhuma dúvida quanto à excelência do prazer sexual; o que pensava ter escassas possibilidades de sucesso era a junção da sexualidade com o casamento. No entanto, quando encontrava uma mulher como Irene a consciência crítica era atropelada por incríveis promessas imaginárias. Longe de Irene, mantinha-se uma certa dose de conflito – suficiente para que ele pudesse ser incluído entre os racionais. Nunca fora um conquistador, as mulheres sempre o haviam assustado e atraído com igual intensidade, tinha a mais absoluta certeza da impossibilidade de um homem permanecer tranquilo no encontro amoroso com a mulher, mas na presença de Irene sua inteligência era integralmente convocada no sentido de seduzi-la.

Os pensamentos ocuparam o trajeto até o bar Lagoa, local do primeiro encontro. Diferentemente da vez anterior, a noite estava chuvosa, as montanhas que cercam a lagoa Rodrigo de Freitas estavam encobertas pelas nuvens, não havia lua nem estrelas no céu. Quando entrou no restaurante, Irene já o esperava.

– Moro mais perto – disse ela, como justificando ter chegado primeiro.

– Pois eu já estava aqui desde que desligamos o telefone, meu corpo é que custou a chegar.

Parecia uma continuação do encontro anterior. A mesa era outra, outro o garçom, outros os frequentadores (os de domingo à noite eram famílias com crianças), mas o clima de proximidade e distância era o mesmo. Irene parecia ter ido ao restaurante tal como estava vestida em casa, e Espinosa começava a desconfiar que aquele estilo casual nada tinha de casual, e que era extraordinariamente cativante.

A conversa não tardou a desembocar em Olga. Não no acidente, mas em Olga viva, colega de universidade e amiga de vários anos.

– Foi amizade à primeira vista –, sorriu Irene. Durante todo o curso escolhemos as mesmas disciplinas, sentamos lado a lado, saímos juntas para tomar chope e falar da vida, dos namoros... Chegamos a morar juntas durante quase um ano, logo que terminamos a faculdade.

– Disputavam namorados?

– Eu nem tentava, ela ganhava todos.

– Mas você é muito mais bonita.

– Também acho. Eu exercia um enorme fascínio sobre os homens, mas ela possuía um poder de atração muito maior. Os homens ficavam fascinados comigo, mas acabavam nos braços dela.

– Por que isso?

– Não sei ao certo, isto é, não sei ao certo qual era a causa e qual o efeito, mas na época eu andava confusa, tinha muito medo dos homens e me sentia à vontade com as mulheres. Minhas escolhas eram, na maior parte das vezes, homossexuais. Os homens me assustavam.

– Olga foi uma dessas escolhas?

– No sentido amplo do termo.

- Como assim?
- Não éramos um casal, vivíamos juntas com se fôssemos irmãs, embora eu soubesse que não era bem assim.
- E ela? Como via a relação?
- Acho que se afastou quando percebeu que estava caminhando para um desfecho declaradamente homossexual.
- E estava?
- Com certeza.
- Como você se sentiu?
- Muito só. De certa forma, nós nos bastávamos. Quando Olga decidiu voltar a morar com os pais, fiquei muito sozinha, sentia falta das conversas, das refeições preparadas a quatro mãos, das roupas compartilhadas... Me senti muito só.
- E o que aconteceu depois?
- Ficamos um tempo afastadas, era necessário para os sentimentos se acalmarem. Passado esse tempo, voltamos a nos ver pelo menos uma vez por mês para pôr os assuntos em dia, nós gostávamos muito uma da outra. Estávamos nesse ponto de retomada da relação quando ela marcou o encontro para falar do caso Gabriel.
- E os homens continuam te assustando?
- Se você quer saber se sou homossexual, a resposta é não. Gosto de homem, o que não exclui o fato de os homens me assustarem.
- E por quê?
- Pelo mesmo motivo que os faz terem medo das mulheres: porque têm pau.

A resposta surpreendeu Espinosa. Não pelo conteúdo, com o qual concordava, mas pela forma como fora dita. Em muito pouco tempo se deu conta de que aquele era o estilo Irene: direto, sem subterfúgios, e sem intenção de chocar o interlocutor.

– Revelei um pouco da minha intimidade – disse ela –, mas continuo sabendo muito pouco de você.

– Casei com pouco mais de vinte anos de idade e antes dos trinta estava separado. O casamento durou o tempo de meu filho ter uma infância com pai e mãe presentes, mas não o suficiente para que eu pudesse vê-lo entrar na adolescência; muito antes, ele se mudou com a mãe para Washington, onde vive até hoje. Nos vemos, quando muito, uma vez por ano. É como ler um livro pelos títulos dos capítulos. Vivo sozinho há mais de dez anos. Também das mulheres, conheço apenas os títulos dos capítulos. As mulheres mais constantes na minha vida são minha faxineira e agora Alice, uma vizinha de treze anos que, à falta de uma companheira para mim, quer me convencer a ter um cachorro, mesmo sabendo que não são a mesma coisa.

– O importante é que você saiba.

2

No metrô, Gabriel ainda tinha a impressão de ver Olga num dos vagões ou na plataforma de desembarque e, o que era pior, também tinha a impressão de ver a mãe. Mas não queria multiplicar os focos de atenção. Olga estava morta, e a mãe não constituía ameaça vital. Restava o argentino. Chegou a pensar que o próprio argentino poderia surgir como perseguidor e vítima, mas depois de refletir sobre o assunto concluiu que ele se encaixava muito melhor no papel de oráculo do que nesse lugar ambíguo de vítima e algoz. Descera do trem e subia as escadas da estação a caminho do escritório. Muitas vezes fizera aquele percurso na companhia de Olga. Quando a imaginava estendida no trilho do metrô, imaginava-a nua, um corpo nu dilacerado pelas rodas do trem. Preferia nunca tê-la visto nua, não conseguia mais lembrar-se dela vestida. A rotina do escritório não sofrera modificações, embora a falta de Olga tivesse alterado a qualidade do espaço de trabalho. Talvez se acostumasse.

Por enquanto ainda tinha a expectativa de vê-la olhar por cima da divisória do seu gabinete. Acreditava que com o tempo, quando viesse outra pessoa para o lugar dela, sua imagem se diluísse até desaparecer por completo. Havia ainda um outro fator atual perturbador do seu dia-a-dia: a mãe. O mundo dela se restringia ao apartamento e arredores imediatos, que incluíam a igreja, o supermercado, a farmácia, tudo ao alcance de uma pequena caminhada. Habitado à previsibilidade dos atos e falas da mãe, não atinava com o motivo dos afastamentos misteriosos dos últimos dias. De qualquer maneira, precisava saber o que estava se passando. Sempre que saía de casa, mantinha a mão direita no bolso do casaco segurando o revólver para evitar que ele balançasse com o andar. Não era cômodo andar armado. No escritório, ao fazer um movimento com a cadeira giratória, o casaco girou e bateu na divisória, fazendo um barulho surdo. Tinha se preparado para esse tipo de situação, o que não evitou um certo nervosismo, mas nos últimos dias havia nervosismo no ar, o enterro de Olga estava fresco na memória de todos.

No final da tarde, terminado o expediente no escritório, voltou a pé para casa, como vinha fazendo havia vários dias. E, como de costume, a mãe estava à janela e foi recebê-lo na porta.

– Que bom que você chegou cedo, podemos jantar juntos.

Gabriel teve certeza de que alguma mudança se operara. Jamais ela saudara um atraso de mais de uma hora como "cedo"; normalmente, começava a se inquietar depois de quinze minutos e passava ao desespero completada meia hora. Outro detalhe que o intrigou foi a ausência do xale sobre os ombros, como se minutos antes ela estivesse usando casaco. Esquentou o jantar sem reclamação e sem inquirições indiretas. Quando se sentaram para comer, havia um afogueamento em seu olhar. Não estava interessada em comer, seus olhos estavam voltados para Gabriel, à espera do momento adequado.

– Meu filho, sei do seu segredo e quero ajudá-lo.

– Meu segredo?

– Gabriel, sou sua mãe. Fui eu quem te pôs no mundo. Você já foi parte do meu corpo e continua fazendo parte de mim. Seus segredos são também meus segredos. Se alguma coisa o ameaça, ameaça também a mim, sua luta é minha luta.

Havia fervor religioso na fala, talvez por ser o único fervor que ela já conhecera. Só que agora ele era plenamente legítimo, não um sentimento ligado a um objeto abstrato, mas algo tão real e concreto que queimava suas entranhas, muito mais do que sua alma.

– Do que você está falando, mamãe?

– Estou falando da nossa causa.

– Que causa, mamãe? Que diabo está acontecendo com você?

– Comigo não está acontecendo nenhum diabo, mas ele está em você. Padre Crisóstomo não quis me dar ouvidos, disse que você precisava se casar e formar família. Ele está velho, não tem mais coragem para enfrentar as forças do mal, acha que basta rezar e o mal desaparece. Os crentes rezam desde que a Igreja de Cristo foi fundada, e o mal continua aumentando. Contra o mal não basta rezar, tem que lutar. É isso que vamos fazer. Juntos.

Tudo foi dito com tal fervor que Gabriel teve dificuldade para captar o sentido de cada frase; mais ainda, teve dificuldade de captar o objetivo específico de todo aquele discurso. O que ela estava identificando com o mal? Será que estava pensando que ele estava possuído pelo demônio? Por que a referência ao padre Crisóstomo? – Mamãe, não estou possuído por diabo nenhum, isso não existe, só estou com alguns problemas, que já estão sendo resolvidos.

– Não precisa me acalmar, não sou frágil nem boba, sei do que estou falando. O mal não precisa ter chifres ou soltar fogo pelas ventas, pode se fazer presente de muitas maneiras. Sei que você está lutando contra ele, mas não está conseguindo vencer. É difícil, muito difícil, você não consegue enxergá-lo, pensa que ele é um e ele é outro, seu poder de tentação é ilimitado.

Gabriel pensou imediatamente em Olga convidando-o a entrar no hotel, se despindo até ficar inteiramente nua, ajudando-o a se despir também, e por fim sua impotência e fuga. Em nenhum momento houvera a menor hesitação da parte dela; ela sabia perfeitamente o que estava fazendo.

– Mamãe...

– Não precisa dizer nada, meu filho. Só quero que você saiba que a partir de agora sua luta é também a minha, sua causa é nossa causa. – Levantou-se e começou a retirar os pratos da mesa e a colocá-los dentro da pia sem perceber que nenhum dos dois havia comido nada.

– Ia me esquecendo. Telefonou um amigo seu chamado Espinosa. Pediu para você ligar para ele. Deve ser amigo novo, não? Até então, Gabriel não despira o casaco. O peso do revólver deformava o bolso, mas o detalhe não chamara a atenção da mãe. Ela tampouco notara que o filho não fizera a barba durante o fim de semana. Ficara também sem comentário, de ambas as partes, a morte brutal de Olga. Desapareceram as pequenas e insignificantes observações sobre o feijão pouco temperado ou a camisa mal passada ou ainda a lâmpada do abajur da sala que estava fraca. Os pequenos e grandes acontecimentos da última semana foram postos entre parênteses, em suspensão.

O revólver continuava a pesar no bolso. Gabriel chegou a iniciar o movimento de colocá-lo sobre a mesa enquanto a mãe lavava a louça.

– Como papai morreu?

D. Alzira diminuiu a velocidade do que estava fazendo, passando a movimentar as mãos com uma lentidão próxima à imobilidade. Respondeu sem virar o rosto.

– Morreu do coração, filho, já contei tantas vezes.

– Morreu em casa ou na rua?

– Em casa. Também já lhe falei sobre isso.

– Ele estava dormindo, quando morreu?

- Não. Tomando banho.
- Eu estava em casa?
- Estava, mas não viu seu pai morto. Só depois. Quando ele já estava no caixão.

3

Depois de três dias de garoa ininterrupta, a terça-feira amanheceu sem chuva. O recanto mais abrigado sofria com a falta de sol, embora o morador do Rio de Janeiro necessite de dias cinzentos para contrabalançar uma longa sequência de dias azuis. O sol ainda não esquentara o bastante para secar as calçadas e os bancos da praça, o chão arenoso do pequeno parque ainda estava molhado e mães e babás tomavam mais cuidado com as roupas das crianças.

Espinosa caminhava sem pressa em direção à delegacia quando ouviu seu nome, reconhecendo imediatamente a voz. Alice corria para alcançá-lo, tentando manter às costas a mochila que sacolejava com a corrida. Quando ele se inclinou para o beijo de bom-dia, percebeu imediatamente que algo não estava bem.

- O que houve? Por que essa cara?
- O Vizinho.
- Que tem ele?
- Nada, está ótimo, meus pais é que vieram com a conversa de que não posso me responsabilizar por um cachorro que não é meu; que às vezes não dou conta da que eu tenho, como posso assumir o compromisso de cuidar de mais um cachorro? Além do mais, eu ia ter que ficar com a chave do seu apartamento, e isso ia aumentar ainda mais a responsabilidade, e não sei o que mais...
- Eles têm razão.
- Por quê? Que diferença faz eu sair com um cachorro ou com dois?

– Mais ou menos a diferença de sair com um ou dois namorados; sem querer dizer com isso que seus namorados latem e abanam o rabo.

– Espinosa, estou falando sério.

– Eu também. Além do mais, eles têm razão quanto à chave do apartamento.

Não estavam de braços dados, como de costume. Alice precisava dos dois braços para gesticular, e em certos momentos andava de costas à frente de Espinosa para melhor argumentar olhando-o nos olhos. Estava a ponto de chorar quando passaram pela esquina da delegacia.

– Não vamos encerrar o assunto agora – disse Espinosa. – Vizinho ainda não foi desmamado, temos tempo para conversar com calma, não comece triste o seu dia. Boa aula.

Alice recebeu os beijos com a face úmida das lágrimas que começavam a correr, e tudo o que Espinosa não queria era que ela viesse a sofrer por causa dele. Sabia, porém, que na idade dela o ser humano normal já acumulou sofrimentos suficientes para alimentar várias tragédias gregas.

No seu gabinete, antes mesmo que ele tirasse o paletó, o telefone tocou. Era Gabriel.

– Bom dia, delegado. Recebi seu recado, mas ontem cheguei em casa muito tarde, só agora estou podendo responder.

– Continua voltando a pé para casa?

– Me faz bem.

– Tenho notícias para você.

– É?

– Encontramos o argentino. Estive com ele domingo à tarde.

– Encontrou?

– Realmente, ele não foi invenção sua. Existe de fato. O que você talvez tenha exagerado foi a importância da previsão.

– Então ele confirmou a previsão? Espinosa fez um resumo da conversa, salientando o motivo que levava o argentino a fazer a previsão.

– Como você pode ver, tudo não passou de uma brincadeira de mau gosto. Se quiser, podemos marcar um encontro para ele desfazer esse mal-entendido.

– Gabriel, está me ouvindo? Gabriel...

– Não quero falar com ele. Tudo, menos uma brincadeira. O mal está feito. Uma brincadeira... Não aceito... Agora não adianta mais...

– A voz estava transtornada.

– Gabriel, de onde você está falando?

– Do trabalho.

– Me espere na portaria daqui a quinze minutos.

O prédio ficava a poucas quadras da delegacia. Não precisava ter dito quinze minutos, podia tê-lo mandado descer imediatamente. Chegou à portaria do prédio antes dos quinze minutos. Gabriel estava à espera.

– Seu aspecto não está dos melhores.

– Não tenho dormido bem. O que o argentino falou para o senhor?

– Conversamos durante pouco tempo. A mulher dele também estava.

– Ele foi à delegacia?

– Vamos conversar em outro lugar, aqui tem muita gente passando.

O prédio da firma onde Gabriel trabalhava ficava na avenida Copacabana, a pouca distância da avenida Atlântica. Pegaram a primeira transversal e andaram na direção da praia. Durante o percurso, nada foi dito. Assim que desembocaram na avenida Atlântica, o choque provocado pela imensa massa azul à frente retirou-os dos respectivos silêncios. Foi Espinosa quem retomou a palavra. Contou como haviam chegado ao argentino a partir da

informação da funcionária do Hospital do Câncer responsável pela recreação infantil, e da estratégia utilizada para a realização do encontro com ele na lanchonete. Em seguida reproduziu, omitindo alguns detalhes, a conversa com o argentino, dando destaque à afirmação de que o vaticínio não passara de uma provocação, uma brincadeira de mau gosto. Enquanto ouvia o relato, Gabriel movimentava as pernas, olhava para os lados, enfiava seguidamente a mão no bolso do casaco. Quando Espinosa terminou o relato, os olhos de Gabriel estavam vermelhos.

– Delegado, o que está me fazendo mais mal é precisamente ele ter dito que foi uma brincadeira. Durante todo este ano vivi num inferno. As coisas perderam o sentido, minha casa, meu trabalho, minhas amizades, meus projetos, tudo, absolutamente tudo perdeu o sentido em função do vaticínio, e agora vem esse sujeito dizer que não passou de provocação, de brincadeira? Agora não faz mais diferença. O mal está feito. Se ele queria me provocar, conseguiu. Não adianta mais dizer que foi brincadeira. A brincadeira virou verdade.

– Por que você diz isso? Você matou alguém?

– Porque o sofrimento que ele causou foi verdadeiro. Dizer agora que tudo não passou de brincadeira não desfaz esse sofrimento nem refaz minha vida durante esse ano. Quando passamos meses e meses, dia após dia, pensando o tempo todo nisso que ele chamou de brincadeira, a brincadeira vira verdade.

– Você não acha que falar com ele pode aliviar um pouco?

– Obrigado, delegado. Como eu já disse, o mal está feito. Agradeço a paciência que o senhor teve comigo e a ajuda que prestou. É melhor nos despedirmos. Preciso voltar ao trabalho. Não há mais razão para eu recorrer ao senhor.

Espinosa ficou olhando ele se afastar até sumir na multidão. Perdera, de uma hora para outra, o jeito de rapaz desprotegido, mas não adquirira, em troca, feição de homem. Transformara-se num ser anômalo. O delegado girou o corpo, voltando-se para o mar. Havia um pouco de vento e as ondas estavam de bom tamanho, pouca

gente na areia e ninguém na água. Ficou algum tempo contemplando o mar.

4

– Provação... brincadeira... As pessoas não são brinquedos. É preciso ser um psicopata para jogar dessa maneira com a vida de outra pessoa. Um sujeito capaz de brincar com a alma dos outros tem que ser punido. Como posso ter certeza de que foi uma brincadeira? Ele pode ter dito isso para ficar livre do delegado. Um sujeito surge do nada, faz uma predição terrível, depois desaparece durante um ano, sem deixar vestígio, e reaparece elegantemente vestido, esnobe, superior, dizendo que tudo não passou de brincadeira, e o delegado quer que eu acredite nesse desmentido?

– Era um disfarce, meu filho.

– Disfarce de quê, mamãe?

– Do Malévolo.

– Mamãe, lá vem você com essa história de possessões e demônios.

A conversa com Espinosa pela manhã provocara uma espécie de suspensão emocional. Sentia-se como se lhe tivessem retirado todo o sangue. O pensamento era frio como um bloco de gelo, embora não necessariamente menor ou pior do que sempre fora. Apenas podia refletir sem ser tomado pela emoção. Pela primeira vez nos últimos dias, voltara para casa de condução. De ônibus. Ainda não se sentia pronto para utilizar o metrô. Como das outras vezes, quando chegou em casa a mãe estava à espera na janela.. A conversa que travavam na pequena mesa da cozinha era como uma continuação, sem interrupção, da conversa da véspera.

– A descrição que você fez se encaixa perfeitamente num dos disfarces utilizados por ele. Aliás, seus disfarces preferidos são os de homem ou mulher bonitos, elegantes e sedutores.

– Mamãe, por favor, ele é um psicopata, um perverso, não tem demônio nenhum.

– Você pode dar o nome que quiser, eu digo que ele age pelo mal e suas aparições são sempre enganosas e cativantes; é assim que ele se apossa da sua alma sem você nem desconfiar; ele joga com sua fé e faz com que você creia que ele é a verdade.

–Você anda conversando demais com padre Crisóstomo.

– Padre Crisóstomo é um fraco, sua fé é a fé dos acomodados.

Gabriel estava verdadeiramente assombrado com a mudança operada na mãe. Nunca a considerara fraca e submissa, mas ela jamais revelara a disposição guerreira e a determinação para a luta contra um inimigo que ela mesma afirmava ter mil faces, como revelava naquele momento. Pensou se não estaria, ela sim, tomada por um delírio religioso.

– Mamãe, não podemos simplesmente eliminar o argentino! Ele não fez nada.

– Como não? Você não percebe que a previsão que ele fez é verdadeira? Você de fato pode matar uma pessoa até a data do seu próximo aniversário, e essa pessoa pode ser você mesmo.

– Não pretendo me matar.

– Ótimo. Vamos, então, impedir que alguém te mate.

Não tinham terminado o jantar, a conversa ocupara todo o tempo, e ambos olhavam para os pratos como se deles viesse a solução para o problema. Terminaram de comer em silêncio e D. Alzira levantou-se para lavar a louça. Gabriel estava perplexo com a disposição física daquela mulher pequenina e magra, cujas forças haviam adquirido proporções bíblicas.

– Cuidado com as mulheres – disse ela, quando o filho ia se retirando –, das formas assumidas por Satanás, elas são a mais poderosa.

Gabriel não dormiu logo em seguida, ficou deitado com o quarto iluminado pela luz da rua que passava pelos pequenos quadrados de vidro da janela. A conversa com a mãe provocara um sentimento de

bem-estar que havia muito não sentia. Sabia que era passageiro, que não duraria até a manhã seguinte, mas mesmo assim era agradável. Guardou o revólver debaixo do colchão e tirou a roupa para dormir. Foi quando a imagem de Olga nua no hotel ressurgiu inteira na lembrança. Teve uma ereção. Agora é tarde. Era para ter ficado duro no hotel, com Olga. Agora não adianta mais, ela se foi. Teve o fim que merecia. Masturbou-se pensando no corpo nu de Olga. Masturbou-se uma segunda vez, pensando no corpo nu de Olga estirado no trilho do metrô.

PARTE V

1

Espinosa não queria trazer o caso da morte de Olga para sua delegacia, preferia que o delegado da 19ª DP conduzisse as investigações. Por outro lado, dispunha de dados de que seu colega da Tijuca não dispunha: para ele a morte da moça na linha do metrô era um fato isolado, sem ramificações com nenhum outro fato ou pessoa. O caso não despertara a atenção da mídia, e a companhia do metrô fizera com que a notícia não adquirisse um tom sensacionalista. Tudo levava a crer que a morte da moça fora acidente, e o caso caminhava rápido para a conclusão e o arquivamento. Espinosa não estava interessado nos trâmites do processo na delegacia da Tijuca, mas em chegar à verdade sobre a morte de Olga. Não acreditava em acidente, acreditava menos ainda na hipótese de suicídio; ninguém se mata atirando-se de costas na linha do trem. Restava a hipótese de assassinato, na qual apenas Irene acreditava, e não apenas acreditava como apontava o criminoso. O que não podia deixar de levar em conta era o fato de a única defensora da hipótese ser uma pessoa com envolvimento afetivo intenso e duradouro com a vítima, uma relação que fora rompida e estava sendo retomada no momento da morte, fazendo-a desejar a todo custo um culpado para ser punido. Uma coisa porém parecia razoável admitir: a série dos acontecimentos envolvendo Gabriel, Hidalgo e Stella nada tinha a ver com a série envolvendo Gabriel, Olga e Irene; a única coincidência era Gabriel, como ponto de interseção das duas séries – o que não devia ser desprezado.

– Welber, quero o argentino e a mulher aqui amanhã, de preferência antes do meio-dia. Apresente a coisa em termos de convite, não de intimação. Se ele recusar, intime de forma persuasiva.

– Trago a moça também?

– Claro! Não se iluda com o silêncio dela, ela é tão esperta quanto ele. Quero também que você me faça um favor. Não é oficial. Quero que siga Gabriel depois que ele sair do trabalho. Pelo menos hoje e amanhã. Tome cuidado, pois ele te conhece.

O passo seguinte na sequência de medidas que resolvera tomar foi deixar um recado na secretária de Irene, um recado cuja resposta obteve somente à noite, em seu apartamento.

– Olá, teremos mais chope? – foi logo perguntando Irene.

– Infelizmente não, pelo menos não esta noite.

– Você vive em estado permanente de trabalho?

– Não trabalho tanto quanto você pensa. Nas noites em que saímos juntos eu não estava trabalhando.

– Ainda bem, porque eu também não estava.

Espinosa ainda não se acostumara com as respostas de Irene.

– Você se incomoda de eu lhe fazer algumas perguntas por telefone?

– Preferia que fosse pessoalmente, mas não tendo escolha, tudo bem. O que você quer saber?

– O que Olga comentou sobre Gabriel.

– Não foi muito. Disse que era colega de trabalho, que era um bom sujeito, bonito e charmoso, comunicativo, pelo menos com ela, que era o único sujeito na empresa com quem ela transaria, mas que ele era muito tímido e que tinha uma mãe viúva e muito controladora, mas que apesar disso tentaria comê-lo.

– E conseguiu?

– Acho que não, teria comentado comigo.

– Houve alguma coisa entre você e ele?

– Além do ódio à primeira vista?

– Houve isso?

– Da parte dele, certamente. Acho que brigou com Olga por minha causa.

– Por quê?

– Por causa do ódio que sentiu por mim. Não sei bem o que houve, mas acho que ele não gostou de Olga ter me chamado para o encontro que tivemos na delegacia.

– Você sabe a razão?

– Ele achou que eu estava desviando sua atenção para mim. O que era verdade. Eu estava achando aquilo tudo uma bobajada.

– Ele chegou a falar alguma coisa a você?

– Ele nunca me dirigiu a palavra.

– O que você disse sobre ele ter causado a morte de Olga foi dito com algum fundamento, ou foi resultado do choque emocional?

– Não foi com fundamento, mas também não foi sem fundamento. Cá entre nós, Espinosa, nós dois sabemos que ela não se matou; sabemos também que a hipótese de acidente é logicamente possível mas altamente improvável. Resta o assassinato. Qualquer pessoa viva tem alguém que já desejou a sua morte. Se essa morte é consumada, cabe-nos procurar essa ou essas pessoas e verificar seus álibis. No caso da morte de Olga, Gabriel tinha, pelo menos, as condições ideais de execução.

– Quanto às condições eu concordo, mas falta o motivo. Pelo que ele me disse, tinha todos os motivos para preservá-la, e não para matá-la.

– A não ser por frustração.

– Como?

– Pela certeza absoluta de não conseguir tê-la como mulher.

– Por que você está dizendo isso? Ela comentou alguma coisa a respeito?

– Não. Pura intuição feminina. A única coisa que ela comentou foi que ele era muito tímido sexualmente; que apesar de ela ter dado várias dicas, ele jamais havia tentado nada, nem a mão dela ele segurou.

– Se todos os tímidos cometessem assassinato...

- Não são vocês mesmos que dizem: mata-se por dois motivos, sexo e dinheiro?
- Mais ou menos isso.
- Então, meu caro, ele é carente dos dois.

2

– Da próxima vez, vou de bicicleta. Andei quase três horas.

– E?

– E nada. Ele é um errante. Parece que estabelece um destino que é a casa dele, mas seu caminhar não obedece inteiramente a esse destino, parece pouco se preocupar em chegar ou não; acontece de ele voltar sobre os próprios passos sem motivo aparente; encomprida o percurso, anda em círculos, atravessa a rua e volta à calçada anterior sem nenhuma razão; enfim, seu andar é louco, demorou quase três horas para cobrir uma distância que poderia ser percorrida em menos de uma hora. Não parou em lugar nenhum, não encontrou ninguém, não se comunicou com ninguém por telefone ou qualquer outro meio; não parou para tomar água, para um cafezinho, para ir ao banheiro, nada. Duas coisas me chamaram a atenção. Uma foi o fato de ele raramente tirar a mão direita do bolso do casaco, e, nas poucas vezes em que o fez, percebi que o bolso estava deformado pelo peso de algo que eu seria capaz de apostar meu próximo salário que é uma arma; a outra coisa foi que em vários momentos ele me deu a impressão de estar chorando. Outro detalhe: mesmo que eu pusesse um batalhão atrás dele, ele não ia notar.

– Siga-o de novo, hoje. E não acredite na distração dele. Um sujeito que anda o tempo todo empunhando uma arma no bolso do casaco não deve ser tão distraído quanto você imagina que ele foi. A distração pode não ser distração.

– E quanto à possibilidade de ele estar armado?

– Não faça nada, por enquanto. Até porque pode ser um tique nervoso e ele estar segurando um objeto inofensivo. Outra coisa, o argentino deve estar chegando, quero que você o interrogue antes de eu falar com ele. Ameace-o com crime de estelionato. Não

importa se temos ou não provas, sendo estrangeiro, vai ficar assustado.

Apesar de nada ligar diretamente o argentino à morte de Olga, Espinosa achava no mínimo uma coincidência estranha a morte e o vaticínio feito por ele. Claro que para tudo fazer algum sentido faltava caracterizar a morte dela como assassinato e estabelecer um nexo entre Gabriel e o assassinato.

Eram onze e meia quando Welber voltou à sala de Espinosa.

– Estou há quase uma hora com o casal. Não são fáceis. Ele é arrogante e não se deixa intimidar. Acho que está na hora de você aparecer.

Hidalgo e Stella estavam numa sala pequena com uma só janela fechada. Na sala, apenas uma mesa retangular sem gavetas e quatro cadeiras, duas delas ocupadas pelo casal. Sobre a mesa, dois cinzeiros. Havia ainda um velho arquivo para o qual não havia lugar nas outras dependências do velho prédio. Quando Espinosa entrou, acompanhado por Welber, o argentino olhou para o delegado sem levantar nem fazer um gesto de cumprimento. Esperou que Espinosa assumisse o interrogatório.

– Parece que a conversa com o detetive Welber não foi muito esclarecedora.

– Delegado, há uma série de equívocos que seria bom eliminar antes de o senhor continuar isso que vocês chamam de conversa e que não é conversa, é interrogatório. Não fui convidado para um encontro social, mas intimado a comparecer para prestar esclarecimentos sobre fatos que, segundo pude depreender das palavras do detetive Welber, são bastante nebulosos. Além do mais, não sou estrangeiro como vem afirmando seu auxiliar, e muito menos argentino. Sou chileno de nascimento e naturalizado brasileiro. Finalmente, sou professor universitário e não vou me intimidar com as ameaças infantis feitas pelo detetive.

Espinosa ia começar a responder, quando Stella falou. Ele ficou surpreso porque nunca tinha ouvido o som da voz da moça, que foi incisiva.

– Delegado, Hidalgo é uma pessoa iluminada, um predestinado. Nada, vindo de vocês, é capaz de atingi-lo.

– Não queremos atingir nenhum dos dois; ao contrário, vocês é que estão sendo acusados de atingir pessoas inocentes e fragilizadas pelo sofrimento. Quero esclarecer, antes de vocês continuarem com essa encenação de superioridade, que o que estão fazendo caracteriza crime de estelionato, e a pena é de um a cinco anos de prisão, além de multa. Agora, se estiverem dispostos, podemos continuar a conversa. Quando, e se, a conversa virar interrogatório, vocês vão perceber de imediato a diferença.

Espinosa sabia que dispunham de muito pouco para pressioná-lo, e Hidalgo também sabia; por outro lado, o delegado não estava nem um pouco interessado nas atividades filantrópicas do outro nos hospitais, mas em sua relação com Gabriel, se é que havia alguma além do encontro no restaurante. O encontro prosseguiu por mais uma hora, sem que Hidalgo ou a companheira diminuíssem minimamente suas resistências. Pelo menos uma coisa Espinosa considerou como praticamente certa: não havia nada entre Hidalgo e Gabriel além do encontro na comemoração de aniversário. Outra certeza foi a de que, contrariamente à representação que Stella fazia de Hidalgo, ele não tinha o dom da vidência. Os dois foram dispensados. Espinosa considerou que, apesar da arrogância, o susto seria suficiente para arrefecer os ímpetus divinatórios da dupla.

3

Assim que o filho saiu para o trabalho, D. Alzira deu início à busca. Sentira, ao esbarrar no casaco do filho, um objeto duro e pesado no bolso externo. Seu falecido marido tinha uma arma dentro de uma sacola de pano guardada no armário e por várias vezes ela fora obrigada a movê-la de lugar para arrumação e limpeza. Seria capaz de jurar que aquilo que o filho tinha no bolso

do casaco era um revólver. Não falara nada na hora porque o filho nos últimos dois dias se reaproximara dela, e não queria provocar novo afastamento. Não percebera o mesmo volume pela manhã. Teria até a tarde para vasculhar o quarto. Na verdade não procurava a arma, procurava a confirmação de que ele estava tramando alguma coisa que pudesse colocar sua vida em risco.

O quarto era pequeno e conhecido, a busca não seria demorada. Em menos de meia hora D. Alzira vasculhara os lugares mais óbvios: debaixo do colchão, dentro das gavetas e por trás das roupas do armário. Sabia, porém, que o filho escolheria um lugar de difícil acesso que a obrigaria a usar uma escada, e esse lugar eram as prateleiras mais altas da estante. Não encontrou o revólver, mas encontrou a caixa de balas; e ninguém esconde uma caixa de munição atrás dos livros da prateleira mais alta do quarto se não estiver também escondendo, provavelmente junto ao próprio corpo, a arma.

Os dois últimos dias foram de grandes aborrecimentos para Espinosa. Os jornais davam destaque à morte de uma prostituta num apartamento situado a poucas quadras da delegacia. O fato não mereceria uma linha sequer nos jornais se o corpo não tivesse, cravado no peito, um furador de gelo com um bilhete e a frase "Para todas aprenderem a fazer o dever de casa"; e a notícia que circulava de boca em boca entre as colegas da morta era que aquilo era um recado de quem controlava a prostituição na área – e todos sabiam que era um policial da delegacia de Espinosa. Os jornais não nomeavam o policial mandante do crime, mas deixavam bem claro que sabiam quem era e pediam uma investigação rigorosa para apurar responsabilidades.

– O que você está pensando fazer?

– Instaurar um inquérito para apurar.

– Vai dar trabalho.

– Sei, mas não posso acobertar uma coisa dessas. Como foi a campana de ontem?

– Durante um certo tempo foi como a anterior, mas desta vez aconteceu uma coisa que me pegou de surpresa. Num certo momento, sem mais nem menos, ele fez sinal para um táxi que passava e me deixou na rua. Não havia nenhum outro táxi por perto. Não sei se foi uma forma de despiste ou um desses comportamentos estranhos que ele costuma ter. Em nenhum momento olhou para trás para verificar se estava sendo seguido. Por outro lado, a entrada no táxi foi de modo a não dar chance de alguém ir atrás.

– Mantenha a campana hoje. Tire as manhãs para descansar. Na minha opinião ele percebeu que estava sendo seguido. Não se esqueça de que ele está imbuído da ideia de que vai matar alguém, pode achar também que estão querendo matá-lo. Se sua hipótese de ele estar armado for verdadeira, ele pode querer fazer uso da arma. Não se exponha. Não quero te ver ferido de novo.

4

Nove horas da noite. Espinosa preparara e estava saboreando um sanduíche de presunto defumado e queijo, reminiscência da única viagem a Paris, mas por mais que trocasse o pão e a marca do queijo e do presunto, o sanduíche nunca ficava igual ao original. Verdade que perdera o poder de comparação, haviam sido tantas as tentativas e tantas as comparações que ele já não sabia como era o original. O que mais se aproximava da experiência primordial era o vinho. No decorrer da noite, com a ajuda de alguns sanduíches, tomou toda a garrafa, o que teve como efeito um sono impossível de ser interrompido por telefonemas, quaisquer que fossem. Somente no dia seguinte, ao ouvir os recados na secretária, deu-se conta de que a noite fora movimentada. As gravações diziam apenas quem era, e que precisava falar com ele urgentemente. Os recados eram quase todos de Welber, em horas diferentes, e do detetive de plantão da 10ª DP, do bairro de Botafogo.

Enquanto tomava café, tentava falar com Welber. Conseguiu, depois de algumas tentativas.

– Desculpe, Welber, mandei você tirar a manhã para descansar e sou o primeiro a te acordar.

– Não tem problema, eu já estava acordado. Antes de você, tocaram duas vezes.

– Fui eu. O que aconteceu ontem à noite?

– Melhor conversarmos pessoalmente. Passo na sua casa daqui a uma hora.

Terminou o café. Mesmo com o tempo gasto tomando banho, fazendo a barba e se vestindo, ainda leu quase todo o jornal até Welber chegar. O detetive não quis subir para tomar café, preferiu tentar algum bar no caminho da delegacia.

– Telefonei para você várias vezes durante a noite porque o colega de plantão na 10ª DP estava à sua procura. A história é longa, e começa com minha campana ao rapaz. Como ontem, esperei ele sair do trabalho e fui atrás. Ele fez o mesmo percurso de ontem até Botafogo. Quando passou pela estação do metrô, em vez de continuar ele entrou e desceu as escadas; esperei que acabasse de descer e o segui. Quando cheguei à plataforma de embarque, ele não estava lá. Procurei por toda a estação e nem sinal dele, e não tinha saído nenhum trem. Foi quando me dei conta de que ele tinha me enganado de novo; enquanto eu esperava e descia a escada, ele deve ter subido pela outra e desaparecido. Até aí, nada de mais, a não ser o fato de ter me feito de idiota. Por volta das onze da noite eu estava me preparando para dormir quando tocou o telefone. Era da nossa delegacia. O plantonista dizia que o delegado de plantão na 10ª DP estava à sua procura porque tinha havido um homicídio e a mulher do morto gritava que você tinha mandado matar o cara. A mulher era Stella. Quando os dois chegaram em casa, às nove e pouco da noite, Hidalgo foi abrir a janela da sala para arejar o apartamento e levou um tiro no rosto. O assassino estava do lado de fora, numa passagem lateral que dá acesso aos medidores de luz e gás, mas que não leva a lugar nenhum. Pelo relato de Stella, o

assassino atirou e saiu pelo portãozinho que dá para a rua, ela não conseguiu ver nada, até porque estava apavorada, com Hidalgo estendido no chão de rosto ensanguentado. Por ser no térreo, as janelas do apartamento são gradeadas, o que não impediu o assassino de atirar. A janela fica quase no mesmo nível desse corredor lateral. Quando os policiais da 10ª DP chegaram, ela começou a gritar que o delegado Espinosa tinha feito aquilo. Claro que eles não acreditaram, mas começaram a te procurar para saber do que se tratava. Não falei nada da minha campana, nem ninguém sabia na delegacia, já que não era oficial; de modo que ninguém pode estabelecer a menor relação entre o assassinato e Gabriel.

Continuaram a andar, passaram pela delegacia e não pararam. Foi Espinosa quem falou.

– O intervalo entre o desaparecimento de Gabriel no metrô e a morte de Hidalgo...

– Dá com folga. Gabriel sumiu por volta das oito, Hidalgo morreu às nove e dez, segundo Stella. Assim que pude, fui ao prédio onde Gabriel mora. No apartamento, todos já estavam dormindo. Consegui falar com o porteiro, que ainda estava acordado, vendo televisão. Ele disse que Gabriel tinha chegado em casa entre nove e meia e dez da noite. Não sabia a hora exata. O turno dele vai até as onze, não estava preocupado com a hora quando viu Gabriel chegar. Nada mais. Ainda não falei com Gabriel nem com a mãe, achei melhor falar com você primeiro. Vamos tomar um café? Entraram num dos poucos bares de Copacabana que resistiram à onda das lanchonetes e onde ainda é possível pedir café com pão e manteiga sem ser de pé num balcão. O tempo se firmara, prometendo mais uma sequência de dias azuis.

– Fiquei preocupado com o teor das declarações feitas por Stella à turma da 10ª DP. Não sei se ela contou a entrevista que eles tiveram conosco, nem se fez alguma referência a Gabriel; só sei que gritava que era você o responsável pela morte do companheiro. Quando cheguei, o depoimento já tinha terminado.

– Se ela está me culpando, é sinal que não estabeleceu relação entre Gabriel e a morte do argentino.

– E você acha que pode ter sido ele?

– Pelo seu relato, é cronologicamente possível. Entre o momento em que você se perdeu dele na estação do metrô e a hora presumível em que ele chegou em casa, poderia ter dado o tiro no argentino.

– Chileno.

– Que seja.

– Você não acha que seria muita displicência ele matar o sujeito que nós sabíamos que ele odiava, justo no dia e na hora em que o estou seguindo?

– Ele pode ter jogado com isso: Vocês acham que eu seria estúpido a ponto de matar o cara nessas condições? Seria melhor eu chamar a polícia para servir de testemunha do crime. Ao que poderíamos responder: E não foi o que você fez? E ele retrucaria: Por que eu faria isso? Nós: Porque você poderia argumentar que não seria possível matar o cara sendo seguido o tempo todo pelo detetive Welber. Ao que o detetive Welber retrucaria: Não o tempo todo, você desapareceu a partir do momento em que desceu as escadas da estação. E ele: Não desapareci, você é que me perdeu, peguei o metrô e fui para casa jantar.

– Vamos passar na delegacia, preencher um mandado de busca e passar no apartamento do nosso amigo no Flamengo. Não acredito que ele seja estúpido a ponto de dar um tiro na cara do inimigo declarado e guardar a arma do crime na gaveta da mesinha de cabeceira.

– Se não é estúpido, pode ser louco; e louco...

– ...também mata.

Eram dez e quarenta da manhã quando D. Alzira abriu a porta do apartamento. Um dos homens à sua frente ela reconheceu como o que vira pela fresta da veneziana do quarto, na noite anterior, conversando com o porteiro da noite, na calçada em frente à portaria. Não conseguira distinguir o que diziam porque a janela de vidro estava fechada.

– Dona Alzira, estes senhores são da polícia, querem falar com a senhora.

– bom dia, dona Alzira, sou o delegado Espinosa, da 12ª DP, e este é o detetive Welber. Temos um mandado de busca e apreensão para revistar seu apartamento, principalmente o quarto do seu filho.

– Mas ele não está em casa, está trabalhando.

– Talvez seja melhor assim. Não se preocupe, seremos cuidadosos.

– O que estão procurando?

– Uma arma.

– Meu filho não tem arma. Nunca teve. É uma pessoa pacífica.

– Nesse caso a busca vai confirmar o que a senhora está dizendo.

– Por que estão procurando uma arma? Gabriel fez alguma coisa?

– Ainda não sabemos.

A revista no quarto de Gabriel foi minuciosa. Nenhum espaço onde pudesse caber uma arma deixou de ser examinado. Procuraram locais ocultos nas paredes e no chão, por dentro e por fora do armário embutido, no lustre, por detrás de cada livro da estante, verificaram os próprios livros, na expectativa de algum ser falso. Em seguida revistaram o banheiro, a sala, a cozinha, e por último o quarto de d. Alzira. Quando se despediram da senhora, quase duas horas depois, tinham certeza de não haver nenhuma arma de fogo escondida no apartamento.

– Nem estúpido nem louco – disse Welber, assim que chegaram à calçada.

- Resta a possibilidade de estar com ele.
- Ou de ter jogado em alguma lata de lixo pelo caminho.

– Vá ao trabalho dele e verifique se ele está com a arma. Se estava andando com ela, pode ser que ainda esteja. A essa altura a mãe já deve ter telefonado dizendo que revistamos o apartamento. De qualquer maneira, se não saiu do prédio onde trabalha e se foi para lá com o revólver, ainda está com ele.

- E se estiver?
- Prenda-o.

Gabriel não saíra para almoçar e mal conseguira realizar as tarefas mais mecânicas desde que o detetive fora embora, depois de revistá-lo e revistar sua sala.

Conduzira-se durante toda a tarde como um autômato, embora as ideias lhe queimassem o cérebro e o funcionamento dos órgãos internos parecesse obedecer a comandos múltiplos e desencontrados. O mal-estar provocado pela presença do policial disseminou-se rapidamente por todo o ambiente de trabalho. Alegando não ter saído para almoçar e não estar se sentindo bem, foi para casa mais cedo. Ao contrário do que vinha fazendo, pegou o primeiro ônibus e em menos de vinte minutos entrava em casa.

- O que houve, mamãe?

– O que houve pergunto eu. O que você fez, para que dois policiais entrassem aqui com um mandado e virassem o apartamento de pernas para o ar à procura de uma arma? Gabriel ignorou a pergunta da mãe. Enquanto tirava o casaco e se dirigia para o quarto, queria saber o que eles tinham perguntado e o que tinham encontrado.

- Não encontraram nada.

– Você não disse que examinaram cada centímetro do meu quarto?

– E foi mesmo. Tiraram todas as roupas do armário e todos os livros da estante.

- E?

– E nada. Já disse.

Gabriel olhou perplexo para a figura miúda emoldurada pela porta, depois para a estante de livros, e passou a mão pelos cabelos, procurando entender o que se passara.

– Se você está preocupado com a caixa de balas, eu já tinha sumido com ela. Como eu já disse, eles não encontraram nada. Saíram daqui pedindo desculpas pelo transtorno.

– Você o quê?

– Sumi com a caixa de balas. Você acha que eu sou tola?

– Como você sabia da existência dela?

– Meu filho, você acha que pode fazer alguma coisa que eu não saiba? Eu te conheço até onde é possível um ser humano conhecer outro. Sou capaz de antecipar atos seus que você nem chegou a pensar claramente. Não precisa me esconder suas intenções, estou nessa luta com você desde que ela começou, e vou até o fim.

– Obrigado, mamãe.

– Não há risco de encontrarem as balas.

– O que você fez com elas?

– Embrulhei em papel laminado e botei no congelador, junto com a comida congelada. Virou um bloco de gelo. Eles olharam no congelador, mas estavam procurando um revólver, e não balas. Podemos ficar tranquilos. Vou preparar nosso jantar. Quando tudo isso tiver terminado, vamos jantar num restaurante. Melhor ainda: vamos comemorar seu aniversário num restaurante. Sem vidente.

Gabriel não fez nenhum comentário. A mãe retirava pratos da geladeira, botava uma chaleira para ferver e ligava o forno. A mobilidade ágil da mãe contrastava com a imobilidade do filho, de pé na soleira.

– Como você consegue adivinhar o que vou fazer? Como sabia que eu tinha escondido a caixa de balas na última prateleira da estante?

– Não adivinho, simplesmente percebo que você vai fazer alguma coisa. Posso não saber o que você vai fazer, mas sei que vai fazer algo. Não adivinhei que a caixa de balas estava lá, percebi que você estava me escondendo alguma coisa e calculei que esconderia no seu quarto e num lugar de difícil acesso para mim. Foi fácil chegar lá. Não esperava encontrar uma caixa de balas de revólver.

– Isso me assusta.

– Isso o que, meu filho?

– Essa transparência. Como se você visse as ideias na minha cabeça.

– Mas é como se eu visse, meu querido. Sou sua mãe. Você veio de dentro de mim. Durante nove meses, carreguei você dentro da minha barriga. Você nem precisava respirar, eu respirava por você. Assim como você viveu dentro de mim, posso ver dentro de você.

– Eu queria saber se não foi essa transparência que fez o argentino ver dentro de mim. Um vidente é isso, alguém que vê dentro da gente. Ele não é um adivinho, simplesmente vê. Tem pessoas que são mais transparentes. Devo ser uma delas.

– Ninguém mais pode ver dentro de você. Ele não é sua mãe, não pariu você; não passa de um estrangeiro salafrário querendo tirar proveito dos outros. Ele mesmo não disse que tinha sido uma brincadeira?

– Ele mentiu. Disse aquilo para se proteger.

– As pessoas não veem dentro umas das outras, meu filho. Mesmo eu, não sou capaz de saber o que você está pensando. Acontece que sou sua mãe e cuido de você há quase trinta anos. Vivemos mais tempo juntos do que vivi com seu pai.

Gabriel continuava de pé na soleira da porta, duro como um boneco. A única parte dele que se movia era a cabeça, acompanhando os movimentos da mãe dentro da cozinha.

– Por que, quando você encontrou a caixa de balas, não falou comigo?

– Porque se você tinha escondido de mim, era porque não queria que eu soubesse; mas principalmente porque você não queria falar comigo sobre o assunto. E acho que continua não querendo.

Gabriel silenciou. Durante o jantar, manteve-se pensativo. Esperou a mãe começar a lavar a louça.

– Por que eu não consigo me lembrar da morte do meu pai?

– Isso acontece com algumas pessoas. Esquecem as coisas muito chocantes, assim a dor é menor.

– Você não esqueceu.

– Eu era adulta. Você era uma criança.

– Quem descobriu que ele tinha morrido?

– É a segunda vez, nos últimos dias, que você me pergunta sobre a morte do seu pai. Por que esse interesse, de repente? Já conversamos sobre isso.

– Preciso saber essas coisas. Quem descobriu que ele tinha morrido?

– Fui eu, quando cheguei em casa.

– Você não estava em casa quando ele morreu?

– Não. Eu tinha saído para fazer compras no supermercado.

– E eu, estava em casa?

– Estava. Quando saí, seu pai estava no banho.

Como vinha acontecendo, Gabriel custou a dormir.

6

Os fins de semana não eram vistos com simpatia por Espinosa, exceção feita para as manhãs de sábado, quando lia com mais vagar os jornais e prolongava o café: tomava duas ou mais xícaras e consumia o dobro de torradas dos demais dias. Era também quando dedicava atenção ao apartamento, o que não significava fazer alguma coisa no sentido de alterar seu estado, mas acumular promessas de realizações futuras. Os livros, mais do que qualquer outra coisa, eram alvo de sua atenção. A pequena estante que antes havia na sala fora embora junto com a mulher e o filho, com o fim do seu casamento. Desde então, protelava a construção de outra estante – em parte por economia, mas sobretudo porque achava cada vez mais interessante sua estante sem estante. Considerava um desafio fazê-la chegar até o teto sem que viesse tudo abaixo. Evidentemente, o ato de retirar um livro da pilha era bem mais arriscado do que acrescentar um aos já existentes. Mas, sem dúvida, era uma obra a ser admirada nas manhãs de sábado.

Alice trocara de sábado para domingo as visitas a Vizinho, que já mostrava sinais de reconhecer a ambos. Seus outros irmãos corriam para eles com a mesma alegria, mas os dois achavam que Vizinho o fazia com conhecimento de causa.

Faltavam poucos minutos para o meio-dia quando Welber telefonou.

– Só estou ligando num sábado de manhã porque você pediu.

– Não tem problema. Como foi com Gabriel?

– Estava limpo. Não tinha nenhuma arma com ele, nem na sala onde trabalha. Procurei dentro das gavetas e do único armário que havia. É um ambiente de trabalho despojado, não há lugar para esconder nada. Procurei também no banheiro dos homens e no das mulheres. Nada. A menos que algum colega tenha escondido a arma para ele, ele está limpo. Verifiquei se tinha se ausentado da firma, se

tinha ido a outros andares do prédio. Nada, ele em nenhum momento passou da porta da firma para fora. Também não poderia ter jogado o revólver pela janela, ele cairia no meio da rua e alguém teria visto ele jogar. Falei que tinha seguido ele na rua na quinta-feira à noite e que ele estava com um objeto volumoso no bolso do casaco, mas ele respondeu que era um gravador. De fato, vi um gravador com fones de ouvido no quarto dele.

– E que explicação ele deu para ter desaparecido de sua vista exatamente na hora que antecedeu a morte do argentino?

– Disse que não tinha desaparecido, que simplesmente desceu as escadas da estação, tirou o blusão e ficou sentado esperando o trem. Como eu estava procurando um sujeito de blusão azul, não o teria percebido vestindo camisa branca. É uma boa desculpa. E ainda teve a coragem de dizer que se soubesse que estava sendo seguido teria me chamado para caminharmos juntos.

– A verdade é que os álibis que ele tem para as duas mortes ficam no limite, a margem de tempo é muito estreita.

– Uma coisa me chamou a atenção. Ele perdeu aquele jeito de sofredor perseguido, agora tem uma atitude que, se não é de alegria, pode ser de alívio. Isso seria compreensível a partir da morte de Hidalgo. O detalhe perturbador é que ele não sabe que Hidalgo foi morto. Só se for ele o assassino.

– É, os jornais não noticiaram a morte do vidente. Talvez o delegado de plantão na 10ª DP, quando ouviu Stella gritando que era eu o responsável pela morte do companheiro, tenha abafado o caso. Segunda-feira vou falar com ele. Também vamos conversar com Stella e Gabriel.

– Você vai abrir o jogo com os delegados da 10ª e da 19ª? Afinal, ninguém sabe da existência de Gabriel.

– Não posso protelar demais. São duas mortes, e nas duas as vítimas tinham ligação com ele. Hoje é sábado. Temos o fim de semana para pensar sobre o assunto.

Enquanto passava do congelador para o micro-ondas o espaguete que seria o seu almoço, Espinosa procurava preencher

algumas lacunas da história na qual Gabriel seria o assassino de Hidalgo. Em primeiro lugar, seria preciso que ele soubesse o endereço do outro e, com exceção de Welber e dele próprio, ninguém sabia. Em segundo lugar, teria de saber a que horas ele costumava chegar em casa, para esperá-lo de tocaia no corredor externo do prédio. Essas lacunas impediam Espinosa de informar tudo o que sabia ao colega encarregado do inquérito da morte de Hidalgo. Quanto à morte de Olga, não havia lacunas: simplesmente não se sabia nada. Os depoimentos tinham sido desencontrados a ponto de qualquer pessoa poder ser apontada como suspeita. Por outro lado, para quem é pouco inclinado a aceitar coincidências como as que ligavam as duas mortes a Gabriel, Espinosa estava se considerando tolerante demais.

A pretensão de um fim de semana com Irene se frustrou logo ao primeiro telefonema. A mensagem na secretária eletrônica informava que ela só estaria de volta na segunda-feira. Durante toda a tarde de sábado, a fantasia com Irene foi substituída por encenações imaginárias das mortes de Olga e do vidente. Os únicos personagens que mantinham papéis fixos eram os mortos, todos os demais ocuparam sucessivamente o lugar de assassino, inclusive o próprio Espinosa. Aqueles não eram exercícios lógicos, apenas construções imaginárias sem pretensão de corresponder à verdade dos fatos.

Sem Irene, o fim de semana ficara ainda mais desinteressante.

Manhã de segunda-feira. Aquela seria a última vez que marcaria encontros com Gabriel fora da delegacia. Não havia mais por que protegê-lo. Aliás, não entendia claramente o porquê daquela proteção. Ecos do filho distante, talvez. De qualquer forma, queria fazer uma avaliação do rapaz antes de submetê-lo aos interrogatórios policiais.

Como das outras vezes, aproveitaram a hora do almoço e se encontraram a meio caminho entre os respectivos locais de trabalho – e mais uma vez, assim que se encontraram, Espinosa tomou a direção da avenida Atlântica, que considerava uma espécie de pátio de manobra de suas investigações.

Até chegarem à praia, nenhum dos dois falou. Não era a primeira vez que a avenida Atlântica se oferecia como espaço para confidencias. Foi Gabriel quem rompeu o silêncio.

– Por que o senhor insistiu neste encontro?

– Para lhe dizer que Hidalgo morreu.

Espinosa pronunciou a frase olhando Gabriel nos olhos, pronto a colher o mais leve sinal de que a notícia não era novidade para ele.

– Morreu? Estavam de pé, de frente um para o outro. Gabriel deu alguns passos em direção ao banco de cimento próximo. Espinosa pensou que o gesto podia ser uma reação defensiva para ocultar uma expressão comprometedora.

– Ele está morto?

– Assassinado. Com um tiro no rosto.

– Tiro? Assassinado? Quando foi isso?

– Na quinta-feira à noite... logo depois que o detetive Welber perdeu você de vista.

– Então foi por isso que revistaram meu apartamento e foram até meu trabalho me revistar?

– Foi.

– Então eu sou suspeito dessa morte?

– A partir do que você mesmo nos contou, não acha que a suspeita tem fundamento?

– A polícia precisa de suspeitos para transformar em culpados.

– Quem gosta de culpados é a Igreja. A polícia procura criminosos.

– E o senhor acha que eu posso ser um criminoso?

– Em toda investigação, há uma fase inicial em que o número de suspeitos é igual ao número dos possíveis, o que não quer dizer prováveis.

– O que tenho que fazer para sair da lista dos possíveis?

– Tecnicamente, me fornecer um álibi irrefutável. Não tecnicamente, me convencer de que não foi você.

– O melhor que eu poderia apresentar em minha defesa é que na noite do crime eu estava sendo seguido por um detetive seu auxiliar. Seria cômico, se não fosse trágico, eu fazer um breve parêntese na perseguição para assassinar uma pessoa que vocês sabiam que eu odiava. Além do mais, se eu pretendesse matar o vidente, por que antes de cometer o crime ia procurar o senhor para falar nele?

– Na hora em que Hidalgo foi morto você não estava mais sendo seguido. Tecnicamente, entre o momento em que você sumiu no metrô e a hora em que chegou em casa houve tempo de sobra para cometer o crime. Ainda mais quando se pensa que você estava muito perto do apartamento da vítima.

– Delegado, convenhamos que não faz sentido.

– Como eu já disse, ou você me apresenta um álibi irrefutável, e você não está apresentando, ou me convence de que não foi você.

– Não gostei dele quando o conheci, mas isso não era motivo para matá-lo. Objetivamente, não podia acusar o sujeito de nada. Matar por quê? Pela previsão que ele fez, eu é que era a ameaça, não ele. E, pelo que o senhor me disse, tudo não passou de brincadeira. Por que eu ia querer matá-lo?

– E Olga?

– Olga? O que ela tem a ver com o vidente?

– Com o vidente, nada. Tem a ver com você.

– Também sou suspeito da morte dela? Isso é um absurdo.

– A morte dela foi um absurdo.

– Olga era a única pessoa com quem eu tinha uma relação mais próxima. Era minha amiga, minha...

– ...Namorada?

– Mais ou menos.

– Pelo que você me contou, ela se considerava sua namorada. Afinal, o episódio do hotel pode ser visto como um início de namoro.

– Pois então. Por que matá-la?

– Os motivos são muito complicados. Prefiro começar pelo "como".

– No momento da morte de Olga, supondo-se que ela estava pegando o metrô para o trabalho, eu também estava saindo de casa para o trabalho. Não podia estar simultaneamente na zona norte e na zona sul do Rio de Janeiro, e meus colegas são testemunhas de que cheguei no horário. Seria quase impossível jogar Olga no trilho do trem às oito e meia da manhã na estação do metrô na Tijuca e estar em Copacabana, dentro do escritório, às nove. E isso na hora do rush. E ainda por cima sem poder usar o metrô, que foi interditado por causa do acidente.

– Era só você sair da estação do metrô e pegar um táxi. Dá para fazer o percurso em meia hora. Apertado, mas não impossível.

– Delegado, o senhor disse que eu podia refutar tecnicamente as suspeitas ou convencê-lo, não tecnicamente, de que não fui o autor das mortes. Se o senhor estivesse convencido de que sou um assassino, não teria me chamado para conversar sobre o assunto aqui na calçada da avenida Atlântica, olhando o mar.

– Pode ser. Não conte tanto com a minha coerência.

– O que o senhor vai fazer comigo? Vai me convocar a depor?

– Não vou fazer nada. Os inquéritos foram abertos nas delegacias das jurisdições em que ocorreram as mortes. Não me dizem respeito. Pelo menos por enquanto.

Mais uma vez, depois de Gabriel ter partido, Espinosa permaneceu sentado no banco de cimento, de frente para o mar. Ficou observando as gaivotas voarem rente às ondas que se quebravam, como surfistas aladas num tubo, para levantar no último segundo antes de a onda se quebrar inteiramente. Os voos eram tão rasantes que frequentemente a ponta da asa tocava a água. Perdeu-se na visão da transparência verde das ondas ao se curvarem para quebrar, e lembrou-se de, quando criança, ver cardumes de pequenos peixes ondulando naquela transparência. Ficava na expectativa de aparecer um cardume mais distraído, ou uma onda

mais rápida, mas jamais viu uma onda quebrar levando os peixes de cambulhada.

No início Espinosa acreditava na inocência de Gabriel, e talvez estivesse certo, talvez ele ainda não tivesse feito nada, talvez estivesse realmente pedindo socorro e ele, em vez de ajudar, ficara esperando as coisas acontecerem. E coisas haviam efetivamente acontecido.

De volta à delegacia, enquanto almoçava um cheeseburger duplo acompanhado de um suco de laranja também duplo, telefonou para o delegado da 10ª DP. Falou da denúncia envolvendo o chileno e do encontro com ele e a mulher na lanchonete, mas não fez referência a Gabriel. Colocou-se à disposição do delegado e de Stella, caso ela insistisse na história de ele ser responsável pela morte do companheiro. Obteve em troca a informação de que a polícia vasculhara toda a área próxima à cena do crime, bem como as ruas adjacentes, à procura da arma. Tudo indicava que o assassino não se preocupava em desfazer-se dela.

Welber voltou no fim da tarde com a informação de que a turma da limpeza urbana responsável pelas ruas adjacentes ao prédio de Hidalgo não encontrara revólver nenhum nos sacos de lixo recolhidos, nem na rua. A coleta de lixo fora feita entre dez e onze da noite, logo depois do crime. Se o assassino tivesse se livrado da arma jogando-a na rua, haveria grande possibilidade de ela ser encontrada. Na manhã seguinte, depois de o dia clarear, essa possibilidade estaria reduzida a zero. Além disso, ninguém na vizinhança vira nada. A própria Stella não era capaz de dizer se o assassino era homem ou mulher, e os demais moradores do prédio, a maioria com as televisões ligadas no volume máximo, não tinham ouvido o tiro.

Sem testemunha, sem arma do crime...

Durante anos, optara por fazer as refeições fora de casa. Os motivos eram vários, sendo os principais incapacidade para tolerar uma pessoa estranha dentro do apartamento, incompetência para as artes culinárias, aversão a supermercados, e uma certa incompatibilidade com a posição de produtor e consumidor do mesmo produto. Naquela noite de segunda-feira não se dispusera a sair à procura de um restaurante, mas tampouco se animara a retirar o espaguete congelado da geladeira e esquentá-lo no micro-ondas; dois sanduíches comprados no caminho e um resto de vinho tinto fizeram as vezes de jantar. Uma das desvantagens de viver sozinho era o descuido crescente com os procedimentos rituais que cercam uma refeição. Lamentava sua dificuldade para arrumar uma mesa como se fosse para dois e em seguida sentar-se para um jantar solitário. Se era para comer sozinho, preferia fazê-lo com simplicidade.

E eram aqueles os momentos em que ficava mais sensível à falta de uma companheira. Não era saudade da ex-mulher, nem falta de uma mulher específica, era simplesmente falta de uma relação que não se esgotasse num encontro passageiro. Resistia a empregar a palavra casamento, mas era ela que aparecia sempre e juntamente com o sentimento que estava tendo naquele momento. E certamente era essa a palavra que o assustava e o fazia empurrar para um futuro não visível a decisão de assumir de forma mais perene alguma relação que surgisse. Nos últimos dias, a frequência com que se lembrava de Irene era sintoma dessa síndrome do casamento desfeito.

Passava das dez da noite. Se ela não tinha telefonado até aquela hora, não o faria mais. Sabia perfeitamente que era uma forma estúpida de lidar com o problema.

Por que, ao invés de ficar à espera de um telefonema dela, não fora ele a ligar? Por que ficar reagindo a ela, em vez de assumir a iniciativa da ação? O prato com os sanduíches, a garrafa de vinho e o copo estavam sobre a mesinha de centro, ao alcance da mão, assim como o telefone, ao lado da cadeira de balanço, onde refletia

sobre a vida. Estendeu a mão e pegou o telefone. Irene atendeu prontamente.

– Oi, querido, que bom que você ligou, eu não sabia se você dorme cedo ou se ainda dava para telefonar para a sua casa.

– Como foi São Paulo? – Fui obrigada a ficar mais tempo do que pretendia. Cheguei hoje à tarde e fui direto para o escritório. Ainda não comi nada, e você? – Estou com dois sanduíches de presunto defumado e uma garrafa de vinho tinto na minha frente, prontos para serem devorados.

– Se são dois os sanduíches, podemos dividir. Quanto ao vinho, posso levar mais uma garrafa.

Depois de desligar, Espinosa ficou ainda algum tempo sentado na cadeira de balanço, voltado para o pequeno balcão sobre a praça, olhar fixo nos prédios do outro lado, os sanduíches e o vinho intocados sobre a mesinha, à espera de Irene. Caso necessário, uma loja 24 horas não muito distante forneceria o complemento necessário ao jantar. Não foi preciso: Irene chegou munida não apenas da garrafa de vinho como de pães, frios e queijos em quantidade bastante para muitos encontros. Espinosa desceu assim que viu da janela a quantidade de embrulhos que Irene carregava ao saltar do carro. Ainda na calçada, percebeu que o rosto alegre escondia alguma preocupação. Não fez nenhuma pergunta enquanto subiam as escadas, esperou que estivessem livres dos embrulhos e pudessem se olhar de perto.

– Aconteceu alguma coisa? – Por que a pergunta? – Porque você não está conseguindo disfarçar.

– Não é nada de mais.

– Então é de menos, o fato é que você não está conseguindo esconder.

– É uma bobagem, já falei com você a respeito.

– Sobre a sensação de estar sendo seguida? – É.

– Mas nenhum carro chegou atrás do seu.

– Não é de carro. Nem sou capaz de dizer exatamente como ou quando acontece. Mas tenho a impressão, às vezes, de já ter visto um determinado rosto em diferentes lugares. O pior é que não sei exatamente que rosto. Deve ser uma percepção que se dá sem que eu me dê conta, mas que fica lá gravada. Uma espécie de rosto sem fisionomia. É uma impressão extremamente desagradável. Mas não quero que isso estrague nosso encontro.

– Ao vinho, então.

Não foi preciso muito tempo nem muito vinho para que as indecisões dos encontros anteriores dessem lugar a pequenos toques na pele, seguidos de investigações pela superfície corporal, terminando com uma mistura indiscernível de corpos.

PARTE VI

1

De pé na soleira da porta, D. Alzira olhava para Gabriel sentado na cama contando os acontecimentos seguintes à conversa com o delegado Espinosa, três dias antes, no calçadão da praia de Copacabana. À medida que ele falava ela ia se aproximando, até sentar-se ao lado dele.

– Você não acha que está na hora de juntarmos esforços, filho? Você não está envolvido numa briga pessoal, mas numa coisa muito mais ampla. O mal não ataca o mal, não há necessidade, o mal só ataca o bem, seu verdadeiro inimigo. Acontece que o bem é único e o mal é múltiplo, investe em bando, de todos os lados, direta e indiretamente, às vezes grosseiramente, às vezes de forma tão sutil que chega a se fazer passar por bem. E essa é a forma mais ardilosa do mal, fazer-se passar por bem, de tal maneira que quando a vítima percebe é tarde demais para se defender. Por isso é necessário juntarmos nossas forças.

– Posso me defender, mamãe.

– Meu filho, você não sabe de quem se defender. Não foi capaz de perceber que Olga era uma das formas do mal. Agora ela está morta. Podia ter sido você. E ainda tem essa Irene, que, por tudo o que você me disse, conseguiu seduzir o delegado. São várias as pessoas envolvidas, você não vai conseguir se proteger sozinho.

– Não quero você metida nisso, mãe.

– Já estou metida, pelo simples fato de você estar metido. Qualquer coisa que implique você, me implica também. Mesmo que você queira me deixar de fora, também sou afetada pelo que afeta você.

– Não quero te excluir, o que não quero é ver você atingida.

– Filho, guardo as marcas de todos os seus ferimentos no meu próprio corpo.

Era tarde, D. Alzira dobrava e desdobrava a toalha que forrara a mesa do jantar. Embora a conversa não fosse amena, nenhum dos dois estava tenso. Ambos falavam baixo, como se conversassem dentro de uma igreja.

A conversa terminou como começara, sem aviso. Apenas silenciaram. D. Alzira se retirou sem dizer boa-noite. Era como se continuassem a conversar, cada um em seu quarto, em silêncio.

Encolhido como estava, sentado na cama, Gabriel deixou-se tombar de lado e adormeceu. Sonhou com o pai batendo na porta, querendo sair do banheiro.

2

Embora não tivesse horário rígido de trabalho, Espinosa saía de casa diariamente à mesma hora porque achava que assim estabelecia um horário para todos os funcionários da delegacia que não estivessem em regime de plantão. E naquela manhã não fugiu à regra.

Assim que começou a descer o último lance de escada do seu prédio, deu com Alice sentada no primeiro degrau, a sua espera.

– Oi, estava esperando você.

– Bom dia, meu bem, não nos vimos esta semana. Quem visse os dois saindo do prédio poderia julgar que fossem um pai acompanhando a filha à escola.

– Você tem tido companhia.

– Você anda espionando?

– Não preciso espionar, ela chega sem fazer segredo.

– E não há mesmo por que fazer segredo.

- Ela é bonita.
- Também acho.
- Você vai se casar com ela?
- Opa, você está dando um salto grande demais.
- Por quê? Ela é bonita, gosta de você, quer dizer, deve gostar, senão não estaria com você todas as noites, você também deve gostar dela, porque é a primeira vez que vejo uma mulher ir ao seu apartamento tantas vezes seguidas. Então por que não casar?
- Porque não é assim.
- Então, como é?
- Precisa de mais tempo.
- Pra quê?
- Pra gente se conhecer melhor. Além do mais, o fato de duas pessoas saírem juntas não significa que vão se casar.
- Só que vocês não estão saindo juntos, estão ficando em casa juntos. Não é isso que é casar?
- Não necessariamente, mas pode ser um começo.
- E o Vizinho? Você não vai abandonar ele, vai?
- Não. Ele é nosso, não é?
- Agora vai ter que ser dela também. E se ela não gostar dele?
- Meu bem, primeiro vamos chamá-la pelo nome. O nome dela é Irene. Depois, ela não está morando comigo, ela vai me visitar de vez em quando. Além do mais, nenhum dos dois falou em casamento, muito menos no Vizinho.
- Então está na hora de falar, não acha?
- Em quê? Em casamento ou no Vizinho? Espinosa ficava pasmo com a tranquilidade com que Alice tratava de assuntos que em geral embaraçavam os adultos. A menina não apenas falava em tese, como dava exemplos retirados do mundo dos adultos e da esfera das suas amizades adolescentes. No percurso das duas quadras seguintes, ilustrou copiosamente seus pontos de vista a respeito do

amor e do casamento, depois encerrou a conversa da mesma forma abrupta como tinha começado.

– Estamos chegando na sua rua. Tchau.

Espinosa dobrou a esquina em direção à delegacia, que ficava no outro extremo da quadra, enquanto Alice continuava saltitante seu caminho em direção à escola, fazendo vir-lhe à lembrança o tempo em que morava no bairro de Fátima, no centro da cidade, antes de os pais se mudarem para Copacabana. Mesmo depois de terem se instalado no bairro Peixoto, ele não largara o hábito de ir a pé para a escola. Trinta anos depois, retomava o hábito na companhia de Alice. A diferença, agora, para ele, era o ponto de chegada. A semana estava se encerrando em relativa paz, o que não significava ausência de roubos, agressões e assassinatos, mas manutenção do padrão regular de ocorrências. O único caso no qual Espinosa estava pessoalmente envolvido não era de sua jurisdição e nem fora requisitado por ele. Mantinha-se na posição de observador participante, termo que empregava em suas reflexões para designar sua atitude diante do conjunto de fatos surgidos a partir do primeiro encontro com Gabriel – termo tão ambíguo quanto sua participação no caso.

3

Quando Gabriel saiu para o trabalho, D. Alzira não estava mais em casa. Deixara a mesa do café da manhã arrumada e a cafeteira pronta, bastando ser ligada. Nenhum bilhete. Ele próprio estava saindo mais cedo do que de costume pela rua cinza de prédios cinzas. O próprio bairro onde morava era cinza. Entrou no carro do metrô juntamente com um verdadeiro exército ainda sonolento em uniforme de escola pública. Chegando à estação de Copacabana, em vez de tomar o caminho do escritório pegou um ônibus até Ipanema. Dispunha de uma hora até o início do expediente no escritório. Descontando o tempo que gastaria para voltar de ônibus

a Copacabana, poderia dispor de uns quarenta minutos na pequena investigação daquele início de manhã. Não tinha o hábito de ir a Ipanema. O bairro o intimidava pela modernidade, pela impressão que lhe causava de estar sempre uma década defasado em relação ao comportamento dos moradores locais. Apenas uma vez ousara ir à praia em Ipanema. O despudor com que as mulheres exibiam os corpos deixava-o paralisado, num misto de fascínio e terror.

Não demorou no local. O trecho da rua, próximo da praça Nossa Senhora da Paz e a duas quadras da praia, era dos mais caros do Rio de Janeiro, pertencia a outro universo que não o do pequeno apartamento térreo na rua de classe média do bairro do Flamengo. Irene morava bem.

Com apenas cinco minutos de atraso, entrou em seu curral, dependurou o casaco no encosto da cadeira e verificou a agenda dos contatos com fornecedores para aquele dia. Desde a morte de Olga, o ambiente de trabalho se modificara significativamente. Além da tristeza adquirida, uma alegria se perdera. Uma pequena modificação no comportamento em Gabriel fora notada pelos colegas: ele passara a usar gravata. Continuava a usar calça jeans e casaco esporte, mas incorporara ao conjunto uma gravata, das muitas que herdara do pai. A composição não lhe ficara mal. Disseram que combinava com o jeito que adotara, mais sério e silencioso, desde a perda da amiga.

4

As noites passadas com Irene funcionaram mais como barreira do que como acesso à interioridade dela. Na cama, pele, músculos e odores se sobrepõem a olhares e dizeres, como se proximidade corporal e proximidade anímica pertencessem a universos paralelos. Enquanto o corpo se oferece docilmente a investigações minuciosas, a subjetividade é apenas vislumbrada por meio de signos tanto mais ambíguos e distorcidos quanto maior é a quantidade de afeto

envolvida, até o ponto em que o próprio corpo se torna enigma. Esse era o momento vivido por Espinosa, quando os sinais do corpo de Irene não eram mais tidos por ele como garantia de acesso à interioridade dela. Não porque o amor tivesse perdido intensidade ou se desviado do objeto, mas precisamente pelo contrário, porque os limites entre os corpos e os sujeitos tornavam-se indiscerníveis. Perturbava-o, sobretudo, o fato surpreendente de, a partir de um certo ponto, as figuras de Irene e Olga se fundirem, tornando-as, também elas, indiscerníveis. Tinha a exata sensação de estar dormindo com uma de duas gêmeas, sem dispor de garantia quanto a ser uma ou outra. A perturbação era maior quando tentava separar na memória as duas figuras, e elas insistiam em se fundir numa só imagem. Eram da mesma altura, tinham a mesma idade, o mesmo tom de pele, o mesmo corpo bem feito, embora o de Irene fosse mais esguio comparado com o de Olga, que lhe parecia mais forte, mas sem dúvida alguma os rostos eram diferentes, não apenas pelo comprimento e tom do cabelo, como pelas feições; boca, nariz e olhos, belos nas duas, eram definitivamente diferentes. Enfim, seria loucura julgá-las idênticas a ponto de imaginá-las indistintas ou, o que era muito pior, imaginá-las uma só. Sabia o quanto era imaginativo, como se deixava dominar por sua inesgotável propensão à fantasia, mas sabia perfeitamente que não era louco. Pelo menos não a ponto de confundir duas pessoas diferentes, principalmente quando uma delas estava morta.

Após o almoço, andou até a praia. O mar estava encarneirado e inquieto, as ondas quebravam com violência e o vento arrancava as poucas barracas fincadas na areia. Era o sudoeste começando a soprar.

O vento soprou forte durante toda a tarde. À noite, Irene não apareceu nem telefonou. Nas vezes em que tentou falar com ela, atendeu a secretária. Dormiu acreditando pouco no fim de semana que se iniciava.

Na manhã seguinte, em uma hora razoável, a campainha tocou.

– Pronto para visitar o Vizinho? Se o céu estava se cobrindo de nuvens cinzentas por efeito do sudoeste, os olhos de Alice pareciam

dois sorridentes faróis azuis.

– E então? Falou com ela sobre Vizinho?

– Não estive com ela ontem.

– Ah.

– O que quer dizer ah?

– Quer dizer ah, ora essa.

– Ah.

– Agora você está me imitando.

– Meu bem, eu jamais vou conseguir imitar você porque não vou conseguir reproduzir seu encanto.

– Agora você está me adulando.

– Gostei do termo. Adulando. Tem lido os livros que te empresto?

– Claro. Ou você acha que devolvo sem ter lido? Alguns até não leio, mesmo. Quer dizer, não leio inteiros. São chatos. Mas a maioria eu leio e gosto.

– Vou ser mais cuidadoso na seleção. Tentar eliminar os chatos. Se você me disser quais os chatos, facilita.

Caminharam uma quadra inteira em silêncio.

– Ela deu o bolo em você?

– Quem deu o bolo? A Irene?

– Tem outra?

– Ela não deu o bolo porque nada estava marcado.

– Estamos chegando.

A dona dos cachorrinhos os recebeu com a mesma cordialidade das vezes anteriores. O mesmo poderia ser dito da cadela. Quanto a Vizinho, a maneira como acomodou a barriga quente e redonda na palma da mão de Espinosa, procurando com o focinho frio os dedos para lambe, era de uma entrega que ignorava por completo do que o ser humano é capaz. A ninhada estava bem crescida, dentro de pouco tempo seria desmamada. Por sorte o número de filhotes era menor do que o número de tetas, de modo que todos tinham

alimento materno garantido. Alice, sentada no chão com os cachorrinhos tentando subir-lhe pelas pernas, era olhada com carinho pela cadela, que aproveitava para levantar-se e exercitar os músculos.

Na volta, a meio caminho de casa, a chuva começou a cair. Choveu durante todo o fim de semana.

Era o segundo fim de semana que Irene passava fora do Rio. No anterior, o motivo alegado – negócios em São Paulo – não soara verdadeiro, mas Espinosa não dera importância ao fato. Desta vez, depois de passar o fim de semana em casa sozinho, com chuva, o espírito não era o mesmo da semana anterior, mas não teve coragem de cobrar explicações. Mesmo porque Irene não lhe devia explicação nenhuma.

5

A segunda-feira continuava cinza, apesar de a chuva ter cessado. Passou a manhã entregue à monotonia burocrática. Durante o almoço tomou a decisão de conversar com os pais de Olga, decisão que estava evitando e adiando para não se intrometer no trabalho da delegacia da Tijuca. No telefonema fez questão de assinalar que a visita não era oficial, embora não pudesse eliminar a condição de delegado mais ainda, do delegado com quem Olga, na companhia de Irene e de Gabriel, tivera um encontro na delegacia poucos dias antes de morrer.

Não sabia exatamente o que estava pretendendo, já que o caso estava afeito a uma delegacia que não era a sua, e além disso não tivera acesso aos depoimentos tomados por ocasião da morte da moça. Seu trunfo era saber da ligação entre Olga e Gabriel e entre Gabriel e o chileno, também morto de forma violenta, vítima indiscutível de assassinato. Marcaram o encontro para aquela mesma tarde, quando o delegado faria uma visita ao casal, na Tijuca.

Esperava encontrar um casal idoso e surpreendeu-se ao deparar com duas pessoas pouco mais velhas do que ele. A tragédia deixara marcas, e era evidente que o relógio do casal tinha parado na manhã da morte da filha.

– Quero deixar claro para vocês que minha vinda aqui não tem caráter oficial. O acidente aconteceu fora da minha jurisdição, e não estou envolvido na averiguação das circunstâncias da morte de Olga.

– Por que, então, seu interesse, delegado?

– Porque conheci Olga quando investigava um caso que nada tinha a ver com ela, mas em que ela ofereceu seu testemunho em favor de um colega de trabalho. Nessa ocasião, os dois estiveram na delegacia para uma conversa informal e não oficial.

– Ela nos falou sobre o caso. O nome do rapaz é Gabriel.

– Isso mesmo. Na verdade não havia um caso, nada tinha acontecido, a não ser um vaticínio que o estava assustando. Olga só compareceu para testemunhar quanto à saúde mental do colega.

– Não estou entendendo seu interesse nas circunstâncias da morte de minha filha, delegado – disse o pai, com a voz alterada.

– Posso imaginar a dor de vocês, e sei o quanto é difícil falar sobre o assunto, mas gostaria que me contassem o que Olga comentou sobre Gabriel e sobre o encontro que tivemos na delegacia.

O pai se controlou.

– Acho que é pior se ficarmos em silêncio, achando que assim a morte da nossa filha deixa de ser real. O que o senhor quer saber?

– O que ela comentou com vocês.

– Não falou muita coisa. Falou da ida à delegacia, disse que o senhor foi gentil, que achava que delegacia policial era muito diferente do que o que tinha encontrado, e que tudo havia terminado com o senhor tranquilizando os presentes.

– Falou sobre os presentes?

– Disse quem estava na reunião.

– E?

– O que o senhor quer saber? Os nomes?

– Por favor.

– O senhor, o rapaz, ela e Irene.

– Vocês já conheciam a Irene?

– Claro, há muitos anos. Pensamos que não fossem mais amigas – a voz mudou de tristeza para irritação.

– Querido, não fique irritado, nada mais faz diferença – mas a voz da mãe de Olga também continha um traço de raiva.

– O que não faz mais diferença? – perguntou Espinosa.

– Tudo – respondeu a mãe –, já que nada pode trazer a Olga de volta.

– Há alguma coisa em relação a Irene que vocês gostariam de mencionar?

– Delegado, a questão é que ainda não percebemos por que o senhor está nos fazendo essas perguntas. Há alguma coisa envolvendo a morte da nossa filha de que não fomos informados? Não tem sentido ficarmos falando nela e nas suas amigas só para satisfazer sua curiosidade.

– Vocês têm razão. A verdade é que pouco tenho a dizer. Meu mal-estar está relacionado a um conjunto de fatos e pessoas que cercam a morte de Olga. Duas pessoas ligadas a Gabriel, mas que não se conheciam, morreram de forma violenta. Uma delas foi Olga. Outra foi um estrangeiro chamado Hidalgo, morto com um tiro no rosto. Não estou querendo dizer com isso que Gabriel matou os dois, aliás ele tem um bom álibi para o momento da morte de Olga, mas não acredito muito em coincidências, sobretudo quando envolvem mortes por assassinato.

– O senhor está sugerindo que nossa filha foi assassinada?

– Não. Estou afirmando que o estrangeiro foi assassinado. Quanto a sua filha, ainda não sei nada. Poderiam me dizer, agora, o que estavam evitando contar sobre a amiga dela, Irene?

– Nunca achamos que Irene fosse uma boa companhia para ela.

– Por quê?

– Bem, Olga sempre foi uma moça de princípios, e Irene tinha ideias muito avançadas sobre como uma mulher deve se afirmar no mundo atual.

– Era o pai quem continuava a responder as perguntas de Espinosa.

– E que ideias eram essas?

– Ideias sobre as relações entre as pessoas – respondeu a mãe, numa atitude claramente defensiva da imagem da filha. – Delegado, nossa filha foi criada aqui na Tijuca, um bairro conservador, com amigas diferentes das moças e dos rapazes de Ipanema. Mas isso só foi possível enquanto frequentou o colégio aqui perto de casa.

Quando foi para a universidade não foi mais possível controlar suas amizades, e acho mesmo que nem era o que deveria ser feito, ela já era mulher, não tinha mais sentido ficarmos perguntando com quem ela andava, se estava namorando, coisas desse tipo. Quando ela se formou e foi para São Paulo com Irene, aí é que perdemos mesmo todo o controle possível.

– Ela morou em São Paulo com Irene?

– Durante um ano. Depois voltou. Parece que brigaram.

– Por que as duas foram para São Paulo?

– Disseram que lá teriam mais oportunidades de trabalho. Acho até que tinham razão. Mas alguma coisa não me agradava, e eu não sabia o que era. Até hoje não sei. Agora não faz mais diferença.

– Ela nunca falou sobre o tempo em que morou em São Paulo?

– Muito pouco. Nossas comunicações eram puramente funcionais, práticas, nada sobre ela mesma e sua relação com Irene. Mesmo quando voltou, não falou nada. Nós é que chegamos à conclusão de que ela tinha brigado com Irene.

– E que impressão vocês têm de Irene?

– Nenhuma. Nunca a vimos.

– Nunca a viram?

– Nunca. A impressão que tínhamos era de que ela não queria nos conhecer, e de que Olga não queria que a conhecêssemos. Só soubemos que elas tinham voltado a ser amigas quando Olga nos contou o episódio da delegacia.

Espinosa passou longo tempo em silêncio. O casal ficou à espera de alguma declaração dele. Não houve declaração nenhuma. Quando o silêncio se tornou insuportável, mais para produzir algum som do que para saber de fato a resposta, o pai de Olga fez a pergunta.

– Delegado, o senhor acha que nossa filha foi assassinada?

– É uma hipótese remota, muito remota. Tudo indica que tenha sido um trágico acidente.

– O senhor não viria até aqui falar conosco se não tivesse alguma dúvida razoável quanto às circunstâncias da morte dela.

– Prometo que se vier a saber de algum fato que esclareça definitivamente a morte de sua filha, venho pessoalmente comunicar a vocês. Só peço um favor. Não comentem com ninguém esta nossa conversa. Para todos os efeitos, nunca estive aqui. Podem ter certeza de uma coisa: senti profundamente a morte de Olga, e farei tudo para que seja esclarecida. Obrigado por terem me recebido.

Deixou o carro estacionado em frente ao prédio de Olga e fez a pé o percurso que ela devia fazer todos os dias até a estação do metrô, ao sair para o trabalho. Desceu as escadas da estação, tentando se colocar no lugar dela naquela manhã, com a multidão se comprimindo na plataforma de embarque, o fato de estar fazendo frio, corpos próximos uns dos outros, o barulho do trem se aproximando, o aviso pelo alto-falante para que não ultrapassassem a linha amarela de segurança, o esbarrão seco, a virada de corpo na tentativa desesperada de se agarrar a alguma coisa ou a alguém, e talvez a aterradora visão do rosto do assassino.

Viu trens chegarem e partirem, viu a estação se encher e se esvaziar de gente. Tentava despir o rosto das pessoas de seus traços individuais, na expectativa de que surgisse um semblante que correspondesse ao do assassino. Eram quase oito horas da noite quando voltou para pegar o carro.

Em casa, encontrou seis mensagens de Irene na secretária. Praticamente uma para cada meia hora que havia estado fora, todas amorosas e falando de saudade, mas nenhuma fazendo menção ao fato de ter viajado.

Passava um pouco das nove da noite quando Irene atendeu, logo ao primeiro toque.

– Querido, pensei que não fosse falar com você hoje. Algum problema?

– Estive na estação do metrô onde Olga foi morta.

– Alguma novidade? Você entrou oficialmente no caso?

– Nada de novo. O caso continua por conta da 19ª DP. Minhas investigações são extraoficiais, ninguém sabe delas.

– Mas por que você foi à estação? Alguma pista?

– Não há pista nenhuma, eu queria ver o local.

Do outro lado da linha, Irene nada falou. Espinosa pôde ouvir a respiração alterada, e ainda o silêncio.

– Desculpe, sei que para você foi muito doloroso. Eu não devia estar falando dessa maneira, estive com ela só uma vez. Nem sequer posso falar de dor. Talvez o sentimento dominante seja de perplexidade. Nada comparável ao que estão sentindo os pais dela.

– Você esteve com eles?

– Rapidamente, hoje à tarde.

– E o que disseram? Fizeram alguma referência a mim?

– Disseram que nunca tinham te visto. Ainda estão em estado de choque pela morte da filha. Não conseguem entender nada. Numa coisa, porém, concordam com você: que Olga não teria caído sem a concorrência, acidental ou deliberada, de alguém.

– Talvez, agora, você...

– Concorrência de alguém não significa concorrência de Gabriel.

– Não entendo por que você insiste em defender esse maluco.

– Talvez por ele ser maluco.

– Você não é psiquiatra. Além do mais, mesmo eles se enganam.

– Por que vocês brigaram?

– Como?

– Por que vocês brigaram?

– Vocês quem?

– Você e Olga.

– Quem disse que brigamos?

– Os pais dela.

– O que mais eles disseram?

– Só isso. Que vocês foram morar juntas em São Paulo. Que depois de um ano brigaram, e ela voltou para o Rio.

– Não é uma história para ser contada por telefone. Além do mais, não tem nada a ver com a morte dela.

– Até uma publicitária pode se enganar quanto a isso.

– Agora você está sendo irônico.

– O que é mau sinal. Melhor conversarmos amanhã.

– Se você preferir...

Depois do banho prolongado, enquanto jantava lasanha à bolonhesa com vinho tinto, considerava o tom da conversa com Irene. Não precisava ter sido antipático.

Afinal, ela deixara seis recados na secretária; seis recados amorosos dizendo-se com saudade, e ele procedera como um policial. Era um policial. Talvez fosse essa a diferença. Como procederia um publicitário, um dentista ou um comerciante numa situação como aquela? Certamente de forma menos inquisitorial. Sem dúvida ficara incomodado com o fato de Irene não ter querido falar por telefone de sua relação com Olga.

Uma ideia se impunha cada vez com mais força a seu espírito, a de que Olga não morrera de morte accidental. Que modificação objetiva nos fatos provocara essa mudança subjetiva? Não era capaz de explicitar. O que o intrigava, a partir dessa certeza, era a identidade do responsável. Nenhuma das pessoas ligadas ao caso – e ele considerava as mortes de Olga e de Hidalgo como pertencendo ao mesmo caso correspondia à imagem de alguém capaz de empurrar uma moça para debaixo das rodas de um trem e dar um tiro à queima-roupa na cara de um homem que abria a janela da própria casa. O primeiro gesto implicava um conjunto de circunstâncias não previsíveis, em que os fatores aleatórios eram tão importantes quanto os controláveis; o segundo era uma ação premeditada, exigira previsão, espera, cálculo, emprego de arma de fogo, e os cuidados subsequentes. A não ser que as duas mortes nada tivessem a ver uma com a outra, o que complicava ainda mais o caso.

Quando deitou para dormir, ainda pensava nas hipóteses. Continuou pensando durante várias horas. De fato, era um policial, não um publicitário, dentista ou comerciante. Sentia-se particularmente desconfortável no papel de administrador dos nomes envolvidos nas mortes de Olga e Hidalgo. Era o único a saber da existência de Gabriel.

Ele e Welber, mas seu assistente agira sigilosa e extraoficialmente no levantamento de dados que haviam permitido a localização do vidente. Sem saber da posição de Gabriel como elemento de articulação entre os demais implicados, os responsáveis pelas investigações, nas duas delegacias onde os inquéritos estavam sendo conduzidos, nem sequer suspeitavam de que as duas mortes, ocorridas em circunstâncias e locais tão diversos, pudessem ser parte de uma mesma história. E o caráter paradoxal dessa história era que precisamente ele, um delegado de polícia, estava funcionando como obstáculo à inteligibilidade do conjunto.

As reflexões acompanhavam seu café da manhã do dia seguinte ao da conversa telefônica com Irene. Acordara cedo e prolongava intencionalmente a refeição, acrescentando mais uma xícara e mais algumas torradas com geleia de laranja, sua preferida. Apreciava esses momentos, eles emprestavam o tom ao dia que começava e era fundamental que fossem vividos sem a presença de outra pessoa, fosse ela quem fosse. Esse era um dos motivos mais fortes para ele não admitir uma empregada em tempo integral, preferindo sua faxineira horista que chegava quando ele já tinha saído e saía quando ele ainda não chegara. Gostava de desfrutar da luminosidade que entrava pelas janelas francesas da sala e inundava o ambiente. O café da manhã, juntamente com a leitura do jornal, demorava quase uma hora, tempo necessário para o espírito se preparar para enfrentar a realidade de uma delegacia policial. Ouviu a batida da porta do outro apartamento e o ruído de Alice descendo aos pulos a escada do prédio. Podia ter se demorado menos a fim de saírem juntos, mas naquela manhã, mais do que nas outras, precisava ficar só.

Não se julgava preconceituoso, mas tinha plena consciência de estar deslocado temporalmente quanto a certos valores. Não sabia, por exemplo, se seria capaz de aceitar sem conflito o fato de sua companheira ter mantido relações sexuais com outra mulher. Também não estava certo quanto a ser esse o caso de Irene, mas procurava se antecipar a uma declaração decisiva da parte dela. Não tinha mais dúvidas quanto à intensidade da relação entre ela e Olga. Pouco ou nada sabia da vida de Irene. Suas viagens a negócios nos fins de semana podiam camuflar uma relação como a que mantivera com Olga, também em São Paulo. Talvez fosse mesmo preconceituoso, talvez alguns valores tivessem mudado mais depressa do que sua capacidade de reformular os seus. No entanto, estava se antecipando aos fatos. Irene ainda estava por ser descoberta em toda a sua extensão. Vestiu-se para sair.

6

– Delegado Espinosa? – Não reconheceu imediatamente a figura miúda com uma sacola de supermercado em uma das mãos e bolsa a tiracolo, e que parecia estar à sua espera na calçada em frente ao prédio.

– Sim? – O senhor não está se lembrando de mim? Sou a mãe de Gabriel. O senhor esteve na minha casa.

Espinosa ficou embaraçado por não reconhecer a senhora cuja casa vasculhara milimetricamente. Sempre fora considerado um excelente observador e tinha fama de ser capaz de reproduzir em detalhe uma cena, um acontecimento ou um rosto. Era incompreensível ter falhado com uma pessoa vista tão recentemente, e em circunstâncias tão favoráveis.

– Desculpe, dona Alzira, eu estava saindo de casa distraído e não esperava encontrá-la na porta do meu prédio, longe da sua casa.

– Eu é que peço desculpas por aparecer assim de repente, mas precisava falar com o senhor.

– Vamos procurar um banco livre ali na praça? Atravessaram a rua em direção à praça, naquela hora tomada por crianças em idade pré-escolar e por carrinhos de bebê empurrados por mães ou babás uniformizadas. Conseguiram um banco à sombra de uma amendoeira.

– Sobre o que a senhora quer me falar, dona Alzira?

– Na verdade, não foi tanto para falar que vim até aqui, mas para lhe trazer esta sacola. Creio que é o que o senhor estava procurando.

Ao segurar a sacola, Espinosa adivinhou imediatamente o conteúdo. O peso era mais do que familiar.

– Tem também isto aqui – e retirou da bolsa a tiracolo uma caixa de munição. – Fiquei muito assustada quando percebi que Gabriel estava carregando um revólver para cima e para baixo. Era do meu marido. Desde a morte dele, ficou guardado no fundo do armário, enrolado nesta mesma flanela, sendo que tomei o cuidado de jogar fora as balas, temendo que Gabriel, ainda criança, o descobrisse. Logo depois de me contar a história do vidente, e com a aproximação da data do aniversário, ele foi ficando muito nervoso, a ponto de eu não reconhecer o rapaz pacífico e avesso a todo tipo de violência que ele sempre foi. Quando notei que andava armado, fiquei apavorada. Perguntei o que estava se passando, ele respondeu que a arma era para se defender, que não pretendia atacar ninguém. Falei que o revólver não tinha munição. Ele contou que comprara uma caixa de balas. Não saía mais de casa sem estar armado. Apavorada com o que poderia acontecer, peguei o revólver e a caixa de balas e escondi na casa de uma amiga. Quando o senhor e aquele detetive foram revistar o quarto dele, eu já tinha retirado a arma. Está dentro da sacola, embrulhada numa flanela. O único cuidado que tive foi o de retirar as balas que estavam no tambor e pôr de novo na caixa. Antes que o senhor me pergunte, meu marido me ensinou a manejar a arma. Dizia que a ignorância é mais perigosa do que o medo.

Espinosa removeu a flanela apenas o suficiente para verificar o calibre. Era um Smith & Wesson calibre trinta e oito, aparentemente em bom estado de conservação. A caixa de munição era nova, de fabricação nacional, e parecia estar cheia.

– Quando a senhora pegou o revólver?

– Poucos dias antes de o senhor revistar o apartamento.

– O que Gabriel falou quando descobriu que a senhora tinha levado o revólver embora?

– Disse que era melhor assim. Que o que tivesse que acontecer, aconteceria de qualquer maneira.

– Obrigado por me trazer a arma, dona Alzira, eu também temia que seu filho cometesse algum desatino.

– Eu é que agradeço o cuidado que o senhor tem tido com ele, delegado.

– Uma pergunta. Se a senhora já estava com a arma quando revistamos seu apartamento, por que não me contou tudo isso naquela ocasião?

– Porque ainda não sabia quais as suspeitas e acusações que os senhores tinham contra meu filho. Não faria nada que pudesse incriminá-lo.

– Mais uma pergunta, dona Alzira. Como morreu seu marido?

– Sofreu um colapso cardíaco. Por que o senhor pergunta isso?

– Gabriel presenciou a morte do pai?

– Não diretamente. Ele estava em casa, mas não viu o pai morrer. Ninguém viu. Ele estava no banho quando teve o colapso. Não chegou a ser socorrido.

– Como souberam que ele estava morto?

– Ele demorou muito a sair do banho. Eu tinha saído para fazer umas compras e deixei meu marido tomando banho. Sei que estava bem, porque costumava deixar a porta aberta, tinha medo do gás, e me despedi dele dizendo que voltaria em poucos minutos. Quando voltei, a porta do banheiro estava fechada. Chamei, e ele não

respondeu. Quando abri a porta e afastei a cortina ele estava caído dentro da banheira, com a água transbordando e escorrendo para o chão.

- Por que ele teria fechado a porta?
- Não sei. Ele nunca fazia isso para tomar banho.
- Gabriel viu o pai morto na banheira?
- Não posso afirmar. Acho que não.
- Quantos anos tinha seu marido?
- Trinta e cinco. Faltavam poucos dias para Gabriel completar dez anos. Por que o senhor está me perguntando essas coisas?
- Porque Gabriel tocou no assunto. Desculpe por lembrar um acontecimento tão doloroso.
- Já faz muito tempo.
- De qualquer forma, obrigado.
- Adeus, delegado, e mais uma vez obrigada por estar ajudando meu filho.

Enquanto ela se afastava, Espinosa se deu conta de que ela era muito mais nova do que imaginava. Não devia ter sessenta anos.

Do bairro Peixoto, Espinosa foi direto para o Instituto Médico Legal, no centro da cidade, carregando a sacola com a arma e a caixa de munição. Sabia, por experiência, que o projétil retirado do corpo do chileno ainda não fora enviado para o delegado encarregado do inquérito, além de não disporem da arma do crime para realizar o exame de balística. Evandro, que entrara para a polícia na mesma época que ele e que era uma espécie de diretor substituto, sabia tudo o que se passava no IML. Estava fazendo, à noite, o curso de psicologia. Ampliação do campo de trabalho, dizia. Além de olhar dentro dos corpos, passaria também a olhar dentro das almas.

- Espinosa, que bom ver você. Precisamos nos encontrar sem que o motivo seja um cadáver. Certamente você não se abalou de Copacabana até aqui apenas para me ver.

– Acertou duplamente. Precisamos nos encontrar sem cadáveres entre nós, e não vim até aqui só para te ver.

– O que você quer de mim?

– Que me empreste o projétil retirado da cabeça do estrangeiro morto em Botafogo, para um exame de balística. Extraoficialmente. Devolvo hoje mesmo. Se quiser, pode me acompanhar.

– Não tem problema, com você sei que não tem tramoia. O projétil estava dentro de um envelope de plástico transparente grampeado ao laudo da necropsia, à espera de ser enviado ao delegado da 10ª DP, em Botafogo.

– Na balística, procure o Freire. Diga que eu é que indiquei.

Espinosa agradeceu e se despediu sem fazer comentários. Depois de vinte anos na polícia, conhecia cada pessoa com quem podia contar, em cada repartição policial. Freire era um velho conhecido, mas não queria retirar de Evandro a gentileza que acabava de fazer. O passo seguinte foi o Instituto de Criminalística Carlos Éboli, que funcionava no mesmo conjunto de prédios do IML. A comunicação entre os dois serviços era feita pelo pátio interno comum a ambos.

Conhecia Freire havia tanto tempo quanto conhecia Evandro. Muitas vezes solicitara sua atenção especial para um caso difícil, e em todas fora prontamente atendido. Freire falava pouco, era um excelente profissional, feito mais de olhares do que de palavras.

– Eu poderia fazer o teste comparativo agora mesmo – disse, assim que Espinosa explicou o que queria –, mas prefiro examinar a arma antes de usá-la na caixa de tiro. Telefone à tarde, que terei alguma coisa para dizer.

Como fazia sempre que ia ao IML, Espinosa saiu andando a pé pela rua Mem de Sá na direção dos arcos da Lapa, a parte do Rio que conservava o espírito do início do século. Conhecia bem aquelas ruas, eram as da sua infância. Antes que a família se mudasse para o bairro Peixoto, morara no bairro de Fátima – que, tal como o bairro Peixoto, não era um bairro propriamente dito, mas um conjunto de umas poucas ruas, perto de onde se encontrava. Aquele era parte do percurso que fazia a pé, a caminho do colégio Pedro II.

A beleza dos sobrados coloniais em contraste com a grandiosidade dos arcos era uma espécie de prêmio que concedia a si próprio toda vez que era obrigado a se defrontar com a brutalidade da morte no IML. Antes de dar as costas ao conjunto ainda se demorou, observando o bondinho de Santa Teresa cruzar os arcos de um extremo a outro.

Não foi preciso esperar até o fim da tarde; ao voltar do almoço encontrou um recado de Freire. Assim que atendeu ao telefonema, foi logo dizendo: – Espinosa, nem seria preciso fazer exame de balística. Aquela arma não disparou nenhum tiro nos últimos dez anos, pelo menos. De qualquer forma, fiz a comparação na caixa de tiro. Nada a ver. com absoluta certeza, a arma de onde saiu a bala que você me trouxe não foi aquela. Pode pegar o material hoje mesmo, se quiser. Fico aqui até as cinco da tarde.

Bem antes das cinco Espinosa voltava ao Instituto de Criminalística e entrava na sala onde Freire estava trabalhando, uma mistura de museu, laboratório e depósito.

– Antes de fazer o exame de balística examinei o cano da arma, o estado das raias e a superfície do metal na parte interior do cano. Pela minha experiência, diria que nenhum tiro foi dado com aquela arma nos últimos anos. A oxidação do metal data de muito tempo, não dá para determinar com exatidão sem exames laboratoriais, mas mesmo com grande margem de erro, garanto que nenhum tiro foi dado com ela nos últimos cinco anos. Eu poderia até dobrar esse tempo, mas não sei se para o que você quer isso é relevante. Mesmo assim, como você poderia necessitar de algum laudo pericial, fiz a prova da caixa de tiro. O projétil que você me trouxe não saiu daquele cano, com absoluta certeza.

– Obrigado, Freire. Se eu precisar do laudo por escrito, volto a falar com você. Mas acho que não haverá necessidade. Como sempre, se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

Do Instituto de Criminalística, Espinosa voltou ao IML para devolver o envelope de plástico com o projétil que levara para

análise. Voltou à delegacia carregando a sacola de supermercado com o revólver trazido por d. Alzira embrulhado na flanela.

Sentia-se menos culpado em relação ao fato de não ter fornecido o nome de Gabriel ao delegado responsável pela investigação da morte do chileno; ele seria o candidato ideal à crucificação, devido à ausência completa de suspeitos. Sua fragilidade natural certamente não despertaria sentimentos protecionistas por parte dos inquiridores; ao contrário, ela seria usada como porta de entrada do interrogatório.

Na delegacia, guardou a arma e a caixa de balas e verificou os recados sobre a mesa. Um deles era de Irene. O alívio resultante do exame feito por Freire tornou menos árdua a expectativa do encontro seguinte com ela. Ela mesma propusera que a conversa sobre sua relação com Olga não fosse feita por telefone, o que significava que no encontro o assunto seria abordado. Ligou para a casa dela – não tinha o telefone do trabalho – e deixou recado na secretária convidando-a para jantar. Caso estivesse disponível, poderia ser no lugar de sempre, à hora que fosse conveniente. Estaria em casa por volta das sete, esperando a confirmação. Quando ela ligou, contou-lhe uma história muito estranha.

Apesar de Espinosa ter pedido ao porteiro para avisar que estava esperando por ela na portaria, Irene não desceu enquanto não ouviu sua voz pelo interfone. No caminho até o carro, estacionado poucos metros adiante, ela olhou várias vezes para os lados e para trás.

– Calma. É isso o que eles querem, que você fique apavorada.

– Porra, Espinosa, o que você quer? Que eu fique tranquila, como se nada tivesse acontecido? Não sou policial, não estou acostumada com essas coisas.

Abraçados, os dois andaram até o carro.

– Desculpe, estou nervosa.

– Tudo bem. Fique tranquila. Se alguém quis fazer alguma coisa a você, não vai tentar nada enquanto estivermos juntos. Vamos de novo ao nosso restaurante? Assim que conseguiram uma mesa,

Espinosa pediu para Irene contar mais uma vez o episódio acontecido uma hora antes.

– Não tem nada além do que já contei por telefone. Na esquina da minha quadra tem um sinal de trânsito no cruzamento com uma rua muito mais movimentada e que por isso está quase sempre vermelho para quem não está na preferencial. É um sinal demorado. Chego em casa pela rua menor, mas estou acostumada com ele, e como fica a poucos metros do meu prédio não me importo de esperar, já me considero em casa. Quando voltei do trabalho hoje à noite parei, como sempre, à espera de o sinal ficar verde. De repente alguém se aproximou, não deu para ver, e espalmou um cartaz de propaganda imobiliária contra o vidro do assento do passageiro, bloqueando inteiramente a visão lateral do carro, ao mesmo tempo em que tentava abrir a porta. Fiquei apavorada e engrenei a marcha para arrancar. A pessoa continuava a forçar a porta com uma das mãos enquanto com a outra mantinha o cartaz grudado no vidro. Arranquei com o carro antes de o sinal abrir, sem me importar com os outros carros.

– Não deu para você ver quem estava atrás do cartaz?

– Não. Nem sei se queria ver. Olhei rapidamente pelo retrovisor, com medo de levar um tiro, mas não deu para distinguir quem tinha feito aquilo. Fiquei apavorada. Espinosa, não acho que seja coincidência. Sei que estão assaltando os carros nos sinais, mas aquele é um cruzamento movimentado, eram sete da noite, havia outros carros ao lado e atrás do meu, a pessoa estava interessada em mim, em mais ninguém. Isso não é coincidência. Morre Olga, em seguida morre o tal vidente, agora forçam a porta do meu carro na esquina da minha casa, um lugar por onde passo todos os dias à mesma hora... Não foi coincidência. Não era um assalto de pivete. O detalhe da proteção do cartaz foi o que mais me impressionou. Sei que você não concorda, Espinosa, mas isso tem a ver com aquele cara.

– Não há motivo para ele querer te matar.

– Ele pode ser louco, Espinosa.

– Se fosse louco e pretendesse te matar, não tomaria cuidado para não ser identificado, simplesmente te mataria.

– Quem mais poderia ser? Nunca fui ameaçada, não tenho inimigos, ninguém está atrás de mim para cobrar nada. Essas coisas todas começaram desde que esse maluco de merda apareceu.

– Que coisas?

– Essas mortes! Merda, o que mais você quer que aconteça? Que eu morra também?

– Procure se acalmar. Vamos pedir nossos chopes. Se quiser, pode ficar no meu apartamento esta semana. Posso levar você para o trabalho e buscar no fim do dia.

– Você não vai fazer isso a vida toda.

– Aí já é outra conversa.

– Ah, Espinosa, não brinca.

– Não estou brincando. Além do mais, o aniversário do Gabriel é neste sábado. São só quatro dias, até lá.

– E o que tem isso a ver com a história?

– Não se esqueça de que o aniversário dele é a data limite para que se cumpra o vaticínio.

– Porra, Espinosa, você também ficou maluco?

– Não, mas costumo levar em consideração a maluquice dos outros.

Não falaram sobre Olga, estavam esgotados. A noite também não era propícia a romance, pelo menos foi assim que Espinosa interpretou a recusa de Irene a seu convite para dormirem no apartamento dele. Ela preferia voltar para seu apartamento e prometeu tomar todas as precauções. Esperaria por ele na manhã seguinte, para levá-la até o trabalho. Espinosa subiu com ela e só se despediu depois de, a pedido dela, revistar todo o apartamento.

Na portaria mostrou a carteira de delegado ao porteiro e fez uma série de recomendações quanto à segurança, depois foi para casa certo de que não haveria ameaças a Irene naquela noite. Antes de

dar a partida no carro, olhou cuidadosamente em volta à procura de algo suspeito; em seguida contornou o quarteirão com o carro, passando de novo em frente ao prédio. Achando tudo em ordem, tomou a direção do bairro Peixoto.

Antes de chegar em casa, convencera-se de que o episódio não fora um assalto desses cometidos por pivetes. O assaltante que quer tomar o relógio, as joias ou a bolsa usa a janela do motorista, quase sempre mostrando uma arma ou insinuando sua existência; não força a porta oposta nem se oculta por trás de um cartaz. Quem quer que fosse, pretendia entrar no carro. E provavelmente não sabia dirigir, daí ter forçado a porta do carona.

Na manhã seguinte, depois de pegar Irene em casa e levá-la para o trabalho, Espinosa foi para a delegacia disposto a reordenar as ideias antes de perder inteiramente a capacidade de pensar sobre os acontecimentos ligados ao que chamava "caso Gabriel".

7

Em seu gabinete, deu ordens para não o interromperem a menos que absolutamente necessário. Pegou uma folha de papel ofício e sobre ela dispôs os nomes de todos os implicados na história, cada um dentro de um círculo, e uniu com uma linha os diretamente relacionados entre si. Claro, não pretendia que o expediente ajudasse na solução do problema. Sua função era manter o pensamento menos vulnerável ao imaginário. O resultado expressou o que já era evidente. Gabriel era o nome que funcionava como referência e como ponto de articulação entre os demais. O que era de se esperar, já que fora ele o ponto de partida de toda a história. No entanto, o fato de ser o nome que ligava os demais entre si não fazia de Gabriel o responsável pelas mortes. Espinosa era incapaz de vê-lo, na tarde do dia anterior, ameaçando Irene num sinal de trânsito em Ipanema. com que finalidade faria semelhante coisa? Apenas para assustá-la? Para matá-la? Ele não precisava de toda

aquela encenação. A não ser que Irene tivesse inventado a história do ataque para desviar a atenção de outra coisa, por exemplo sua viagem do fim de semana. Afinal, seria esse o tema do encontro dos dois.

Deixou de lado o esquema gráfico inútil, recostou-se na cadeira giratória, cruzou as mãos atrás da cabeça, e deixou ideias e imagens aflorarem livremente. A figura que primeiro apareceu foi a de D. Alzira na porta de seu prédio na manhã do dia anterior. Recolocou a cadeira na posição normal e abriu a gaveta, retirando de seu interior a sacola dentro da qual juntara a arma e a caixa de munições.

Desembrulhou o revólver e o segurou na mão durante algum tempo, enquanto tentava responder à pergunta sobre o que, efetivamente, Gabriel pretendia fazer com a arma. Imaginou-o atirando em Hidalgo à queima-roupa. Não combinava, embora a ideia não fosse absurda. No estado em que se encontrava, poderia ser um gesto extremo. Pôs o revólver em cima da mesa e pegou a caixa de balas. Sem dúvida, era nova. Arrumou as balas dentro da caixa na posição em que deviam estar originalmente. Ficaram frouxas. Enfiou o dedo no espaço que sobrava e constatou que havia espaço para mais de um cartucho. Em sua própria caixa de munição, pegou dois cartuchos calibre trinta e oito e os introduziu no espaço vazio da caixa. Couberam perfeitamente, não ficou nenhuma folga. Retirou de volta seus dois cartuchos e derramou o conteúdo da caixa sobre a mesa. Contou as balas duas vezes, comparou com a quantidade indicada na caixa. Faltavam duas. Decerto Freire fizera uso delas na caixa de tiro, para o exame de balística. Mas por que duas? Bastava uma. Ligou para o Instituto de Criminalística. Freire não estava na sala. Deixou recado para que ele lhe telefonasse assim que possível. Ficou imaginando o destino do segundo cartucho, caso não tivesse sido utilizado no teste, e não encontrava outro que não fosse a cabeça de Hidalgo. Passada meia hora, Freire ligou. Retirara apenas um cartucho da caixa de munições, e ninguém mais tivera acesso a ela. Sentiu uma leve dor de cabeça. Provavelmente o começo de uma grande dor de cabeça. Mastigou

um comprimido de aspirina, chamou Welber e contou-lhe suas dúvidas.

– Espinosa, no começo eu achava o menino culpado de tudo, culpado inclusive pela própria loucura. Aos poucos fui modificando minha opinião, passando a achar que ele era apenas um pouco maluco, mas não o responsável pela morte da moça. Até que ele desapareceu na estação do metrô e vim a saber mais tarde que o tal chileno tinha sido assassinado com um tiro na cara, a poucas quadras dali. Exatamente nesse ponto da história, onde todos apontariam para ele como culpado, passei a achar que não era ele. Se estava a fim de matar o cara, por que tinha tomado o rumo da estação do metrô, que não era o mesmo da casa do chileno? Por que não foi direto para o prédio do cara? Se fosse por ter percebido que estava sendo seguido, não ia me despistar e matar o sujeito. Seria o mesmo que confessar o crime. Portanto, das duas uma: ou percebeu logo de saída que estava sendo seguido e tomou o caminho de casa, ou não percebeu e tomou o caminho de casa da mesma forma. Tenho certeza de que ele não matou o chileno. A menos que estejamos tratando com um assassino extremamente frio e calculista e que gosta de jogar com a sorte e com emoções fortes. Não me parece o caso, embora já tenhamos nos enganado algumas vezes com pessoas com cara de inocentes.

– Concordo com você. É por isso que ainda não o joguei às feras. E o resultado do exame de balística corroborou meu ponto de vista. Mas esse cartucho faltando me despertou outras ideias e sentimentos.

– Tipo...

– Tipo o seguinte. Realmente, ele não atirou em ninguém – pelo menos nos últimos anos – com a arma que a mãe me entregou como sendo a que ele carregava para onde ia. Mas ele pode ter atirado com outra arma. Por que teria que ser aquela? Apenas porque a mãe disse que era? E se a mãe, para proteger o filho, me entregou uma arma que sabe que não foi usada, precisamente porque a que ela me entregou ela mesma tinha escondido?

– Você acha que ela faria isso?

– Welber, mãe faz qualquer coisa para proteger o filho. O marido tinha ensinado a ela o manejo da arma. Foi ela quem retirou os cartuchos do tambor, guardando-os novamente na caixa. Sabia distinguir um revólver de uma pistola. Sabia que o calibre da arma do marido era o mesmo da caixa de balas que o filho escondera. Não hesitou em protegê-lo.

– Nesse caso, ele teria matado também a moça?

– Na minha opinião, a mesma pessoa matou os dois. E pense bem. Só uma pessoa conhecida de Olga teria condições de chegar perto dela, andar com ela até a borda da plataforma e empurrá-la. E só uma pessoa conhecida se preocuparia em proteger a própria identidade ao tentar algo contra Irene.

– Quer dizer que o menino passou repentinamente de pleno inocente a pleno culpado?

– Não estou afirmando que ele é o culpado por essas mortes, só estou dizendo que isso não seria impossível.

– Tem uma coisa na história desse rapaz que me intriga desde o nosso primeiro encontro, que é precisamente o motivo alegado por ele para o encontro: a ameaça de se tornar um assassino. Pode ter muito de fantasia na história dele, mas uma coisa me parece verdadeira: o sentimento de pavor de que está tomado. Ele pode até estar enganado quanto à natureza da ameaça, mas não está enganado quanto à intensidade dessa ameaça. O que ainda não sabemos – e que ele também não sabe –, é o que o está efetivamente ameaçando.

– E o chileno?

– O chileno foi só o deflagrador da crise, não a causa.

– Gabriel acha que você não o considera suspeito. E tinha razão, até uma hora atrás. Por que não o chamamos para uma conversa um pouco mais séria?

– Eu já tinha decidido fazer isso. Telefone para ele e diga que quero vê-lo na hora do almoço. Se perguntar por que, diga que é

para apanhar a arma que era do pai dele e esclarecer uns detalhes.

– Ele não vai desconfiar?

– Acredito que não. Já estive aqui outras vezes e sempre veio de boa vontade.

– E se aparecer com alguma desculpa para não vir hoje?

– Diga que é importante, que não posso adiar a conversa. Não o pressione com nada oficial, senão ele se assusta. Ainda está se sentindo perseguido. Diga que entre uma e duas da tarde estará bem. E, Welber...

– Sim?

– Quero que você esteja presente.

O encontro não teve lugar na sala do delegado, mas na saleta utilizada para as entrevistas. Quando entrou, seguido por Espinosa e Welber, Gabriel percebeu imediatamente que não só o cenário mudara. A arma e a caixa de balas estavam sobre a mesa.

– O que aconteceu? – o tom de voz e a expressão facial estavam diferentes.

– É o que estamos querendo saber.

– Como assim?

– Sabemos que você cometeu a tolice de andar armado durante alguns dias.

– Quem disse?

– Não precisa negar. Já não faz diferença.

– Eu estava assustado.

– Por isso me procurou pedindo ajuda. Mas não era para sair armado, disposto a atirar no primeiro que aparecesse com cara suspeita.

– Eu não ia atirar em ninguém.

– Uma pessoa que sai pelas ruas armada com um trinta e oito carregado dificilmente pode dizer que não pretende atirar em ninguém.

- Era só para me defender.
- Se defender atirando.
- Todo mundo tem direito de se defender.
- Não portando arma. Porte de arma é crime punido com prisão. Inafiançável.
- Não atirei em ninguém.
- Foi esta a arma que você carregou?
- Esse é o revólver do meu pai.
- Sabemos que é. Queremos saber se foi este revólver que você portou ultimamente.
- Foi.
- E esta é a munição com a qual você carregou a arma?
- É..., mas não atirei em ninguém.
- Foi você quem comprou?
- Foi.
- Onde?
- Numa loja no centro da cidade.
- Ninguém mais sabia da existência desta caixa de munição?
- Não.
- Quer me dizer, então, o que foi feito do cartucho que está faltando?
- Está o quê?
- O cartucho. Está faltando uma bala na caixa. O que foi feito dela?
- Não sei. Não sabia que estava faltando...
- Não terá sido usada?
- Usada como?
- Como geralmente são usadas as balas calibre trinta e oito. Para matar alguém.
- Matar?

- É, matar. O chileno, por exemplo.
- O senhor está me acusando de...
- Não. Estou apenas dando um exemplo e pedindo uma resposta para minha pergunta. O que foi feito da bala que está faltando?
- Não sei. Não sabia que estava faltando. Talvez tenha vindo com uma bala a menos. Talvez eu tenha deixado cair no chão.
- Talvez tenha sido usada em alguém...

No decorrer das duas horas seguintes, Espinosa e Welber se revezaram, e Gabriel teve que repetir inúmeras vezes tudo o que havia feito na noite da morte do chileno, desde o momento em que saiu do trabalho até o momento em que chegou em casa. Como portava a arma – no bolso ou na cintura; se colocava e retirava as balas sempre que chegava em casa, ou se mantinha o revólver sempre carregado; se falara com a mãe sobre o fato de estar andando armado; como fazia no emprego, para não perceberem. Foi Espinosa quem encerrou o encontro.

– Quero que volte amanhã para tomarmos um depoimento. Hoje foi só uma conversa.

A despedida foi sem amabilidades.

- O que você achou? – quis saber Welber.
- Achei que algo não está bem. Sempre que pedimos para ele repetir certas passagens, ele repetiu da mesma maneira, com os mesmos detalhes, quase com as mesmas palavras. Parece uma coisa decorada. Quando você conta a mesma coisa várias vezes, a tendência natural é mudar um detalhe, acrescentar outro, preencher uma lacuna, e não repetir mecanicamente a mesma coisa. Mesmo que ele não seja culpado, está escondendo algo.

No final da tarde Espinosa passou para pegar Irene, como haviam combinado, e os dois foram para o bairro Peixoto. Espinosa comprara pães, frios e vinho, prevendo um lanche íntimo tendo como pano de fundo o frio, que aumentara nos dois últimos dias.

– Você acha realmente necessário eu passar esses dias no seu apartamento?

- Acho gostoso.
- Mas não necessário?

– Se não necessário, pelo menos aconselhável. Não tenho como pôr você sob proteção policial. Oficialmente não há caso nenhum, nenhuma queixa registrada; não temos nem mesmo um inquérito aberto. Fico mais tranquilo com você perto de mim. Mandei dois detetives ficarem na cola de Gabriel até o final da semana. Depois vemos o que fazer.

- Quanto tempo você acha que isso ainda vai durar?
- Tenho a impressão de que o fim está próximo.
- Parece frase de pregador religioso.

Ficaram em casa. Saborearam os frios e o vinho. Estava agradável, com a música. Foram para a cama embalados pelo som do vento que assobiava nas janelas. Sem que ele perguntasse, Irene falou sobre sua relação com Olga. Confirmou o que Espinosa suspeitava: as duas tinham sido amantes quando moravam em São Paulo.

Foi uma noite diferente. Nem melhor nem pior do que as anteriores. Diferente.

8

No dia seguinte, na hora marcada para o depoimento de Gabriel, D. Alzira subiu a escada que dá acesso ao segundo andar da delegacia, parando um instante no pequeno hall que serve de antessala ao gabinete do delegado para conferir o vestido (escuro e sóbrio, como o momento exigia) e ajeitar o cabelo. Permaneceu de pé, como se estivesse num ponto de ônibus, até aparecer um homem que ela reconheceu ser um policial.

- O que a senhora deseja?
- Quero falar com o delegado Espinosa.

- O que a senhora deseja com o delegado?
- Vim prestar depoimento.
- A senhora foi intimada?
- Claro que não.
- A senhora pode me dizer do que se trata? O delegado está em reunião.
- Diga apenas que é a mãe de Gabriel.

Depois de lançar um olhar para a poltrona que o detetive ofereceu, d. Alzira agradeceu e continuou de pé. Passados alguns minutos, a porta do gabinete do delegado se abriu e saíram dois homens, um dos quais ela conhecia de vista. O delegado Espinosa surgiu em seguida.

- Dona Alzira, a que devo sua visita?
- Não é uma visita, delegado, vim prestar depoimento em lugar do meu filho.
- A senhora não pode fazer isso; o intimado foi ele, não a senhora.
- Sei disso, delegado, mas meu depoimento poderá esclarecer os fatos envolvendo o nome do meu filho.
- Dona Alzira, agradecemos sua colaboração, mas no momento estamos interessados no depoimento do seu filho, não no da senhora.
- Mas vai estar, delegado. Gabriel não tem nada a ver com essas mortes, ele foi apenas depositário do mal dessas pessoas.
- Dona Alzira, cabe à polícia decidir se ele está ou não implicado.
- O senhor tem razão quanto a isso, delegado, mas acho que vai mudar de ideia depois do meu depoimento.
- Para prestar depoimento a senhora deveria estar acompanhada de um advogado.
- A presença de um advogado não vai fazer nenhuma diferença quanto ao que tenho a dizer.

– Posso ouvi-la, dona Alzira, mas quero deixar claro que seu depoimento não cancela a intimação feita a Gabriel.

Welber foi chamado, a porta foi fechada e foram feitas recomendações para não serem interrompidos.

– A que fatos a senhora se refere quando diz que seu filho nada tem a ver com eles?

– Estou me referindo à morte da moça e do estrangeiro.

– Por que a senhora diz que seu filho nada tem a ver com o que aconteceu?

– Não é que ele não tenha nada a ver, na verdade ele foi o ponto de partida dos acontecimentos, ou melhor, não tanto ele, mas o vaticínio feito pelo estrangeiro, ele foi apenas vítima.

– Há fortes indícios ligando seu filho a essas mortes.

– Meu filho não matou essas pessoas.

– Por que a senhora afirma isso?

– Porque fui eu que matei os dois.

Espinosa e Welber se inclinaram na direção de D. Alzira, como para ouvir melhor algo que teriam ouvido mal.

– O que a senhora está dizendo, dona Alzira?

– Isso mesmo que os senhores ouviram. Eu matei os dois.

Não havia temor nem tremor na voz, tampouco havia raiva; havia altivez, orgulho, como se ela esperasse um elogio pelo que acabara de confessar. D. Alzira nem sequer alterou a posição das mãos cruzadas sobre a bolsa que trazia junto ao corpo.

– A senhora percebe o alcance do que está dizendo?

– Claro que percebo. Estou confessando dois assassinatos, embora não os considere como tais.

– A senhora agiu em legítima defesa?

– De certa forma, sim. Não em minha legítima defesa, mas na do meu filho.

– E a senhora pode nos contar como matou os dois?

– Claro. Vai levar algum tempo.

– Não se incomode com isso, temos o tempo que for necessário.

– Bem, é difícil estabelecer com precisão o começo de tudo. Eu poderia dizer que foi quando o padre Crisóstomo se recusou a combater o mal. Acho que ele está velho, que perdeu a força dos antigos guerreiros cristãos, que se acomodou. De tigre que era quando ainda acreditava na força dos exorcismos, transformou-se em gato caseiro. Falei a ele que meu Gabriel tinha sido tomado pelas potências do mal, que era preciso fazer alguma coisa com urgência antes que ele fosse destruído, mas o padre Crisóstomo não me deu ouvidos, disse que Gabriel só precisava casar e constituir família; como se ele já não tivesse família, como se eu não existisse, como se houvesse um vazio a ser preenchido por outra mulher. Os homens não entendem o que significa alguém sair de dentro de você, ser parte de você, e mesmo depois de crescer continuar sendo extensão do seu corpo. Nunca vão entender o que significa ser mãe.

– Não entendo o que isso tem a ver com as mortes.

– Tem tudo a ver, delegado. Quando alguma coisa atinge o meu filho, atinge meu próprio corpo; quando algo lhe afeta a alma, afeta minha própria alma. Assim, desde que eu soube da profecia feita por aquele espírito das trevas, não tive dúvida de que se tratava de um agente do mal. E meu filho também teve consciência disso, tanto que procurou o senhor para pedir proteção e ajuda. E o senhor foi um bom homem, delegado. Mas o mal é insidioso, penetra em todas as ranhuras do bem, invade cada fresta do homem de boa vontade, subverte-o; e foi o que aconteceu com o senhor. O mal assume formas imprevisíveis, e a mais poderosa de todas é a forma da mulher. O senhor não se deu conta, mas logo depois do vaticínio feito pelo estrangeiro o demo se fez presente sob a forma de duas mulheres. Uma para Gabriel, outra para o senhor, com a finalidade de amolecer os espíritos. Tanto que o senhor, que no início tinha acolhido com simpatia a causa do meu filho, em pouco tempo estava enamorado e inteiramente tomado por uma delas. O mesmo aconteceu com Gabriel, só que ele resistiu mais. O senhor não se

deu conta de como as duas eram parecidas? Na verdade elas eram duas formas do mesmo ser. Consegui destruir uma.

Espinosa estava atônito. Welber, ao mesmo tempo em que digitava, olhava para a senhora que diante dele confessava dois assassinatos como se estivesse confessando o roubo da receita de doce da vizinha. Enquanto falava, D. Alzira permanecia empertigada na cadeira em frente à mesa de Espinosa, os pés mal tocando o chão, as mãos cruzadas sobre a bolsa no colo. Welber, numa mesa ao lado, digitava o depoimento sem em nenhum momento merecer o olhar de D. Alzira, que mantinha o olhar fixo no delegado.

– A senhora pode nos dar os detalhes de como executou essas mortes?

– É o que estou fazendo. O caso da moça foi mais trabalhoso. Comecei tomando o metrô com ela. Gabriel tinha me contado que às vezes eles se encontravam no metrô a caminho do trabalho, e qual era a estação dela. Passei a pegar o mesmo trem. Nunca me apresentei. Deixei que os encontros na plataforma se tornassem habituais. Foram necessários vários dias até se apresentarem as condições ideais. Um dia, quando o trem se aproximava e a multidão se movimentava em direção ao embarque, vi Olga na beira da plataforma, de frente para os trilhos e de costas para mim. Era o momento perfeito, melhor do que eu tinha imaginado. Assim que o trem apontou no início da estação, me aproximei sem ela perceber, fingi um tropeção e com um pequeno tranco de ombros tudo estava acabado. Ninguém se deu conta do que antecedeu sua queda nos trilhos, e mesmo que alguém tivesse percebido, o máximo que poderia dizer é que tinha visto uma senhora se desequilibrar e esbarrar na moça. Um trágico acidente. Mas ninguém percebeu nada. Aproveitei a confusão que se seguiu à queda, saí da estação e peguei um táxi.

D. Alzira olhava para Espinosa como esperando um cumprimento, Welber digitava as últimas frases e Espinosa esperava a continuação do relato. Passados alguns segundos, o ruído das teclas do computador foi substituído pelo rumor contínuo do tráfego através da janela fechada.

– E no caso do estrangeiro?

– No caso dele foi mais simples, não houve necessidade de preparação. Gabriel tinha conseguido o endereço dele num hospital, e pretendia se encontrar com ele para esclarecer tudo. Mas meu filho é um puro, delegado, não tem consciência do mal, não conhece as artimanhas de Satanás. Decidi que precisava agir antes dele, sobretudo quando me dei conta de que ele havia comprado uma arma. Uma manhã, antes de ele acordar, troquei o revólver que trazia sempre no bolso do casaco pelo velho revólver do meu marido. Eram do mesmo tamanho e peso, ele não perceberia a diferença. Assim que ele saiu para o trabalho, fui ao endereço do vidente. Era um apartamento térreo. Toquei a campainha mas não tinha ninguém em casa. Voltei à tarde, e o apartamento continuava sem ninguém. O edifício não tem porteiro nem garagista, não tem garagem. Voltei uma vez mais no começo da noite e fiquei à espera num pequeno corredor lateral, do lado externo do prédio. Depois de mais de uma hora vi um casal chegando, e logo depois a luz interna do apartamento se acendeu. Estava decidida a tocar a campainha e atirar logo que a porta fosse aberta, e já estava me dirigindo para a portaria quando ouvi o barulho da janela lateral sendo aberta. A janela era protegida por grades e ficava a pouco mais de um palmo do alto da minha cabeça. Quando o homem acabou de levantar a persiana e a janela de guilhotina, me aproximei no escuro e chamei o nome dele, baixinho. Ele chegou o rosto para a frente, até a grade, para tentar enxergar quem estava chamando. Levantei o revólver, quase encostando no nariz dele, e atirei. Para minha surpresa, apesar do barulho do tiro ninguém apareceu. Era a hora da novela. Ouvi o grito engasgado da mulher que estava com ele. Guardei a arma na bolsa e saí no escuro em direção à rua. Não tinha ninguém por perto, continuei andando sem pressa pela calçada e depois de uma quadra dei de frente com o cemitério São João Batista. Andei em direção à capela e vi que nas salas do segundo andar tinha gente velando seus mortos. Achei que lá estaria segura. Assim que entrei, fui para o toalete, precisava sumir com a arma e não queria jogá-la na rua, não sabia se ela estava registrada. No

toalete tirei as balas do revólver e guardei na bolsa, junto com a arma. Vi uma sala com apenas duas senhoras conversando em pé na porta. Esperei que elas se afastassem. Dentro, só tinha o caixão com o morto. Entrei, fiz o sinal da cruz e enfiei o revólver por debaixo do defunto. Foi tudo muito rápido, ninguém me viu entrar nem sair.

Nesse ponto, D. Alzira fez uma pausa no relato, como à espera de algum comentário.

– Voltando um pouco atrás – disse Espinosa –, quando a senhora estava no corredor lateral do prédio esperando o vidente – o corredor era iluminado?

– Não. Acho que não. Se tinha alguma iluminação, era muito fraca. Estava escuro.

– Havia latas de lixo? Segundo a senhora, é um corredor de serviço.

– Não me lembro. Como já disse, estava escuro, não deu para ver o que havia no corredor.

– Mas a senhora tinha estado lá durante o dia, não se lembra de nenhum detalhe?

– Eu estava com a atenção voltada para o movimento no prédio, não me lembro dos detalhes das coisas. Minha preocupação era com o vidente.

– Quando saiu da capela do cemitério, o que a senhora fez?

– Saí naturalmente, como se estivesse saindo de um velório, e de fato estava. Peguei um ônibus. Cheguei em casa um pouco antes de Gabriel e guardei as balas na caixa que sabia onde estava escondida. Quando ele chegou, tivemos uma conversa sobre a conveniência de ele deixar o revólver sob minha guarda. Nem sei se ele notou que a arma tinha sido trocada.

– Por que a encenação de me trazer a outra arma?

– Porque eu sabia que o senhor ia mandar examinar. Não sendo a arma do crime, qualquer suspeita quanto a Gabriel ser o autor dos disparos seria afastada. O que eu não imaginava é que o senhor fosse contar as balas da caixa e perceber que faltava uma. Quando

Gabriel me falou, ontem à noite, que o senhor o tinha interrogado sobre isso, decidi que estava na hora de esclarecer tudo. É o que estou fazendo neste momento.

– A senhora tem consciência de ter confessado dois assassinatos?

– Delegado, sou uma pessoa plenamente consciente dos meus atos.

– Alguém mais sabe disso?

– Meu padre confessor.

– E Gabriel?

– Meu filho não sabe de nada. Peço que o senhor não conte a ele, prefiro contar eu mesma.

Seguiu-se um silêncio prolongado que foi tomado como sinal de que a confissão chegara ao fim.

– O detetive Welber vai imprimir uma cópia do seu depoimento. Depois de ler cuidadosamente o que está escrito, quero que a senhora assine.

– O senhor vai me prender?

– Não. A senhora se apresentou espontaneamente, sabemos seu endereço, não há necessidade de detê-la. Além do mais, precisamos confirmar alguns pontos do seu relato. A senhora se lembra de qual era a sala do velório onde estava o corpo sob o qual escondeu a arma?

– Era no segundo andar. Sei que em duas das salas havia muita gente, as outras estavam vazias. Não vai ser difícil localizar.

– Eu gostaria que a senhora voltasse amanhã, acompanhada do seu filho e de um advogado.

– Por que meu filho? O que o senhor ainda quer saber?

– Falei para a senhora que seu depoimento não cancelava a intimação feita a Gabriel. Além disso, ainda há alguns detalhes...

– Por que o senhor não pergunta agora?

– Porque é importante que seu filho esteja presente. Welber entregou ao delegado as folhas com o depoimento. Espinosa passou-as para D. Alzira.

– Por favor, veja se expressa fielmente o que a senhora disse.

D. Alzira leu cuidadosamente o depoimento, assinou, e devolveu a Espinosa. Em seguida levantou-se, ajeitou o cabelo, despediu-se sem estender a mão, e encaminhou-se para a porta segurando a bolsa contra o peito com as duas mãos.

– Espinosa, essa senhora é capaz de dizimar um exército.

– Também acho. Acontece que você pode dizimar um exército ou uma multidão sem confronto direto, apenas apertando um botão; é diferente de dar um tiro na cara de um homem a um palmo de distância, ou empurrar uma moça para debaixo das rodas de um trem.

– Você acha que ela está mentindo?

– O fato de confessar os crimes não é garantia de que ela os tenha cometido. A história da arma escondida no caixão é evidentemente verdadeira, ela não inventaria isso, a autoria é que é duvidosa. Temos que pedir a exumação do corpo. Procure saber qual o morto velado naquela noite por duas senhoras em uma sala do segundo andar da capela do cemitério São João Batista.

Na manhã de sexta-feira Espinosa tornou a tomar o café da manhã sozinho. Irene voltara no dia anterior para seu apartamento. O percurso até a delegacia foi feito sob um céu cinza e com vento. O dia se passou sem que D. Alzira e Gabriel comparecessem à delegacia. Espinosa mandou intimá-los por escrito. Irene não deu notícia. Ele também não telefonou. À noite, adormeceu lendo um livro policial que desconfiava já ter lido. Dormiu ouvindo o barulho das árvores agitadas pelo vento. O dia seguinte era sábado.

Quando, pela manhã, abriu a porta do apartamento para pegar o jornal, foi recebido por Petita, que abanava freneticamente o rabo enquanto esperava a dona subir o último lance da escada. Ao ver Espinosa, o rosto de Alice se iluminou com um sorriso.

- Trouxe seu jornal, que estava na portaria.
- Obrigado, querida, continuamos nos vendo pouco, não é?
- É, parece que você anda ocupado.

Espinosa achou que havia ironia na frase, mas não passou recibo. Alice sabia que antes de tomar o café da manhã ele não era de muita conversa.

– Semana que vem você já vai poder pegar o Vizinho. Não quer fazer uma última visita antes de ele vir para cá? – Tudo bem, amanhã de manhã a gente visita nosso amigo.

A máquina de café estava ligada e o pão na torradeira. Espinosa lançou um olhar para as manchetes do jornal, deu o primeiro gole no café, e o telefone tocou. Deixou a secretária gravar a mensagem. Era Irene, propondo almoçarem juntos. Pelo menos ela não tinha ido para São Paulo. As torradas saltaram, deu mais um gole no café e o telefone tocou outra vez. Imaginou que fosse Irene acrescentando alguma coisa ao recado. Levantou-se para atender.

- Delegado Espinosa?
- Sim.
- Minha mãe morreu.
- Gabriel! Onde você está?
- Em casa... com ela.
- Como ela morreu?
- Gás. .
- Como sabe que está morta?
- Não há nenhuma dúvida.
- Você comunicou a alguém?
- Não.
- Estou indo para aí.

Engoliu o resto do café, telefonou para Welber dando algumas instruções, vestiu-se e saiu. Quando chegou ao prédio no bairro do Flamengo, antes mesmo de ele tocar a campainha, Gabriel abriu a

porta. Estava de short, descalço, vestia um suéter por cima da pele, os cabelos estavam despenteados.

– Abri as janelas e fechei o gás. Não toquei no corpo... Não consegui.

O cheiro de gás ainda era sensível. O apartamento térreo não possibilitava boa aeração e Gabriel mantivera a porta da sala fechada. D. Alzira estava sentada no chão da cozinha em frente ao fogão com a porta do forno aberta.

Espinosa calculou que ela devia estar morta havia várias horas, provavelmente desde o início da madrugada.

Eia fechou a porta da cozinha e a janela basculante, vedou as frestas maiores e abriu todos os bicos de gás e o forno. Só descobri de manhã, quando acordei com a campainha tocando. Era o porteiro, avisando sobre o cheiro de gás. Ela tomou o cuidado de vedar a parte de baixo da porta do meu quarto com uma toalha molhada, pelo lado de fora.

– Deixou algum bilhete? – Não.

Você esteve com ela ontem à noite? -Jantamos juntos. Fomos dormir cedo.

Sobre o que conversaram durante o jantar? Nada em especial. Falamos pouco.

Ela falou sobre o depoimento de ontem à tarde? Que depoimento? Ela prestou algum depoimento, ontem? Depois falo com você sobre isso. Durante o jantar ela não disse nada que sugerisse o que ia fazer? Estava um pouco ansiosa, disse que ia tomar um remédio para dormir. Foi uma conversa banal.

Espinosa telefonou para a 9ª DP, situada a três quadras de distância, comunicando o ocorrido. Passados quinze minutos chegaram dois policiais. O delegado esclareceu que fora chamado primeiro porque era conhecido da família. Deixou que os detetives conduzissem as investigações iniciais. A perícia chegou pouco depois. Espinosa permaneceu no apartamento durante algum tempo, enquanto Gabriel trocava de roupa e respondia às perguntas dos

detetives. Deixou os números dos telefones onde poderia ser encontrado e saiu.

A caminho de casa, refletiu sobre o fato pouco comum de uma senhora de quase sessenta anos, profundamente religiosa, de moral até então inatacável, procurar espontaneamente uma delegacia de polícia para confessar, não sem orgulho, que assassinara fria e premeditadamente duas pessoas que nem sequer conhecia, alegando serem agentes do mal. Na opinião dela, agira em legítima defesa do filho, e não sentia culpa pelo que fizera. Passadas poucas horas da confissão, janta com o filho, deseja-lhe boa-noite, e suicida-se pouco depois sem deixar nem um bilhete. Na opinião de Espinosa, algumas partes da história não combinavam com as outras.

9

Chegando em casa preparou outro café. Na praça em frente, o vento continuava a soprar. Voltou a ligar para Welber, mandando-o tirar cópias do depoimento de d. Alzira e enviar aos delegados da 9ª, 10ª e 19ª DPS, juntamente com a notícia do suicídio da depoente. Ele próprio telefonaria mais tarde para os delegados expondo as histórias que se cruzavam.

Às duas da tarde, depois de pegar Irene, escolheu um restaurante na avenida Atlântica, de frente para o mar, apesar de considerar improvável que a beleza da vista conseguisse apagar a imagem de D. Alzira no chão da cozinha.

- O que você está evitando me contar?
- A mãe de Gabriel.
- O que houve com ela?
- Morreu.
- Morreu?
- Se matou.

- Por causa do filho?
- Parece que por causa dela mesma.

Espinosa contou sobre a confissão feita por D. Alzira na delegacia e repetiu o relato de Gabriel sobre o suicídio.

– Espinosa, não acredito que essa senhora tenha cometido esses crimes.

– Você a conhecia?

– Nunca vi na vida, mas não acredito que uma senhora de quase sessenta anos tenha cometido dois assassinatos com tanta frieza.

– Era uma fanática religiosa. Se bem que podemos fazer o raciocínio inverso: precisamente por serem fanáticas religiosas, certas pessoas não têm necessidade de sair por aí matando os agentes do mal.

– E agora, o que vai acontecer?

– Agora ela está morta e cópias do depoimento dela foram enviadas para as três delegacias envolvidas.

– A confissão e o suicídio significam que o caso está encerrado?

– Para as delegacias, é provável que sim.

– E para você?

– Para mim, a história não fechou. A arma escondida no caixão confirmará o depoimento de dona Alzira – ela não inventaria isso, sabendo que poderíamos verificar –, e as delegacias envolvidas ficarão contentes por aumentarem seus índices de casos resolvidos, mas na verdade nada está claro. Nem mesmo o suicídio de dona Alzira.

– Por quê? Ela não se matou?

– Não posso garantir. Tecnicamente, Gabriel pode ter matado a mãe. O remédio para dormir que ele declarou ter visto ela tomar, pode ter sido reforçado. Ela era pequena e magra, fácil de ser transportada do quarto para a cozinha, depois era só abrir o gás.

– E os detalhes revelados por ela no depoimento? Ela não pode ter inventado tudo aquilo.

– Pode ter ouvido do filho.

– Isso que você está me dizendo são apenas hipóteses, não?

– Claro. Ela pode, efetivamente, ter cometido suicídio. O que perdemos foi a possibilidade de confrontá-la com o filho sobre alguns detalhes do depoimento. com sua morte, a confissão adquire valor de verdade, o que é muito conveniente para Gabriel.

– O que você acha que realmente aconteceu?

– O que eu acho é muito fantasioso para constar de um inquérito policial.

– Mas eu não estou fazendo um inquérito policial.

Espinosa olhou para o mar, permaneceu durante alguns segundos como que capturado pelo cenário, e voltou a olhar para Irene.

– Vamos fazer um exercício de imaginação. Não há nenhuma prova, nem mesmo indício, que sustente o que vou dizer, não passa de conjectura. Quando Gabriel me procurou pela primeira vez, estava realmente se sentindo ameaçado pela predição do chileno. Não estava fazendo jogo, não estava agindo de má-fé, realmente acreditava que mataria uma pessoa antes da data de seu próximo aniversário. Nós é que não fomos capazes de entender a verdade dele. Em vez de pensar em Gabriel, pensamos no chileno, no quanto ele era salafário, charlatão, farsante e todas essas coisas; mas o cerne da questão não estava na verdade ou falsidade do chileno, e sim em Gabriel. A única razão para alguém ficar tão aterrorizado com uma profecia de botequim, é ela ser verdadeira. Mas o próprio Gabriel via como absurdo o fato de vir a matar alguém. Como tornar verdade esse absurdo? A resposta, na minha opinião, é que Gabriel estava se sentindo culpado por um assassinato já cometido. A sentença do vidente era verdadeira, o tempo é que estava errado: futuro em vez de passado. Gabriel teria, direta ou indiretamente, concorrido para a morte de alguém, num tempo remoto. O que a frase do chileno fez foi reativar esse crime. Daí o terror legítimo sentido por Gabriel.

– Mas... quem Gabriel teria matado?

- O pai.
- O pai?!
- É.

– Puta que pariu, Espinosa, bem que você me disse que era dominado pela imaginação. Você pode me dizer como ele matou o pai?

- Fechando a porta.
- O quê?
- Fechando a porta do banheiro.
- Não estou entendendo.

– Como eu disse, trata-se de um exercício de imaginação. A coisa teria se passado mais ou menos assim: era inverno, a casa em que eles moravam era antiga e não tinha box no banheiro; o que havia era uma banheira com o chuveiro e aquecedor a gás; uma cortina de plástico em torno da banheira completava o conjunto. O marido de dona Alzira gostava de tomar banho de imersão, hábito provavelmente adquirido nos hotéis que frequentava com outras mulheres não tão religiosas quanto a sua. Dona Alzira abre a torneira quente da banheira, prepara o banho do marido, e fecha o basculante da janela. É possível que em situações anteriores semelhantes Gabriel tivesse ouvido comentários críticos da mãe sobre os banhos do pai fora de casa. A partir desse ponto, nossa história tem duas versões. Na primeira, dona Alzira avisa que vai ao supermercado enquanto o marido está no banho. Ao sair, pede ao filho para fechar a porta do banheiro para o pai não se resfriar. O que ela não disse ao filho foi que o aquecedor era tão velho quanto a casa, e que a chaminé de exaustão estaria obstruída pela fuligem. Na segunda versão, a mãe sai sem dizer nada e Gabriel simplesmente fecha a porta do banheiro para não ver o pai, porque para ele o banho do pai estava associado às vezes em que ele traía a mãe. Em ambas as versões, a morte por monóxido de carbono é quase certa. Isso aconteceu poucos dias antes de Gabriel completar dez anos de idade.

- Cara, você é muito doido.
- Não mais do que as pessoas comuns.
- E quem matou Olga e o chileno?
 - Provavelmente Gabriel, mas não excluo a possibilidade de a mãe ter matado Olga; era uma ressentida, via as mulheres como a encarnação do mal.
 - E a ameaça que sofri?
 - Na minha opinião, foi pura cortina de fumaça, pantomímica demais para ser verdadeira.
 - Tudo o que você disse é fantasia sua ou você realmente acredita que as coisas tenham se passado assim?
 - Alguns detalhes podem ser diferentes, mas acredito que as coisas tenham se passado mais ou menos dessa maneira. Agora não faz diferença, não há como verificarmos, e o depoimento e a morte de dona Alzira colocam um ponto final na história. Se alguma verificação vier a ser feita, se vierem a encontrar a arma escondida debaixo do defunto, isso apenas vai confirmar o depoimento de dona Alzira. Mesmo que a autópsia constate uma quantidade acima do normal de sonífero no organismo dela, o fato não será considerado suspeito; é de supor que uma suicida procure atenuar o sofrimento antes de abrir o gás. Por isso, acho que a história está encerrada. Uma coisa, porém, é certa: se eu tiver razão, a profecia do chileno se cumpriu. Hoje é aniversário de Gabriel.
 - O que vai acontecer com ele?
 - De imediato, nada. Passado algum tempo, acho que ele vai me procurar. Não o imagino sozinho naquele apartamento cinzento e escuro convivendo com a verdade dessas mortes sem enlouquecer. Não sei o que virá primeiro: a confissão ou a loucura.
- Apesar de ser sábado à tarde, a praia estava deserta e poucas pessoas passeavam pela calçada próxima à areia. O salão do restaurante era protegido por uma ampla vidraça, que naquele momento barrava o forte vento sudoeste, soprando havia dois dias. Mar e céu, em tons carregados de verde e cinza, contrastavam com

a espuma de inumeráveis pequenas ondas provocadas pelo vento, enquanto buracos nas nuvens escuras davam passagem a réstias de sol que incidiam rápidas sobre o mar.

FIM